





# INSTITUIÇÕES ELEMENTARES

DE

## RHETORICA

## Livros que se vendem

### Em casa de J. Augusto Orcel, editor,

#### Rua das Fangas, n.º 1, Coimbra

A. Cardoso Horges de Figueiredo, Synopse do	
Bosquejo historico da Litteratura Classica, Grega, Latina e	
Portugueza, para uso das escholas, 6.ª edição, em 8.º, 1871	300
- Elementariae Rhetoricae Institutiones, ad usum scho-	
larum adcommodatae, 3.ª edicão, 1852	500
Logares Selectos dos classicos portuguezes nos princi-	
paes generos de discurso em prosa, para uso das escholas, 14.	OFA
edição, 1875	850
Doria, Elementos de philosophia racional, para uso das	720
escholas, 7 a edição, 1868	120
— Compendio de Historia, para uso das escholas, 9.	4 4200
edição, 2 vol. em 8.º, 1874	10100
J. Alves de Sousa. Curso de Philosophia Elementar,	
comprehendendo Psychologia, Logica, Metaphysica, Moral e	1.8200
Direite Natural, para uso das esch., 2. ed., 1873, 1 vol. br.	239-00
Grammatica Elementar da Lingua Latina, para uso das	600
escholas, 7.ª edição, 1 vol. em 8.º, 1874 (no prelo)	
matica Elomentar da Lingua Latina, 2.ª edição, melhorada e	
muito augmentada, 1 vol. 1872	800
Bento J. de Oliveira. Nova Grammatica Portugueza,	
8.ª edicão, melhorada, 1874, broch	500
J. A. Vicira da Cruz. Nova Grammatica Elementar da	
Lingua Franceza, para uso das escholas, 2.ª edição, 1872,	
1 vol. em 8.º broch	
Bernardino J. da S. Carneiro, Elementos de Goo-	
graphia o Chronologia, para uso das escholas, 8.º edição, 1868	
Elementos de moral e principios de direito natural, para	
uso das escholas, 8.º edição, em 8.º, 1870	
Poetica, para uso das escholas, 8.º edição, em 8.º, 1873  M. F. Micdeiros, Noções Elementares de Geographia Ma-	500
thematica, Geologica, Atmosphero-Meteorologica, Physica e	
Politica; approvadas pelo Conselho Geral do Instrucção Pu-	,
blica para uso das escholas, 2.ª edição, 1808.	1.8800
Castro e Rodrigo, Geometria Elementar theorica e pra-	
ctica, 4.4 edição, muito augmentada, em 8.º, 1866	. 600
J. J. Manso Preto. Elementos de Algebra, 4.ª edição	0
correcta e augmentada, em 8.º, 1870	1.8320
Simoem D. Cardono, Logares solectos de escriptores lati	
nos, com a traducção interlinear, para uso das escholas 185'	7 400
Peruligio. Principios Elementares de Chorographia Portu	
gueza, para uso das escholas de instrucção primaria. 7.º odi	-
ção, 1874	. 120

## INSTITUIÇÕES ELEMENTARES

DE

# RHETORICA

#### PARA USO DAS ESCHOLAS

POR

#### A. CARDOSO BORGES DE VIGUEIREDO

Cavalloiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa, Professor Jubilado em Oratoria, Poetica e Litteratura classica, no Lyceu Nacional de Coimbra, etc.

#### Nona edicao

MAIS CORRECTA E AUGMENTADA

COIMBRA

LIVRARIA DE J. AUGUSTO ORCEL

Rua das Pangas, n.º 1.

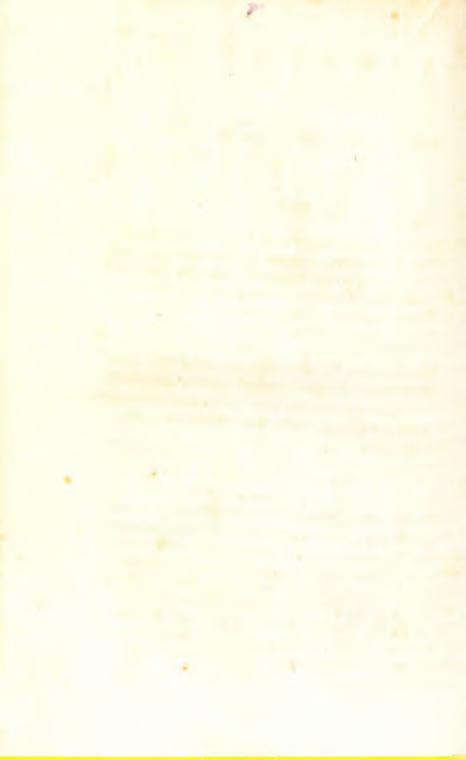
1875

per outros estudos o tempo, na verdade, estreito para se profundar logo qualquer das diversas disciplinas: poronde, só podem dar-se nos lyceus os primeiros elementos de cada uma.

Ainda assim, contêm o livro as principaes sementes de doutrina, tanto na oratoria como na eloquencia em geral; porque nelle se tocam não só os preceitos communs aos varios generos de discurso, senão tambem os peculiares de cada um, segundo seus especiaes objectos, meios e fins. O vosso activo estudo, ajudado pola sabia direcção do professor, fará germinar aquellas sementes no vosso animo: com o tempo se irão desinvolvendo e crescendo as plantas; e lá virá depois a flor e o fructo.

Parecer-vos-ão sobejos os exemplos. Não vos assusteis. Sam elles necessarios para melhor intenderdes a parte theorica; mas, como outrora disse.

vosso mestre vos indicará os que so deveis entregar á memoria. A maxima parte e os mais extensos servirão para a leitura e analyse; que esse estudo practico é, porcerto, assim neste como nos demais ramos da litteratura, o exercicio mais importante.



#### PREFACIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Achava-se esgottada a primeira edição latina dos Elementos de Rhetorica, os quaes, ha tres annos, eu destinára ao uso das escholas. Agradecido ao publico illustrado, que tam benigno acceitára o meu serviço, curei de dar na mesma lingua uma nova edição, a todo meu poder, melhorada. Mas houve tambem motivos particulares que me determinaram a traduzir aquellas breves instituições: e assim, ao passo que da estampa saíam as folhas, eu as fui trasladando na lingua nacional. Poronde, quasi ao mesmo tempo, em separados livros vêim agora a lume o original e a traducção, que em vossas mãos ponho, estudiosa mocidade.

Ao exemplo do Orador Romano, que, havendo traduzido Eschines e Demosthenes, confessa não ter dado as coisas do texto per conta, senão per pêso; tambem eu nesta minha traducção por melhor tive o não dar palavra per palavra: que, em verdade, fôra isso demasiado escrupulo ou superstição inutil. Achareis porém, ou eu me engano, que a traducção é fiel, quanto o soffre o diverso genio d'uma e outra lingua. Se ás vezes, que não foram muitas, ao texto accrescentei alguma palavra ou, ainda, alguma phrase, sobrepensado foi: e porque o não faria, se com isso illuminasse mais o sentido? Certo que em todo o discurso, e mais ainda no didactico, é a perspicuidade a virtude prima.

Lá dizia no prefacio do original que plano eu traçára e que auctores havia consultado. Muitos foram elles: os que porém mais parte commigo têem na obra, sam, dos antigos, Cicero e Quinctiliano: dos modernos, Blair, Le Clerc, Geruzez; dos nossos, Soares Barbosa e Freire de Carvalho. D'esses grandes mestres colhi as melhores doutrinas; e do meu pobre cabedal lhes ajunctei o que me pareceu importante ou necessario. Tendes pois, em compendio, quanto basta para dardes os primeiros passos na lustrosa carreira da eloquencia; sendo que não só toquei o que importa saber nos tres generos de oratoria, - concional, forense e sagrada -, senão tambem o que respeita A eloquencia dos discursos, — epistolar, didactico, descriptivo, historico, poetico, etc. - Sim: dictando aquillo que é commun a todos os generos, fui junctamente semeando aqui e alli as differenças de cada um; e apoiei os preceitos na practica dos mais distinctos classicos, latinos e portuguezes. Multiplicados vam os exemplos; nem d'isso me pêza: sam elles porventura a melhor porção do meu trabalho. Releva que os analyseis todos; nem todos porém será preciso dar á memoria. A escelha d'elles, bem como o desinvolvimento das materias, deixo á prudente direcção do habil professor que ouvirdes.

Não cuideis, porém, que estes elementos bastam para vos consummardes na eloquencia; não o cuideis. Força é que ao rico ingenho, e aos demais felizes dotes da natureza, juncteis um activo e aturado estudo; e que, pela judiciosa imitação dos melhores modelos, apureis o gosto. Só com estes e outros auxilios é que podereis um dia chegar ao fructo, que elevado pende d'este bello ramo da Litteratura.

Coimbra, 30 de março de 1851.



## NOÇÕES PRELIMINARES

DA

#### ELOQUENCIA E DA RHETORICA EM GERAL

NATUREZA, FIM E DIVISÃO, DA ELOQUENCIA

#### \$ 1

Nascido para a sociedade, o homem não recebeu da summa bondade do Creador melhor dote que a faculdade de falar; sendo certo que outra não ha que mais prestimo tenha em todo o tracto da vida, publica e particular. E a verdadeira eloquencia ganha para si louvor e estimação; mantêm o estado; é o doce amparo da humanidade.

#### § 2

Eloquencia é—a força de dizer dominadora do animo alheio; — isto é, a faculdade de exprimir os pensamentos pela maneira mais propria para produzir a convieção. O deleite e a persuasão. Esta força natural, para que se não desvie do direito caminho, ha mister de ser guiada pela arte; serve-lhe de guia a rhetorica: i. é, — a disciplina que rege o genio no uso da eloquencia.

#### \$ 3

Á natureza pois é que se deve o dom da palavra; a arte porém teve o seu principio na observação do que é util na fala. E, se é certo que a eloquencia póde per si, mediante a voz, effeituar seu intento; não o é menos, que a rhetorica per algumas leis a dirige e auxilia. E d'aqui se vê que é diversa a origem, diversa a natureza d'uma e outra; e assim diversos os objectos, os meios e os fins.

#### 8 4

Nem é menos evidente onde põi sua mira a eloquencia. Todo o homem de siso, falando ou escrevendo, porcerto intenta—ou reduzir os outros a que reconheçam e accreditem alguma verdade;—ou attrahil-os pelo agrado;—ou determinal-os pelo impulso. Eis os fins d'aquella faculdade,—convencer, deleitar, persuadir;—sendo todavia este ultimo o mais nobre; porque na moção dos corações, da qual immediatamente dimana a determinação da vontade, é que a eloquencia têm seu principal dominio.

#### \$ 5

Não é logo sem razão que quem fala ou escreve, de geito que possa conseguir qualquer d'aquelles fins, seja havido por eloquente: especialmente porém o é aquelle cuja voz, partindo-lhe do coração, cala no coração alheio.

#### \$ 6

E como o que é dotado de tam excellente virtude póde manifestal-a em qualquer materia, sobre que haja de falar ou escrever; porisso é que tomâmos a eloquencia em dois sentidos. Tomada em geral, cabe ella em todo o discurso, ou poetico ou prosaico ou philosophico ou historico ou

epistolar ou familiar, etc.; sendo certo que todos esses generos de discursos clarêam com a luz da eloquencia, como com o sol o mundo. Mas em accepção restricta, limita-se a certos discursos publicos, onde o seu poder é maior e mais ostensivo. Esta é que propriamente se diz oratoria; o que a cultiva, orador; a obra do orador, accommodada a qualquer dos tres fins, discurso oratorio.

#### \$ 7

D'esta eloquencia propriamente dicta têem feito os rhetoricos, ou mestres da arte, varias divisões. Nós, acostando-nos quasi a Hugues Blair, e olhando assim aos assumptos como aos logares em que se costuma exercer a oratoria, dividimol-a em tres generos - concional, forense o sagrada. — A concional occupa-se dos negocios publicos, quer politicos quer litterarios quer militares; e abrange assim tres especies - a eloquencia parlamentar ou da tribuna, a academica e a militar.—A forense tracta as causas do foro, onde se intenta uma acção ou se dá a defesa d'ella.—A sagrada versa sobre o que respeita á gloria de Deus e á nossa salvação eterna. — Seguindo Aristoteles, dividiram os antigos a eloquencia em laudativa, deliberativa e judicial; fazendo consistir a primeira no louvor ou vituperio: a segunda nos conselhos: a terceira nas questões forenses. Esta divisão, porém, não comprehende todos os generos de assumptos; e parece dar por proprio ao primeiro o que é commum a todos tres.

#### 8 8

Tambem se distinguem tres graus d'eloquencia. O primeiro ou insimo procura só o deleite dos ouvintes; como nos discursos panegyricos e outros d'este genero. O segundo ou médio, unindo o util com o deleitoso, não só procura agradar, senão tambem instruir; como no foro, na historia, nos tractados didacticos e outros similhantes. O terceiro o superior é aquelle em que o orador forceja

por mover os animos: a este grau abrem um bello e vasto campo os discursos do pulpito e os da tribuna. — Demais, conforme o orador têm em vista ou só o assumpto, ou só a ostentação, ou uma e outra coisa ao mesmo tempo, assim a fórma do discurso será ou pragmatica, ou epidictica, ou mixta.

П

MEIOS, OFFICIOS, E REQUISITOS DO ORADOR

8 9

Para a eloquencia chegar ao fim que se propoz, emprega tres meios geraes, — pensamentos, palavras e gestos; — i. é, as acções d'alma ou as idêas e suas relações; os sons articulados, que as significam: e os movimentos do corpo, que com as intoações acompanham a fala. Os pensamentos sam como a alma do discurso, as palavras e os gestos sam o corpo e a fórma externa.

#### § 10

Os meios particulares porém ou, antes, os officios do orador sam — a instrucção, o agrado, o impulso; — entre os quaes o primeiro se dirige ao intendimento dos ouvintes, o segundo á imaginação, o terceiro á vontade. Pelas provas o orador instrue para convencer: pelas bellezas agrada para deleitar; pelos affectos, brandos ou fortes, move para persuadir.

#### \$ 11

Mas nem sempre estes meios terão logar, todos junctos, na materia que têm que tractar-se; sendo que cada um d'elles é relativo não só ao fim do discurso, senão ao estado em que suppozerdes o animo dos ouvintes. E sendo esse estado—já de ignorancia ou erro, já de indifferença, já de

paixão,—importa remover a ignorancia ou o erro pela instrucção; a indifferença pelo agrado; a paixão per um impulso contrario. Todas as vezes porém que ser possa, empregar-se-ão todos simultaneamente: pois-que, assim como o discurso, senão deleitar nem mover, ficará como desanimado e sem interesse; assim, senão instruir, não terá solidez.

#### § 12

Para que o orador porém não trabalhe em vão, nelle se requerem — natureza e auctoridade e conhecimento da lingua e estudo. — Primeiramente, é de desejar que o favoreça a natureza, i. é, excellentes dotes do espirito e do corpo; pois áquelle a quem elles faltarem não aproveitará o ensino mais que aos terrenes estereis a cultura. — Haja no espirito um genio ou ingenho rico, i. é, aptidão natural para inventar e ser grande em qualquer profissão: haja uma phantasia viva, que represente fielmente os objectos: haja memoria fiel, que com firmeza retenha e facilmente reproduza as idêas: haja um gosto delicado, para distinguir o bello do defeituoso. — O corpo seja dotado d'um peito forte, d'uma voz sonora, e d'uma figura não desagradavel.

#### § 13

Em segundo logar, faça-se recommendavel pela auctoridade, que é— a influencia do que fala sobre o intendimento e vontade dos ouvintes;—influencia nascida do reconhecido merecimento. Este porém é effeito do saber, da prudencia e da probidade; qualidades tam necessarias para convencer e persuadir, que sem ellas inuteis se tornam as outras.

#### § 14

Em terceiro logar, saiba com a maior perfeição possivel a lingua em que ha de proferir os conceitos do espirito: pois como se poderá intender o discurso d'aquelle que nem conhece bem as palavras que o uso têm adoptado, nem as noções e propriedade d'ellas: nem as leis da composição, da pronunciação e da escriptura?

#### § 15

Cultive einfim com activo estudo aquelles generos de litteratura que possam nutrir, engrandecer e aperfeiçoar, os dotes da natureza. A este requisito pertence tambem o seguir a arte por guia (§ 2); a imitação dos melhores modelos, que a historia litteraria mostrará; e o exercicio de compor e o de falar em público.

III

OPERAÇÕES DO ORADOR, E PARTES DA RHETORICA

#### § 16

Munido d'estes subsidios, cumpre que o orador ponha em pratica estas operações, e partes da eloquencia em geral, - invenção, disposição, elocução, memoria, declamação; — que em verdade se derivam da natureza mesma do espirito humano. Com-effeito, quem têm de falar sobre qualquer materia, deve primeiro que tudo esforçar-se por descobrir os pensamentos mais accommodados ao fim do seu discurso: depois de os achar, dispol-os em seus proprios logares: d'ai, escolher as palavrus e phrases, que melhor exprimam os pensamentos, achados e dispostos. Eis a substancia, a ordem e a fórma, da obra. Resta depositar na mente os pensamentos e as palavras, de modo que ao depois se recorde d'uma e outra coisa (§ 12); e porfim pronunciar o discurso pelo modo mais geitoso para produzir o effeito desejado; assim-quê a voz e o gesto condigam, não só com a natureza do assumpto e do discurso, senão também com as circumstancias das pessoas logar, tempo, etc.

#### \$ 17

E, pois nestas operações a rhetorica é que dirige e ajuda a natureza (§§ 2 e 3), ninguem ignora que tantas sam as partes da arte, quantas as da eloquencia. Como porém ha poucos preceitos que dar sobre a memoria e a declamação; porisso é que se têem por partes principaes da rhetorica—a invenção, a disposição e, com particularidade, a elocução.

#### § 18

Havendo de tractar de cada uma d'ellas, ja d'aqui advertimos aos que apprendem que não cuidem que sam immudaveis as leis da rhetorica; variam ellas segundo o assumpto e circumstancias do tempo, logar, etc.; bem como, nas estatuas e quadros, vemos variar as figuras, os semblantes e as situações. Entre as mui pouças regras a que chamam catholicas, isto é, universaes e invariaveis, duas ha principaes, que o orador em todo o acto deve seguir; a saber. — a observancia do decóro e a observancia do util. + Sim: em todo o tempo e logar as palavras e as acções do orador devem ser taes que não só estejam em perfeita harmonia com os pensamentos, materia, pessoas e outras circumstancias; senão que sejam as mais conducentes para alcançar o fim. Quanto ás outras regras, póde o orador guardal-as, ou não, como lhe convier; seguindo os dictames da propria razão e bom-senso.



## PRIMEIRA PARTE

## INVENÇÃO

#### CAPITULO I

Da materia da eloquencia: das questões: e dos estados

#### § 19

Comecemos pois pela invenção, que no orador demanda mais ingenho e saber que as outras operações; e cuja importancia é tanta que sem ella toda a locução será frivola e pueril. Invenção é—a investigação dos pensamentos mais accommodados ao fim que o orador se propoz—(§ 16): estes pensamentos, que sam as provas, os affectos e as bellezas (§ 10), só se podem achar vendo o fundo á materia do discurso.

#### § 20

Que é materia da eloquencia tudo o que póde entrar em questão, e sobre que póde tecer-se um discurso, ninguem o ignora: pois que a faculdade de falar (como diz Cicero) não se circumscreve em um recincto cujas raias ella não possa traspassar. Como porém nem tudo aquillo sobre que póde falar-se é decente que se offereça a quem ouve ou lê, de tammanha multidão de materias o orador esco-

lherá só, para assumpto do seu discurso, o que for ou justo, ou honesto, ou util, ou agradavel, e que como tal se torno interessante.

#### § 21

Mas o assumpto póde apresentar varias faces. Umas vezes será elle per uma face bom, per outra máo: assim se duvidou se foi pio ou impio Orestes em mattar a mãe, para vingar a morte do pae. Outras vezes ou per si, ou olhando á pessoa de quem se fala, o assumpto será contrario á opinião commum dos homens; qual pareceu o discurso de Polycrates contra Socrates. Ora terá tam pouco pêso o importancia, que pareça desprezivel; como o pleito sobre tres cabrinhas, ridiculizado por Marcial, no Liv. vi, epigr. 19. Ora será finalmente intricado e difficil de intender-se; tal era a accusação de Cluencio, como advertiu Cicero defendendo-o. Porisso os rhetoricos distinguem ordinariamente quatro generos de materia, — duvidosa, paradoxa, baixa, obscura.

#### § 22

Qualquer porém que seja a materia, nella podem ventilar-se dois generos de questões — these e hypothese. — These é a questão que se não liga ás circumstancias do objecto; como: Se a paz é desejavel? Hypothese é a questão limitada pelas circumstancias da pessoa, logar, tempo, etc.; como: Se devemos com este inimigo e nesta conjunctura tractar da paz? Aquella é universal e indeterminada; esta particular e determinada; e porisso aquella mais extensa que esta; assim como o todo o é mais que a parte, e o genero mais que a especie. D'onde se segue que toda a hypothese têm relação com uma these. — Qual d'ellas porém se deva discutir primeiro, dil-o-emos no tractado da disposição.

necessariamente assenta sobre um poncto ou estado, vejamos o que seja estado ou constituição de assumpto, e estado de questão. Estado de assumpto ou de discurso é — o poneto que o orador se propôi a tractar principalmente, co ouvinte a escutar com mais attenção; — isto é, o poncto fundamental de que forçosamente tractarieis, se não vos fôsse permittido dizer mais que uma só coisa. O poncto, porém, que se ventila em qualquer questão accessoria denomina-se restrictamente estado de questão. Isto se esclarece per um bem curto exemplo. Diz o accusador: Sylla, conjuraste-te com Catilina; Sylla, defendendo-se, responde primeiramente: Se me conjurei fiz bem: depois: não me conjurei. Auct. ad Her. L. I. O segundo poncto de defesa, como mais forte e essencial, será o estado do assumpto: o primeiro, que é menos forte, será estado de questão. — Importa muito determinar bem um e outro estado, para que a disputa não passe a logomachia,

#### \$ 21

Jacoto de has

E, porque em toda a controversia se debate um d'estes ponctos,—se existe o objecto? que é? que qualidades tem? - porisso sam, majormente no foro, tres os estados de conjectura, de definição, de qualidade. - No primeiro, discorrendo per conjecturas, a questão é sobre a existencia ou possibilidade do objecto; como no discurso de Cicero a favor de Celio: Se este deu, ou não, veneno a Clodia? No segundo, versa a questão sobre a natureza do facto e sobre o nome que se lhe deve dar; como no discurso do mesmo Cic. a favor de Plancio: Se o dinheiro que este deu ao povo foi, ou não, suhorno? No terceiro emfim questiona-se sobre as qualidades do objecto ou acção; como no discurso do mesmo a favor de Milão: Se este mattou justa ou injustamente a Clodio? - Averiguados estes ponctos sobre qualquer objecto, nada mais ha que averiguar.

#### CAPITULO H

#### Da natureza das provas em geral. sua classificação e logares

#### § 25

Assentado o poncto fundamental do assumpto, seja o primeiro cuidado do orador investigar os pensamentos com que ha de esclarecer o intendimento dos ouvintes ácerca da verdude de que quer convencel-os. Estes pensamentos se chamam provas ou argumentos em accepção lata; e a sua força está em fazer vêr por um ou mais juizos, verdadeiros, claros e coherentes, que o discurso vai direito ao seu fito.

#### § 26

Tres caminhos leva ordinariamente a prova: ora demonstra ella a verdade per meio de coisas sensiveis, ou pelos dictos d'outrem: ora confrontando uma coisa com outra: ora deduzindo d'um principio universal um juizo particular que nelle se contêm. D'onde tres generos de provas:—per testimunho, per confrontação, per deducção.—Comprehende o primeiro genero o signal e a auctoridade: o segundo os exemplos em geral: o terceiro os argumentos, propriamente dictos. Antes, porém, que tractemos de cada uma d'estas provas, vejamos de que fontes communs e particulares so recebem.

#### § 27

A topica, ou arte de descobrir as provas, deu excessivo cuidado aos antigos, que, dividindo os logares (ou fontes) d'ellas em communs e particulares e subdividindo uns e outros em intrinsecos e extrinsecos, longos tractados escreveram sobre o uso de cada um. Denominavam logares intrin-

secos, ou tirados da materia, — a definição, o genero, os similhantes, os contrarios, as causas, os effeitos, etc. Extrinsecos, ou de fóra da materia, — os casos-julgados, a fama, os titulos, o juramento, as testimunhas. Muito ha, porém, se advertiu que aquella selva immensa não só é esteril, senão que tolhe o passo ao discurso.

#### § 28

Deixando pois tudo isso; contentâmo'-nos com advertir que as verdadeiras fontes das provas, em todo o genero d'eloquencia, sam - a reslectida meditação do assumpto. - o estudo da philosophia, maiormente da moral, - e a historia. — E com-effeito, quanto á primeira, quem sondar bem a materia toda, menejando-a para todos os lados, até a conhecer a fundo, facilmente achará tanto o que lhe é favoravel como o que o não é: e assim, quer haja de provar quer de refutar, do assumpto nascerá quanto elle têm que dizer. Pelo que toca á segunda fonte, como a philosophia abrange todos os conhecimentos humanos, ella fornecerá copia de principios geraes para confirmar a verdade da hypothese. A historia, emfim, ministra exemplos do que se deve seguir ou evitar. — Mas estes principios (que tambem têem o nome de logares communs) não servem só para reforçar as provas, servem ao mesmo tempo para aformoseal-as; sendo uma como polpa que cobre os nervos das provas, nos quaes está a firmeza do assumpto. Assim, se por exemplo se dér por prova d'uma acção a cholera, dever-se-á desinvolver em um logar-commum a natureza d'aquella paixão.

#### \$ 29

Tambem ó de notar que, além d'aquellas tres fontes communs a toda a eloquencia, algumas ha proprias de certos generos. Porquanto, se no genero concional não ha logares especiaes para os discursos da tribuna, porissoque versam sobre todos os negocios do estado; ha-os to-

davia para os outros generos. Para os discursos do pulpito darão provas especiaes—a theologia, a historia sagrada e a ecclesiastica, as doutrinas dos sanctos padres, as tradições, os concilios:—para os debates do foro, o conhecimento das leis e do direito:— para os panegyricos, a patria do individuo a quem se ha de dirigir o louvor, o seu nascimento, as prendas do espirito e do corpo, os feitos, os dictos; etc.

#### CAPITULO III

#### Do signal e da auctoridade

#### § 30

Começando pelas provas de testimunho temos em primeiro logar o signal; é elle — uma coisa sensivel que indica outra com que têm connexão. — O signal ou mostra por si e por lei da natureza o objecto; ou por convenção dos homens: divide-se porisso, primeiramente, em natural e convencional. Assim, o gemido é signal natural da dor: os characteres das lettras sam signaes convencionaes ou arbitrarios dos sons elementares.

#### § 31

E, como a connexão do signal com a coisa significa da ou é intima ou é remota, porisso o signal se divide tambem, em necessario e não-necessario. Assim, a respiração é signal necessario da vida animal: o sangue no vestido é signal não necessario do assassinio. O primeiro produz evidencia; porque tal connexão têm com a coisa significada que, dado elle, força é que exista a coisa. O segundo, por ter connexão com varias coisas, deixa-nos em incerteza; mas, segundo as circumstancias do objecto, pódo ter alguma força; pois, confórme o signal for grave ou

leve, commum ou proprio, assim produzirá probabilidade ou suspeita, presumpção ou conjectura. — Nas causas forenses muitas vezes se recorre aos signaes.

#### \$ 32

A outra prova d'esta classe é a auctoridade, que se funda no pêso dos dictos alheios (§ 13); e, como ella provêm do testimunho de Deus ou dos homens, divide-se porisso em divina e humana. Nos livros do Antigo e Novo Testamento e na tradição é que se contêm o testimunho divino, cuja interprete é a Egreja Catholica: o testimunho humano está nos juizos e usos das nações cultas, nas opiniões dos sabios, nos proverbios ou maximas vulgares. Pela auctoridade divina se prova, por exemplo, que devemos amar a Deus sobre tudo, e ao proximo como a nós mesmos; Amarás a Deus, teu Senhor, de todo o teu coração; e ao teu proximo como a ti mesmo. S. Matth. XXII, 37 e 39. Prova-se pela auctoridade humana que o amor da patria é um dever dos bons cidadãos: Todos os amores se ajunctam no amor da patria; e qual será o bom cidadão que em defesa d'ella duvide de arriscar a propria vida? Cic. de Offic. 1. 10.

#### § 33

È fóra de dúvida que a auctoridade divina, da qual se serve, mais que todos, o orador evangelico, para confirmar o que préga sobre os mysterios da religião e sobro a inteireza dos costumes, constitue uma prova certissima; porque Deus não póde enganar-se nem enganar-nos. Mas a auctoridade humana, que têm seu principal uso no foro, na politica, na historia e no discurso didactico, como ha de avaliar-se pelo saber o probidade do homem que nos fala, nem sempro é certa e verdadeira; ás vezes produz crença, ás vezes dúvida. — Quando a auctoridade pésa sobre a vontade, não é prova ou razão, é motivo.

#### CAPITULO IV

#### Dos exemplos

§ 34

A segunda classe de provas comprehende os exemplos (§ 26). Em geral, o exemplo é — uma prova que confronta um objecto com outro, pela relação conhecida que ha entre ambos: — e estes objectos sam — aquelle de que intentâmos convencer os ouvintes, e—aquelle que tomâmos para effeituar esta convição. — Ora os objectos que podem confrontar-se, para servirem de prova uns aos outros, costumam reduzir-se a quatro: confrontam-se factos com factos; individuos com individuos da mesma especie; individuos com individuos de diversa especie ou ainda de diversa natureza; e leis com leis. D'onde estas especies principaes, — exemplo em sentido restricto; similhança; parabola; paridade-de-direito.

#### § 35

D'estas provas a mais poderosa é o exemplo, propriamente dicto; i. é, — a prova que d'um singular infere um singular, pela confrontação d'um facto com outro. — Tal é o exemplo com que Diogo de Almeida pretende dissuadir os nossos da batalha contra os mouros: Gloria foi do imperio romano vencer muitas batalhas Q. Fabio Manimo; depois foi salvação excusar uma. Jacintho Freire, Vida de D. João de Castro, Liv. II. — Esta prova facilmente cala nos animos ainda os mais rudes, e têm muito pêso e derrama luzem todo o genero d'eloquencia. Esclarece os preceitos theoricos; dá força ao louvor ou ao vituperio; é uma arma forte nas accusaçõos e defesas; induz a regular os costumes; é o incentivo da heroicidade. — D'onde se vê que, quando o exemplo impéra sobre o coração, é um mo-

tivo, e não uma razão ou prova. — De uma serie de exemplos se fórma a inducção, que da enumeração de factos singulares infere um universal, ora certo, ora crivel.

#### § 36

Ha porém varias especies d'exemplos, segundo a qualidade, quantidade e fonte, dos factos. Quanto á qualidade o exemplo se tira ou d'um facto similhante; como: Saturnino foi justamente morto, assim como o foram os Gracchos. Ou d'um dissimilhante; como: Bruto mattou os filhos, por machinarem traição á patria; Manlio o seu, tendo este practicado uma acção de valor. Ou d'um contrario: como: Marcello restituiu aos syracusanos, inimigos, as alfaias; Verres lh'as tirou, quando alliados. O primeiro funda-se na analogia; o segundo parte na analogia, parte na opposição; o terceiro na opposição.

#### § 37

Olhando á quantidade ou grau, o exemplo será ou de maior para menor; como: Se eu vos lavei os pés, sendo vosso senhor e mestre; tambem vós deveis lavar os pés, uns aos outros. S. João XII, 14. Ou de menor para maior; como: Mattou P. Scipião, sendo um particular, a Tib. Graccho, por fazer um leve mal á republica; e nós, os consules, havemos de aturar Catilina, que deseja assolar a ferro e fogo o mundo todo? Cic. na I Catilinaria. — Ou d'egual para egual; como: Saturnino, etc. (§ ant.).

#### § 38

Emfim, como o exemplo se tira ou da historia, ou da mythistoria, ou das fingidas falas dos animaes irracionaes; porisso, segundo a fonte, o exemplo será ou historico, ou mythistorico, ou apologo. Os exemplos do primeiro genero ora se ham de narrar per inteiro, ora bastará só aponctal-os,

conforme os factos forem ou conhecidos ou desconhecidos, e segundo o exigir a utilidade do assumpto, ou o decóro. Exemplos tractados d'ambos estes modos, achal-os-eis em Cic. a favor de Mil. Da mesma sorte se tractam os exemplos do segundo genero; só com a differença de que, por serem fingidos, não admittem tanta asseveração como os primeiros. Vêde o mesmo discurso de Cic. O apologo é que o orador emprega mais raramente; e só per uma breve allusão, ou falando a indoutos. Tal é o bem sabido apologo da rebellião dos membros humanos contra o ventre; com o qual apologo se diz que Menenio Agrippa reconciliára a plebe com os patricios romanos. T. Livio, L. II.

#### § 39

Tambem esclarecem todo o genero de discurso a similhança e a parabola, que têem quasi as forças do exemplo, e que não só servem para provar, senão para pintar as imagens dos objectos. Similhança é—a confrontação de individuos da mesma especie ou de relação proxima. Exemplo: Assim como é culpavel o que atira frechas e lanças para mattar; assim o é aquelle que per dolo prejudica ao seu amigo. Proverb. XXVI, 18 e 19. E: Como ao taful não falta nunca dinheiro para desbaratar, jogando; assim é impossivel poder faltar ao verdadeiro esmoler com que soccorrer os pobres. Luiz de Sousa, Vida do Arceb. L. IV, C. 27.

#### \$ 40

O em que a parabola mais differe da similhança é em tomar de ordinario pala vras translatas, e em procurar mais longe os objectos da confrontação. Parabola pois é—a confrontação de individuos ou objectos de differente natureza ou de relação remota. Exemplo: Assim como a terra se melhora com a cultura; assim o espirito se enriquece com o ensino. E: Assim como a planta, cortada do tronco, logo sécca; assim a virtude, separada da humildade, não dura. Heitor Pinto, Dialogo da tranquillid. da vida, Cap.

XXV. As vezes a parabola se tira também de mai. para men., e de men. para mai., como o exemplo (§ 37).

#### § 41

A paridade-de-direito, emfim, usada nos discursos da tribuna e nos do foro, 6—a confrontação de lei com lei, isto é, de um direito pretendido com outro constituido por lei. Exemplo (Cicero na Topica): Havendo-se deixado a um o usofructo d'uma casa, se esta cair, não está o herdeiro obrigado a reedifical-a: porque tambem não restituiria um escravo, se este morresse. E: Assim como o marido não póde alheiar bens sem outorga da mulher (Ord. do Reino, L. IV. tit. 48); assim tambem a mulher o não póde sem outorga do marido.

#### CAPITULO V

#### Dos argumentos

#### 8 42

Resta a terceira classe de provas, a qual comprehende os argumentos propriamente dictos; sam estes, na verdade, mui frequentes em todo o genero de discurso: e tanta vantagem levam ás outras provas, que pelos argumentos é que o orador póde pesal-as e ajunctar-lhes novas forças. — Como o intendimento humano não póde, muitas vezes perceber, á primeira vista ou pela simples intuição, a mutua conveniencia ou repugnacia de duas idêas; recorre a uma terceira, média; para que, comparando com ella as duas extremas, veja se estas convêm com ella e por conseguinte uma com outra, ou não. Esta operação é o raciocinio; e um resumo deste o argumento; o qual, como é claro, se fórma de idéas consequentes ou repugnantes, segundo a idêa média for ou de conveniencia ou de repugnancia

#### 8 43

É pois argumento, propriamente dicto, — um juizo geral d'onde se infere um especial nelle contido. — Exemplo: Se quizerdes mostrar que devemos respeito a um poeta, podereis com Cicero (a fav. de Archias) produzir esta razão ou argumento — que todas as nações respeitaram e honraram sempre aos poetas. — E: Pois que é isto que dizem de vós! Negareis que quem conquista não rouba? Fernão Mendes, Cap. CXL. — E como no juizo geral se contêm o especial, ora com evidencia ou sem-dúvida, ora com probabilidade; porisso o argumento se divide em certo e crivel.

# § 44

Temos por certos: 1.º os argumentos que se fundam no averignado testimunho dos sentidos; 2.º os que têem por fundamento o consenso commum dos homens; 3.º os que se fundam nas leis e nos costumes; 4.º os que se deduzem deprincipios em que os disputantes concordam, i. é, que um concede ao outro; 5.º os que partem de principios que o adversario não contradiz; 6.º os que se inferem de principios que de duvidosos passaram a certos. E assim denominam-se—argumentos de certeza-physica; moral: legal; convencional; não-contradicta; já-provada.

#### 8 45

Dos criveis ha tres especies, segundo o maior ou menor grau e numero de razões entre a certeza e a dúvida. Assim o argumento é—ou probabilissimo e que quasi sempre acontece; como: () amarem os páes aos filhos:— ou mais provavel-que-o-seu-opposto; como: () que quem hoje têm saude chegue ao dia de-ámanhã—:ou simplesmente-provavel: como: Que o furto em uma casa fosse feito por alguem d'ella. Quinctil.

## CAPITULO VI

#### Das argumentações

#### § 46

Tal é a natureza dos argumentos: vejamos agora per que fórma e desinvolvimento possam elles passar aos sentidos e aos animos dos ouvintes. Aquella fórma e desinvolvimento é a argumentação, i. ó, a expressão verbal do argumento; da qual havendo varias especies, cinco sam todavia as que de ordinario se usam na oratoria:— synacolutho, enthymema, syllogismo, epichirema, dilemma.

#### \$ 47

Synacolutho é — uma proposição que em si mesma contêm a sua prova; — como (Eneid. L. I, v. 635):

Na desgraça apprendi a condoer-me Das alheias desgraças.

E: Mal consola um desconsolado. Sousa, Vida do Arceb. L. II, C. 30. Esta argumentação é, pola sua simplicidade, não só propria para provar senão tambem para mover.

## \$ 48

Enthymema é — uma argumentação que consta de duas proposições, — intenção e assumpção; — i. é, aquella que o orador intenta provar e a que toma para prova da primeira. Como: A virtude é um bem, porque aperfeiçõa o homem; este é dos consequentes. Dos repugnantes, porém, est'outro de Cicero a fav. de Mil.: Estais logo aqui para vingar a morte d'aquelle que não quererieis restituir á vida se isto julyasseis possivel. E o de Freire, Vida de D. João de Castro, L. IV Mal sustentarão a honra do seu rei os

(turcos) que perderam a sua. E este segundo tambem entra no discurso para ornato. — Differe o enthymema oratorio do logico na ordem e no nome das proposições, que os logicos denominam antecedente e consequente.

#### \$ 49

Syllogismo é — uma argumentação que se compõi de tres proposições, — intenção, assumpção, connexão; — das quaes a terceira mostra a relação que ha entre as duas primeiras. Como: Podemos usar das armas contra o aggressor: porque as leis as permittem: e não as permittiriam se não podessemos usar d'ellas. Cicero, a fav. de Mil. Nesta argumentação segue o logico o methodo synthetico, e denomina as proposições — maior, menor, conclusão; — o orador segue de ordinario o analytico.

## § 50

Epichirema é—uma argumentação que, segundo alguns rhetoricos, consta de cinco proposições, — intenção, assumpção, connexão, — e as razões da segunda e terceira; — segundo outros de tres; tendo-se as razões por accessorios das proposições respectivas. Assim o epichirema só differe do syllogismo em que este se funda em principios verdadeiros; aquelle mais em principios provaveis. Como: Milão mattou justamente a Clodio; pois que este o aggrediu; o que se manifesta por seus soldados, armas e manobras: e é permittido mattar um aggressor; como se prova pelo direito natural e das yentes, e per exemplos. Cic., na mesma oração.

#### § 51

Dilemma é — uma argumentação, formada per uma proposição disjunctiva, de modo que per duas partes prende o adversario. — A fórma ordinaria do dilemma está em se converter cada uma das duas proposições da disjunctiva,

absolutas e oppostas, em hypothetica; e em junctar depois a cada uma das hypotheticas uma ou mais proposições. Como: Vae-te e tira-me d'este susto, ou elle seja bem ou mal fundado; se bem fundado, para eu mão ser opprimida; se mal fundado, para um dia alfim deixar de temer. Cic. (na prosopopeia da patria contra l'atilina, I Cat.). E: Ou o successo ha de ser adverso ou prospero: se tivermos um successo adverso, não temos salvação, porque a terra é sua; se o alcançarmos prospero, nenhum frueto tirâmos da victoria. Freire, Vida de D. João de Castro, L. II.

# \$ 52

Estas argumentações sam, sim, commuus ao philosopho e ao orador; cada um d'elles porém toma nellas per diversa róta. Aquelle procura só descobrir a verdade e leval-a á evidencia; este não têm só isso em vista, mas tambem deleitar e mover os ouvintes. Aquelle fala ordinariamente com doutos; este mais vezes com imperitos. Poronde aquelle, pisando uma senda curta e direita, apresenta as argumentações nuas e singelas; este, discorrendo largamente per espaçosos campos, emprega as riquezas e galas da elocução. Aquelle é um severo guia que só nos encaminha com a luz da razão; este um soldado practico que já transtorna os planos do inimigo, já resiste, já faz pé atrás, já de novo attaca e avança, até o forçar a depôr as armas.

Basta porora sobre as provas: como ellas devam tractar-se, dir-se-á noutro logar. Passemos aos affecto-

#### CAPITULO VII

#### Dos affectos em geral

#### § 53

Como não basta que os homens conheçam a verdade, mas além d'isso importa que a abracem; porisso, ponderado o assumpto e as pessoas, veja o orador se d'alli póde colher algum motivo com que abale e determine a vontade dos ouvintes. Esta victoria, porcerto a mais illustre e em que está como a alma de toda a eloquencia (§ 4), ganbará elle per meio dos affectos. Affectos sam—as commeções do animo, despertadas pola representação do bem que do mal.—

#### \$ 54

Comquanto essas commoções devam nascer das provas, servindo-lhes estas como de fundamento para ser mais duravel a persuasão, todavia muita superioridade têem os affectos sobre as provas. Primeiramente, ainda um ingenho ordinario, não faltando o estudo e o exercicio, póde descobrir as provas e empregal-as com algum proveito; mas arrebatar o ouvinte e, por assim dizer, transfigural-o, fazendo-lhe tomar a disposição d'espirito que se quer; isto só póde ser effeito d'um genio rico. Em segundo logar, as provas nascem ordinariamente do assumpto; fazer porém violencia aos corações é, principalmente, obra da sensibilidade do orador.

#### § 55

As affecções do homem, é verdade, têem um só principio, o amor de si: mas, porque ellas ora sam fortes ora brandas, d'aqui a divisão dos affectos em dois generos; comprehendendo cada um varias especies. Tocaremos sómente os generos, que do grego se denominam—pathetico e ethico.—Affectos patheticos, ou simplesmente paixões, sam as commoções violentas; como: o amor, o odio, a cholcra, etc.: os ethicos, ou restrictamente sentimentos, sam as affecções brandas, correspondentes a certos costumes; como: a amizade, a benevolencia, a humanidade, etc.

#### \$ 56

Differem porém uns dos outros em quatro coisas principalmente:—na actividade, no effeito, na duração, e no uso;—sendo que os patheticos obram com força e imperio sobre o animo; os ethicos insinuam-se placida e brandamente. Aquelles tendem a perturbar a alma: estes a ganhal-a. Aquelles, porque põem em agitação a alma e o corpo, sam breves e rapidos: estes, como nascem dos habitos ou propensões, sam duradouros e permanentes. Aquelles, emfim, não cabem em todos os assumptos, e mui raramente se continuarão em um discurso; estes entram em todos os assumptos e continuam-se per todo o discurso: visto que em todo o logar e occasião releva que o orador ganhe o favor do auditorio.

#### § 57

Demandam, em primeiro logar, o movimento pathetico os discursos do pulpito, nos quaes se tracta da nossa salvação eterna. Pois que força, que fogo e ardor, não é mister para que a palavra evangelica aparte o ouvinte christão de seus vicios e, em certo modo, o arranque de si mesmo? Tal é a vehemencia com que Jeremias invectiva contra a obstinada malicia dos judeus: Dissiparei o conselho de Juda e de Jerusalem neste logar; e os exterminarei com a espada á vista de seus inimigos: e darei os seus cadaveres em pasto ás aves do céo e as alimarias da terra. Jerem. Cap. XIX, 7, Traducç. de Pereira. Os mesmos affectos se requerem nos discursos parlamentares ou da tribuna, que versam sobre os grandes interesses dos estados: quaes sam as Philippi-

cas de Demosthenes em defesa da independencia grega. Mas ha tambem no foro causas particulares que admittem affectos fortes: como sam as capitáes, quando se tracta de salvar um homem accusado em juizo. Assim a favor de Milão se esforça Cicero por excitar a compaixão: U mesquinhol o infeliz de mim! Podeste tu, Milao, per via d'estes (juizes), restituir-me á patria; e não poderei eu, per intervenção dos mesmos, conservar-te nella? Tambem é vehemente e proprio para mover a indignação este passo: Acabemos pois de despertar d'este mortal lethargo; mettamos até aos cotovelos os braços no sangue d'estes crueis tyrannos; neste veneno banhemos os alfanges, porque percam com as vidas a gloria de tam grandes insultos. Freire, Vida de D. João de Castro, L. II. Move porém a lastima est'outro logar do mesmo, no Liv. IV. Não terei, senhores, pejo de vos dizer que ao vice-rei da India faltam nesta doença as commodidades que acha nos hospitaes o mais pobre soldado. Vim a servir, não vim a commerciar, ao Oriente; a vos mesmos quiz empenhar os ossos de meu filho, e empenhei os cabellos da barba; para vos assegurar, não tinha outras tapeçarias nem baixellas. Hoje não houve nesta casa dinheiro com que se me comprasse uma gallinha; porque, nas armadas que fiz, primeiro comiam os soldados os salarios do governador, que os soldos de seu rei.

## § 58

Nos pequenos pleitos porém (e geralmente em assumptos de pouca monta) mover taes tragedias sería o mesmo que querer ajustar a um menino a mascara e os cothurnos d'Hercules. Em similhantes causas pois, como na d'um pequeno emprestimo feito por um rico a outro rico, e noutras d'este genero, só empregaremos affectos brandos, dando conselhos amigos aos pleiteantes e chamando os á concordia. Assim o fez um l'assieno (como refere Quinctiliano), que, advogando a causa pecuniaria de sua mulher, Domicia, contra Enobardo, irmão d'ella, depois de muito dizer sobre as relações do parentesco, accrescentou tam-

bem ácerca dos bens da fortuna, do que ambos eram abastados, esta allusão: Nada vos falta menos que isso que faz o objecto da vossa demanda. Egualmente despertam o brando sentimento de benevolencia estas palavras: Resolvo-me, padres reverendissimos, que, se as rendas d'esta minha egreja foram de tal qualidade que as podessemos estirar quanto se póde extender a vontade, ainda então houvera de cuidar muito no modo de as repartir, etc Sousa, Vid. do Arceb. L. I, C. 33.

## CAPITULO VIII

#### Como se ham de excitar os affectos ethicos!

#### \$ 59

Ora, para despertarmos os aflectos ethicos ou sentimentos, olharemos não só ás acções mas ainda mais ás pessoas; que sam, geralmente, a do orador, as dos ouvintes, e aquella ou aquellas sobre que versa o discurso. E assim, em regra geral, attenda bem o orador aos costumes e characteres que convêm a estas tres qualidades de pessoas; afim de que, representando-os o mais fielmente possivel, possa despertar nos corações dos ouvintes os sentimentos correspondentes a esses characteres.

#### § 60

E primeiramente os characteres que mais convêm ao orador, e que porisso se denominam costumes oratorios, sam a prudencia e a probidade; virtudes que elle não só deve possuir na realidade senão tambem significar. Pois como é possivel que os ouvintes accreditem o orador e lhe sejam benevolos, se não estiverem certos de que elle têm conhecimento da verdade que lhes inculca; que é prudente; e que os não quer enganar? Assim Cicero, a favor

de Marcello, dá testimunho da sua prudencia, quando diz: Quero antes parecer muito medroso, que pouco prudente; e da sua probidade, noutro passo do mesmo discurso: Tanto pôde em mim a lembrança fiel da minha gratidão, que, sem vista de interesse nem ainda esperança, de-proposito e sobrepensado, como que me precipitava na ruina voluntariamente. Mas no significar aquellas tam grandes virtudes não se divise fingimento nem empenho: tudo o que o orador disser pareça nascer da natureza das coisas e da do homem, de sorte que do seu discurso em certo modo transluzam seus costumes.

#### § 61

Quanto ás pessoas dos ouvintes, pesquize o orador qual seja, na generalidade, a indole, qual a educação, qual a classe, qual o teôr de vida; e, mais-que-tudo, quaes as opiniões d'elles sobre o assumpto de que tracta. A tudo isso depois amolde o seu discurso, de feição que imite os costumes dos ouvintes, exprimindo-os como proprios; sendo certo que todos os homens naturalmente escutam com benevolencia aquelle que julgam seu similhante e possuido dos mesmos sentimentos que elles. Esta regra seguiu o Apostolo, como confessa na I Carta aos corinthics, C. IX, 22: Eu me fiz tudo para todos, afim de salvar a todos.

# § 62

Pelo que respeita, emfim, áquelle ou áquelles de quem tracta o discurso: se o orador fala a favor, pinte os costumes d'elles de maneira que pareça, podendo ser, que possuem os mesmos dotes com que elle se faz recommendavel; visto que com elle constituem, em-certo-modo, uma só pessoa. Assim o practica Cicero, louvando o seu cliente, Marcello: Quem ha (diz elle) que o exceda ou na probidade, ou na profissão das bellas-artes, ou em genero algum de virtude? D'outra sorte deverá proceder, se falar contra alguma pessoa que haja de tornar odiosa: faça isso embora, nunca

porem de modo que pareça fazel-o com gosto, senão por necessidade o por amor da justiça.

# CAPITULO IV

#### Como se ham de mover os affectos patheticos?

#### § 63

As acções, pessoas e circumstancias, sam tambem as fontes dos affectos patheticos ou paixões propriamente dictas: e, para o orador as mover, a regra geral é—contemplar todas as forças do assumpto, examinando a acção em si mesma, por quem foi feita, contra quem ou a favor de quem, com que intenção, em que tempo, em que logar, de que modo; depois dizer aquillo que mais moveria o orador se elle fosso ouvinte. — Mas no movimento das paixões dois meios podem empregar-se: já pintar o orador a paixão que o domina; já sem que esteja commovido, expor sómente acções ou referir dictos que sejam sufficientes para apaixonar os outros. Chama-se o primeiro movimento — pathetico directo; — o segundo — pathetico indirecto.

# 8 31

E com-esseito, quanto ao pathetico indirecto, a simples exposição das acções atrozes, das lastimosas, e outras graves, têem per si assás sorça para mover o odio, a misericordia e outras paixões. Tal é a indole do coração humanol Quem se não compadeceria de Job ao ouvir aquella simples narração (XIX, 14): Abandonaram-me os meus propinguos, e os que me conheciam esqueceram-se de mim? Quem se não indignaria contra Catilina ouvindo o que d'elle diz Cicero na 1 Cat.: Assignala e com os olhos está designando para u morte a qualquer de nós?

# § 65

Mas no pathetico directo (que é o principal) mais têm que fazer a eloquencia. A primeira operação é — apaixonar-se verdadeiramente o orador, primeiro que se esforce por apaixonar os ouvintes. Bem o diz Horacio:

Haveis mover-vos vos primeiro a elle;
E então sentirei dor de vossos males.
(Epist. aos Pis. Trad. de Candido Lusit.)

Assim se magôa Cicero, a favor de Milão: O feliz d'aquella terra que acolher tal varão! ingrata esta, se o expulsar! mesquinha, se o perder! Mas acabemos ja: minhas lagrimas não me deixam continuar.... Se porém conformardes só as palavras e o semblante com o movimento das paixões, sem que nellas tome parte o coração; em vez de as despertar, excitareis o riso: que o fingimento, embora se occulte, vêm a descobrir-se.

#### § 66

E, para vos apaixonardes, valer-vos-eis da imaginação § 12). 1.º fingindo presentes os bens ou males ausentes; 2.º suppondo, e até persuadindo-vos que elles a vós mesmos aconteceram. D'est'arte não podereis deixar de vos commover, como se realmente os tivesseis presentes. Tanto é o poder da natureza!

# § 67

A segunda operação é — pintar ao vivo pela voz e pelo gesto, e como que pôr deante dos olhos dos outros, o movimento do nosso coração. — Assim, pola sympathia natural dos corações humanos, despertar-se-ão nos animos dos ouvintes as mesmas paixões que em nós experimentâmos. No log. citado o diz Horac.

#### § 68

Taes sam as operações que no movimento pathetico dicta a natureza mesma assim aos poetas como aos oradores; e a ordem, per que ellas procedem, é esta. Primeiramente imaginâmos como presente o bem ou mal ausente: depois sentimos em nós a paixão: d'aí pintâmol-a: alfim despertâmol-a nos outros.

# \$ 69

Não basta porém a realidade e a pintura da paixão (§§ 65 e 67); é mister, além d'isso, olhar á occasião, á duração, á maneira e ao grau do pathetico. Observem-se porisso naquellas operações naturaes estes preceitos que fornece a arte: — 1.º Não comeceis a apaixonar os ouvintes, sem primeiro lhes fazer vêr a grandeza e importancia do vosso assumpto: sendo que, se o pathetico rompe, sem estarem preparados os animos, mas tranquillos ainda e socegados; esse movimento prematuro não só será inutil, senão que produzirá um effeito contrario do que querieis. Embalde assoprareis á lenha para accendel-a, sem que primeiro lhe appliqueis a scentelha que ha de inflammal-a.

#### § 70

2.º Não prolongueis o pathetico mais do que é justo; mas, logo que elle chegue á sua maior elevação, deixac-o. Pois, como a alma e o corpo não podem per muito tempo persistir no estado de violencia, se o movimento transpassar os seus limites, o ardor dos ouvintes esfriará.

## § 71

3.º Não argumenteis, maiormente com subtileza; porque, para mover o ouvinte, releva perturbar-lhe o juizo, e afastal-o da reflexão, fazendo-lhe só impressões nos sentidos. Não vos desvieis, por conseguinte, do curso da paixão que moveis, para outro objecto; nem useis de comparações, salvo se forem mui curtas.

#### § 72

4.º O grau do pathetico, emfim, medil-o-eis pela grandeza da materia e pela condição do auditorio. Porque só aos grandes assumptos armam bem as grandes commoções (§ 57); e um grau de movimento demanda a gravidade d'uma assemblêa respeitavel, outro os estrepitos do povo; alli falareis com mais moderação, aqui com mais vehemencia.

#### CAPITULO X

Das fontes principaes dos prazeres do gosto, —
o sublime e o bello

#### § 73

Mas o orador não deve sómente instruir com as provas o intendimento de seus ouvintes, e mover-lhes o coração com os affectos, de que acabamos de tractar; deve tambem despertar-lhes na imaginação o agrado com as bellezas (§§ 10 e 19). Resta pois tocat já desde aqui, postoque só possa ser mui levemente, o que diz respeito aos conceitos bellos e sublimes, ponctos capitáes da sciencia esthetica. E como esta doutrina está naturalmente connexa com a do gosto interno ou moral, preciso é que d'elle dêmos prévia e succinta noção.

DO GOSTO

#### § 74

Por gosto se intende—o poder de sentir e avaliar as bellezas e os defeitos da natureza e da arte—(\*); poronde, os elementos que o compõem sam a sensibilidade, a imagnação e o juizo. Pela primeira póde a alma sentir impressões agradaveis ou desagradaveis; a segunda fornece o typo ao gosto; o juizo decide do agrado ou desagrado das impressões. O sentimento do gosto é commum, em parte, a todo o genero humano; sendo que, geralmente, agrada tudo o que têm o character de ordem, de grandeza, de proporção, de movimento, de novidade e de harmonia; e desagrada tudo o que apresenta characteres contrarios.

# § 75

Mas, comquanto ninguem seja, em geral, desprovido d'esta faculdade, não a possuem todos em grau egual. Uns, recebendo só fracas impressões, sentem apenas bellezas communs ou triviaes; noutros o gosto se eleva até ao discernimento mais fino e ao gôso do que ha mais subtil e delicado na belleza. Póde esta desegualdade nascer, já da constituição physica e orgãos mais ou menos finos, já das faculdades intellectuaes mais ou menos delicadas, já do estudo e da educação mais ou menos apurada. D'onde se vê que, das nossas faculdades naturaes, o gosto é uma das mais susceptiveis de aperfeiçoamento.

#### § 76

E assim os principaes characteres do gosto, levado ao

<sup>(\*)</sup> Vêde Hugues Blair nas suas Licções de Rhetorica e Bellas-Lettras, d'onde principalmente extrahimos a doutrina d'este capitulo.

seu mais alto poncto de perfeição, podem reduzir-se a dois, — a delicadeza e a correcção. — Será fino e delicado o gosto d'aquelle individuo que, sendo, pola delicadeza de seus orgãos, mais sensivel ás impressões, sentir bellezas que olhos vulgares não descobrem. O que se póde conhecer pelos mesmos indicios que nos fazem apreciar o gosto physico: não é pola impressão dos sabores fortes que um paladar exquisito se reconhece; é por elle distinguir as menores differenças no sabor das iguarias. Ao gosto fino e delicado se oppõi o fraco e grosseiro. - Será puro e correcto o d'aquelle que, tendo mais esclarecida a intelligencia, sendo despido de prejuizos e ruins paixões, e tendo presentes sempre ao espirito as regras estabelecidas em que funde os seus juizos, se não deixar illudir por bellas apparencias. A este gosto é contrario o mão e o estragado.

# § 77

Não é pois o gosto um principio arbitrario submettido à phantasia de cada individuo, destituido da regra ou criterio poronde se possa distinguir o gosto bom do mão, e do falso o verdadeiro. A acção d'este sentimento natural se desinvolve e augmenta na mesma progressão que as outras faculdades. E, quando o gosto for pervertido ou depravado pola ignorancia e prejuizos, a razão e o bomsenso podem corrigil-o ou rectifical-o. Comparando, emfim, o gosto de um individuo com o gosto mais geral entre os homens, é que se chega a determinar se o d'elle é puro, correcto e natural.

#### \$ 78

Deixemos declamar, quanto se queira, contra os caprichos e as incertezas do gosto; diga-se embora que cada homem têm o seu proprio, trahit sua quemque voluptas: não será menos verdade, comprovada pela experiencia, que — bellezas ha que, apresentadas á sua propria luz, têem o

poder de excitar uma admiração duravel e universal. Nas composições, em prosa ou em poesia, aquillo que, movendo os animos, lisonjêa ao mesmo tempo a imaginação, agrada geralmente em todos os seculos e em todos os paizes; é uma chorda constante, á qual, quando se fere e faz vibrar com arte, nunca deixará de responder o coração humano.

#### DO SUBLIME

#### § 79

Dada esta idêa do gosto, passemos a procurar as fontes dos prazeres que elle sente e avalia. Amplissimo campo se abre aqui a nossas investigações: pois quê, se agora nos fosse licito, teriamos de falar de todos esses gosos que se dizem prazeres da imaginação; quer sejam elles devidos á presença dos objectos em si mesmos, taes como os formou a natureza, quer sómente ás descripções e á imitação que d'elles ha sabido fazer a arte. Limitamo'-nos, porém, a tocar de-corrida o que só se refere aos prazeres produzidos pela arte de escrever e de falar em publico: faremos breves observações ácerca do sublime e do bello, principaes fontes dos prazeres do gosto, indicando apenas as outras.

#### \$ 80

E começaremos pelo sublime (\*), i. é, — aquelle conceito que, pola grandeza do objecto ou pola excellencia da acção, transporta a alma acima de si mesma, sentindo e communicando admiração e espanto.—É elle pois despertado, já pela idêa elevada que o intendimento fórma da grandeza, poder ou força, dos objectos; já pela forte commoção que o coração experimenta contemplando a grandeza, excellencia ou raridade das acções. Póde porisso dividir-se em

<sup>(\*)</sup> Parte d'esta materia terá ainda logar adeante na dos concettos fortes, com que têm relação.

sublime de idéa e sublime de sentimento; refere-se o primeiro ás faculdades intellectuaes, o segundo ás moraes ou affectivas.

#### § 81

Quanto ao primeiro, tal é, por exemplo, a idéa de grandeza que o espirito concebe de uma vastissima planicie; de uma elevada montanha; de um precipicio medonho; do vastissimo oceano; da extensão do firmamento ou da estrellada abobada celeste. Tal é tambem a idéa do poder e força dos grandes incendios; das tempestades do mar; do rebombo do trovão; dos tremores de terra; dos vulções; e de todas as grandes commoções da natureza. Taes sam, emfim, todas as idéas graves e majestosas que produzem o espanto; como a idéa das trevas, da solidão, dos lugubres e prolongados sons de um grande sino, maiormente ouvidos no silencio da noite.

#### \$ 82

Pelo que toca ao segundo, excitado pela grandeza das acções, sam as de virtude, de maynanimidade ou de heroismo, as que mais commovem o coração; produzindo em nós um effeito similhante ao dos grandes accidentes da natureza, que abalam e parece que elevam a alma acima de si propria. Tal é, por exemplo, o sentimento da firmeza inabalavel de um homem superior ao susto e chêo de nobre confiança em suas forças, quando o vemos ou imaginâmos collocado numa situação critica e perigosa, em que elle esquece seus interesses e affronta a morte. Assim Poro, feito prisioneiro de Alexandre, e perguntado por este como queria ser tractado, respondeu — Como rei—; assim Cesar, tranquillo no meio das ondas, anima o assustado piloto — Que temes? Levas a Cesar.

§ 83

Tendo pois o sublime, no discurso, sua origem ou em

a natureza dos objectos ou na qualidade das acções que se descrevem; é mister, em primeiro logar, — que o objecto seja, de sua natureza, grande e nobre; e a acção, por sua qualidade, excellente e rara; para que o intendimento e o coração do orador ou do poeta possam tambem conceber idea grande e elevada, e sentir commoção forte e extraordinaria. Em segundo logar, — que a sublimidade da idêa do objecto, ou da excellencia da acção, seja apresentada com a luz mais propria para, no animo dos ouvintes ou leitores, produzir impressões eguaes ás que o poeta ou o orador sentiram. E emfim, — que seja o sublime enunciado com fôrça, concisão e simplicidade.

### § 84

Nem nos devemos esquecer de que, em todos os bons escriptos, no pensamento é que está a sublimidade e não nas palavras. Com effeito, se o pensamento é verdadeiramente nobre e sublime, de si mesmo se ornará ou revestirá de uma linguagem conveniente á sua dignidade. Os enfeites das palavras o encobrem ou o enervam ou lho apagam o fogo que o alimentava e aquecia.

# § 85

E assim os defeitos oppostos ao sublime sam, principalmente, — a frieza e a inchação. — Consiste a frieza em degradar ou abater a idêa de um objecto ou o sentimento de uma acção, de si sublimes; concebendo-os levemente, ou exprimindo-os por uma locução molle, baixa ou pueril. Defeito é este que revela grande penuria de idêas ou a total ausencia do genio. A inchação está em exaltar um objecto commum acima de seu justo valor, ou em protender elevar um objecto sublime alêm dos limites que the assignam a razão e a natureza.

DO BELLO

#### § 86

Depois do sublimo, a mais abundante fonte dos prazeres do gosto é o bello ou a belleza; termos synonymos que importa distinguir, embora ás vezes se tome um polo outro. Belleza (termo de linguagem metaphysica) exprime a noção abstracta de uma qualidade de todos os objectos, da natureza ou da arte, a que chamâmos bellos. Taes sam, já os que, per suas fórmas engraçadas, incantam os olhos, — uma bella flor —; ou os ouvidos, pelos sons agradaveis, — um bello canto —; já o espirito, pelas concepções apraziveis, — um bello poema. — Bello (termo da linguagem das bellas-artes) exprime o typo ideal formado pela phantasia do artista para, conforme elle, executar as producções do seu ingenho; é, por assim dizer, a belleza personificada e sem senão.

#### \$ 87

A belleza ou o bello despertam, quasi sempre, um sentimento distincto d'aquelle que nasce do sublime. Este produz uma impressão mais viva e, porisso, menos duravel; a belleza eleva menos a alma e, mais doce e tranquilla, nos faz experimentar uma serenidade extremamente agradavel e que póde durar per muito tempo. Além d'isto, os prazeres que ella procura extendem-se a muito mais objectos do que os do sublime. Tammanha variedade de objectos ella abrange que, muitas vezes, produz sensações dissimilhantes, não só em grau mas ainda em especie. Assim que, as palavras — bello e belleza — a cada passo se applicam indistinctamente a quasi todos os objectos externos que lisonjêam a vista e o ouvido; ás graças da composição; a muitas disposições do espirito; e até a varios objectos das sciencias abstractas. Assim se diz frequentes vezes bella arvore —; bella voz —; bello canto —; bella alma —; bello character —; bello theorema — etc.

#### \$ 88

Têm-se dado como principio ou qualidade fundamental do bello o concerto da unidade com a variedade. Este principio satisfaz em certos objectos; não assim, porém, noutros, como as côres e o movimento: objectos ha que só agradam pola uniformidade, outros por serem variados quasi até á confusão. Seja qual for o fundamento do bello, limitamo'-nos aqui a certas classes de objectos em que mais se faz notar a belleza, e que d'ella sam outros tantos principios ou fontes. Indicaremos a côr, a figura, o movimento, e a physionomia humana.

#### § 89

A cdr parece offerecer uma especie de belleza mais simples. Sam, porventura, dois os principios da sensação agradavel que as côres excitam impressionando-nos: a saber, — a associação de idêas — e uma tincta mais delicada que brilhante. — Tal é, por exemplo, emquanto ao primeiro principio, a côr verde, a qual nos póde parecer mais bella por andar ligada, em nossa imaginação, aos quadros e scenas campestres; o branco, á innocencia; o azul, a um céo puro e sereno. Taes sam, quanto ao segundo principio, a plumagem de certas especies de aves; as diversas folhas das flores; a variedade das côres celestes ao nascer e ao pôr do sol.

#### \$ 90

Na figura descobrimos, já, bellezas mais complexas e variadas, e cuja origem está na — regularidade e, ainda mais, na — variedade. — Intende-se por figura ou fórma regular aquella cujas partes nos parecem arranjadas conforme uma regra certa, e não arbitrariamente ou por descuido. Assim agradam, por sua regularidade, um circulo, um quadrado, um triangulo, um hexagono. Comtudo, o mais por que a regularidade parece bella é por suggerir á

nossa imaginação idêas de exacção, de concêrto, de utilidade. Acha-se, porém, mais graça na variedade: esta é que com preferencia se procura nos objectos destinados a lisonjear os olhos; esta é que a natureza, o mais perito artista, offerece nas suas obras. Tal é a belleza que com prazer observamos nas plantas, nas folhas o nas flores.

### § 91

Independente da figura, outra origem da belleza é o movimento, que de si mesmo agrada; e, em egualdade de circumstancias, preferem-se os corpos que se movem aos que existem em quietação. O bello porém só admitte um movimento moderado; se é rapido ou violento, pertence antes ao sublime. O movimento da ave que vai cortando mansamente os ares é bello; a rapidez do relampago é sublime. Poronde, é de notar que a sensação do sublime e a do bello não andam sempre separadas por limites bem distinctos; e casos ha em que ellas tanto se aproximam que parece confundirem-se. Assim, um regato, placidamente serpeando, é um dos bellos objectos da natureza; se for a pouco e pouco engrossando até formar um grande rio, o bello insensivelmente se converte no sublime. — Quando a côr, a figura e o movimento, se encontram reunidos em algum objecto, a belleza se torna mais complexa e mais agradavel; como se vê nas arvores, nas flores e nos animaes, que simultaneamente offerecem a delicadeza das côres e as graças da figura, ás vezes, junctas com as do movimento.

#### § 92

De todos os principios da belleza o mais complicado é o da physionomia humana. Comprehende ella não só a belleza da côr, produzida pola delicadeza e successiva mistura de todos os coloridos que a cutis apresenta; senão tambem a da figura, a qual resulta dos lineamentos que constituem as differentes feições do rosto. Mas o principal incanto da physionomia depende d'essa mysteriosa

expressão que revela as qualidades do animo, como a vivacidade, o bom-senso, o carinho, a benevolencia, a candura e todas as outras disposições amaveis. Não desperta ella, porêm, sómente o sentimento do bello; exprime egualmente as grandes e generosas virtudes, como a magnanimidade, o heroismo, o desprezo da morte, e outras qualidades moraes e affectivas que excitam o sublime.

# § 93

Fizemos estas considerações sobre o bello, julgando-as uteis aos que apprendem a fazer composições agradaveis, de qualquer natureza que sejam. — Resta indicar, só em geral, o em que consiste a belleza das composições litterarias; reservando para o tractado da elocução as especialidades sobre os preceitos e os meios de aformosear o discurso. — A belleza de uma composição litteraria significa o complexo das graças que, pelos pensamentos e pelas palavras, incantam os ouvintes ou leitores, excitando nelles um sentimento suave e moderado que, commovendo brandamente a alma sem a fazer subir a um poncto muito elovado, per ella derrama uma aprazivel serenidade. Tal é o agrado que sentimos, lendo as composições de alguns dos nossos bons escriptores antigos e modernos, e de alguns ainda dos que hoje vivem e florescem.

# \$ 94

Concluindo o que tinhamos que observar sobre o bello e o sublime, advertimos que não sam elles as unicas fontes dos prazeres do gosto: outras ha menos abundantes e de segunda ordem. Taes sam — a novidade, a imitação, a harmonia, os dictos agudos e ingenhosos, e ainda os joviaes, que excitam o riso. — Agrada a novidade; porque, se as coisas a que estamos acostumados e as idêas que nos sam familiares nos impressionam pouco; um objecto novo, pelo contrario, tirando a nossa alma do estado de languidez, lhe faz sentir sua actividade e dá a suas faculdades

exercicio agradavel. — Por uma razão similhante, nos agrada a imitação; e não só a dos objectos grandes e bellos, mas ainda a dos pequenos e disformes. — Tambem a harmonia com as suas especies — a melodia e o rhythmo — nos é aprazivel; assim porque naturalmente a todos incanta a musica, como porque o concêrto dos sons e a conveniente medida das phrases tornam mais vivos os sentimentos do sublime e do bello. — Finalmente os dictos agudos e ingenhosos agradam, por sua viveza e promptidão; assim como, por um gracejo discreto, os joviaes. — Vamos agora á doutrina sobre a segunda operação do orador.

# SEGUNDA PARTE

# DISPOSIÇÃO

# CAPITULO XI

#### Da disposição das partes do discurso em geral

#### § 95

Achados os pensamentos que ham de provar a verdade do assumpto e os que ham de mover os animos; d'esses pensamentos, dispersos ainda, se ha de formar um todo, assignando a cada parte — a ordem e a ligação — que lhe compete. E, porque isto póde só effeituar-se comparando os pensamentos entre si e subordinando-os uns aos outros, requere porcerto no orador juizo exacto e profundo.

# § 96

Naquellas duas funcções é que consiste a disposição, i. é, — a distribuição ordenada das partes maiores, menores e minimas, do discurso: — e não é ella menos necessaria para falar e escrever, do que o é para o combate um exercito bem formado. Sim: se cada pensamento não occupar o logar que lhe convêm, a penna correrá sem guia, o discurso terá a desordem d'um tumulto.

#### \$ 97

Força é logo — 1.º Dividir o discurso em certas partes maiores, e subdividil-as em outras menores, e estas em minimas; o que respeita á ordem. — 2.º Prender umas e outras partes tam estreitamente que o discurso pareça não só um todo bem ordenado, senão um corpo contínuo; o que se refere á ligação. Faltando estes requisitos, todo o discurso fica sem luz e sem graça.

#### § 98

Duas disposições ha: uma geral, que ensina a ordenar e ligar todas as partes de qualquer discurso, seja qual for o assumpto; outra especial ou economica, que ordena e liga as mesmas partes, em relação a um assumpto certo e determinado. Para a primeira algumas regras subministra a arte; a segunda porém deve-se quasi toda ao bomsenso do orador o ao seu estudo sobre o assumpto: porque não póde ella estabelecer-se senão á vista da materia.

### § 99

Quatro sam as partes (maiores) do discurso, quando é regular; e tam natural é esse numero que a cada passo o encontrareis, ainda em discursos breves e singelos. E, com-effeito, a natureza encaminha o orador a procurar, em primeiro logar, o favor dos ouvintes: depois a instruit-os sobre o assumpto de que ha de tractar: d'aí a provar directa e indirectamente o mesmo assumpto: e, porfim, a repetir mui summariamente o que ha dicto, e a determinar, como lhe convenha, a vontade do auditorio. Estas partes denominam-se — exordio, informação, confirmação, peroração — (Vêde os §§ 104 e 155).

#### § 100

Per esta mesma ordem se dispõem ellas na declamação: outra é porém a ordem que se lhes dá na meditação do discurso; é a seguinte. Logo que o orador haja visto a que genero de eloquencia pertence o assumpto, e qual seja o seu poncto fundamental; a primeira parte de que deve occupar-se é a confirmação, rastejando e fazendo valer assim as razões que comprovem a sua proposição como as que destruam o que lhe é contrario. D'ai passe á informação, on simplesmente enunciando, ou dividindo, ou expondo continuadamente, a materia; porque, como esta parte é a preparação das provas, não póde ser bem feita, sem que o orador primeiro saiba de que provas se ha de servir. Trabalhe depois no exordio; o qual se deve adaptar ao corpo do discurso, como o portico ao edificio; porque o orador não póde saber como lhe convenha dispôr os animos do auditorio, sem primeiro ter bem profundado toda a substancia do discurso. Emfim, medite em ultimo logar a peroração, visto que ella têm relação com tudo o que elle ha meditado.

# § 101

Por partes menores intendemos as porções menos miudas ou ponctos capitáes de que possa constar cada uma das maiores: como se verá adeante nos tractados d'estas. E chamamos partes minimas (ou particulas) as porções mais miudas de que se compõi cada uma das menores; como as questões, as provas, os affectos e outros conceitos do espirito. — A umas e outras se deve dar a ordem que convenha á clareza, á força, á excellencia e á successão, d'esses pensamentos.

#### \$ 102

Quanto á ligação de todas as tres classes de partes, mais estreita se requere ella nas segundas e terceiras;

porque as primeiras, como têem um começo e termo mais sensiveis, menos subjeitas estão á obscuridade: as outras porêm, e principalmente as minimas, tam chegadas entre si se concebem na mente que, não apparecendo a rigorosa ligação quando se enunciam, não póde bem intender-se o sentido total. — Em todas ellas, maximas, menores e minimas, a reciproca relação dos pensamentos é o laço natural que as deve prender: ás vezes, porém, é elle indicado pelo artificial ou transição, que é - a passagem, que o orador faz, d'um poncto para outro ligando expressamente o sequinte com o antecedente. - E, como ella ora assignala ambos os ponctos ora um só, porisso é ou perfeita ou imperfeita. Temos o exemplo nestas transições de Cicero: Como falei da qualidade da querra, direi ayora alguma coisa sobre a sua importancia (a favor da Lei de Manilio). E: Vamos a ver agora, senhores, as consequencias (a fav. de Roscio).

# § 103

Mas algumas vezes parece quebrar-se o fio dos pensamentos, quando ou a paixão, ou alguma coisa que venha em apoio do assumpto, ou que orne o discurso, forçam o orador a desviar-se da materia. É o que se chama digressão, i. é, — o desvio que se faz do assumpto para uma coisa extranha, mas util ao fim que se têm em vista. — Tal é o louvor da Sicilia em Cicero, Verr. (II, C. 1). Duas cautelas porém deve de haver na digressão: primeira, que não seja intempestiva; segunda, que se não prolongue muito. — Mas passemos a tractar já de cada uma das partes do discurso.

# CAPITULO XII

#### Do exordio ou proêmio

#### § 104

Exordio é — a entrada do discurso accommodada ao que ha que dizer sobre o assumpto, afim de preparar o auditorio. — Sendo esta parte no discurso o mesmo que a cabeça no corpo humano, bem manifesta é a sua importancia. Para que, pois, o orador faça um bom exordio, anteveja desde-logo de que animo os ouvintes estejam para com elle, para com a materia, e para com a occasião; se elles virão já assás preparados; ou se o assumpto não necessita de preparação. — Nestes dois ultimos casos excusa-se o exordio, propriamente dicto.

# § 105

Ha portanto tres especies de exordio: — directo, indirecto, improviso. — Exordio directo é aquelle que se encaminha clara e immediamente a dispôr os ouvintes; qual o do discurso de Cicero a favor da Lei Manilia: Postoque sempre a vossa numerosa assembléa, etc. E o de Camillo Porcio ao papa Leão X, sobre a tomada de Malaca: Se em algum tempo, beatissimo padre, teve o povo christão razões de dar graças ao Senhor por coisa esforçadamente commettida e felizmente acabada; este anno é para isso o mais commodo ensejo que até agora houve, etc. Comment. de Affons. de Albuq. part. 111, cap. 39, Este exordio, que é de todos o mais frequente, emprega-se quando o orador não têm que recêar nem do assumpto nem das pessoas nem da occasião.

#### § 106

Exordio indirecto ou insinuação é aquelle em que o orador procura dispor os animos mediatamente e per meio de rodeios: estes rodeios consistem em comecar per uma coisa que agrade aos ouvintes e em que vá involvida a proposição aspera, que ao depois se ha desinvolver gradualmente e com plausiveis côres. Tal é o exordio do discurso de Cicero, impugnando a Lei Agraria (Or. II:) Costume é, senhores, etc. E o de Luiz de Granada, aconselhando a D. Bartholomeu dos Martyres fasto e grandeza: Que o seguir extremos sempre fora extranhado de bons intendimentos; que faustos demasiados, nem os louvava nem lh'os persuadia: mas fazer-se respeitar com mais casa e melhores atavios, e acompanhamento decente, não só não encontrava a virtude, mas era coisa necessaria, etc. Sousa, Vida do Arceb. Tom. I. L. I. cap. 22. — È necessario este exordio: 1.º, quando os animos estão indispostos contra a materia, por parecer vergonhosa ou paradoxa (§ 21); a qual apresentareis pela face menos desagradavel; 2.º, quando o discurso do antagonista tiver preoccupado os animos dos ouvintes; inconveniente que evitareis, promettendo as vossas provas e destruindo logo as contrarias: 3.º, quando houverdes de falar a um auditorio já cançado; e esse estorvo remover-se-á, despertando a attenção (§ 116).

## § 107

Exordio improviso ou abrupto 6 aquelle em que o orador, arrebatado por uma impetuosa paixão, abala inesperadamente os ouvintes. Este exordio empregar-se-á raramente; e só tem logar: 1.º, quando for bem conhecida a gravidade do assumpto; como em um grande contentamento geral, ou pelo contrario em uma grande calamidade publica: 2.º, quando, subitamente inflammado pela presença d'uma pessoa ou d'um objecto, o orador começa logo a trovejar na assemblêa. Assim contra Ca-

tilina investe de-subito o orador romano (na I Catil.):
Até quando emfim, Catilina, has de abusar da nossa paciencia? Por quanto tempo ainda zombará de nós esse teu furor? etc. Assim tambem Vieira sobre o juizo universal:
Abrazado finalmente o mundo, e reduzido a um mar de cinzas tudo o que o esquecimento d'este dia edificou sobre a terra...; soará no ar uma trombeta espantosa, etc.

#### \$ 108

Ora o sim do exordio, que é—dispôr os ouvintes para que nos sejam savoraveis—, conseguir-se-á per tres meios: 1.º, se lhes tocarmos os corações em savor nosso: 2.º, se sizermos que o seu intendimento e vontade se interessem na materia: 3.º, se lhe esclarecermos o intendimento, para facilmente intenderem o que vam escutar; tornando-os d'est'arte benevolos, attentos e doccis. E, comquanto estes meios hajam de empregar-se per todo o discurso, no principio todavia sam muito mais necessarios, para podermos ir ávante.

## § 109

A benevolencia tirâmos nos das pessoas, do assumpto, das circumstancias, e do discurso do antagonista ou do concorrente. A qualidade das pessoas varía, algum tanto, segundo o genero d'eloquencia: na do pulpito sam ordinariamente duas, a pessoa do prégador e as dos ouvintes; na parlamentar, de ordinario tres ou quatro, orador, ouvintes, e antagonista, ou concorrente; na do foro cinco, os dois advogados os dois pleiteantes e o juiz.

# § 110

Em qualquer genero de eloquencia, o orador conciliará a benevolencia pela sua propria pessoa: 1.º so ganhar o conceito de homem probo e desinteressado, parecendo que se encarrega do assumpto, não por interesse proprio,

senão polo dever do bem-publico ou da humanidade: 2.º, se, apoucando sua eloquencia, se mostrar sinceramente modesto, afim de não incorrer no desagrado dos ouvintes e de não dar menos do que promette. Estes dotes ostenta Cicero (a fav. de Archias): Se em mim ha. senhores, algum ingenho, que sinto quam limitado seja, etc.; depois abaixo: E se esta minha voz já salvou alguns, porcertoque com ella devo prestar, quanto em mim for, aquelle de quem recebi o poder de valer aos outros, etc. — Quanto á pessoa do seu cliente, captará o orador a benevolencia, já fazendo-o recommendavel polo merecimento, serviços e innocencia; já lastimando a desgraça d'elle.

### \$ 111

Pelo que toca á pessoa do antagonista ou do advogado contrario, confesse o orador que se recêa da demasiada eloquencia e valimento d'elles, para tornar aquellas qualidades suspeitas ao juiz ou ao auditorio. O concorrente, tracte-o sempre o mesmo orador com a devida estimação e respeito. O pleiteante contrario, represente-o (sem faltar á verdade) indigno, para lhe conciliar o desprezo; poderoso, para o fazer abhorrecivel; infame, para ser odiado.

#### § 112

Conciliará o juiz ou os ouvintes, pelas suas pessoas: 1.º, louvando-os (mas com modo) polas suas virtudes, e ligando esse louvor ao interesse do assumpto; assim que, a favor dos homens-de-bem allegue a honra dos mesmos ouvintes ou juizes; polos pequenos, a sua rectidão; polos infelizes, a sua misericordia, etc.: 2.º, condescendendo, quant. possa, com os seus costumes e sentimentos: 3.º emím, parecendo que têm confiança nelles.

#### § 113

Quando porém o assumpto dér materia á benevolencia. das entranhas d'elle é que principalmente se ha de tirar o exordio, para mais se ligar com o corpo do discurso. Bem tenteado pois o assumpo, tudo o que nelle se encontrar favoravel logo no exordio o fortalecereis com provas e o engrandecereis com affectos; e, se alguma coisa achardes contraria, pelas mesmas vias procurareis destruil-a ou, ao menos, apoucal-a. — Mas nesta parte do discurso devem tocar-se levemente assim as razões como os motivos; as razões, para não perderem a graça da novidade quando no seu logar se tractarem; os motivos, porque, sem se haver provado a importancia do assumpto, nada aproveita largar a torrente dos affectos. Cicero, as mais das vezes, tira do assumpto os seus exordios, valendo-so ao mesmo tempo das pessoas; como neste a fav. de Marc .: Ao longo silencio que nestes tempos hei guardado, senhores,... poz termo o dia d'hoje... Sim, jú vejo Marcello restituido a vos e á republica, etc.

#### § 114

Muitas vezes se toma tambem o exordio das circumstancias das pessoas e do assumpto; e no emprego d'este meio vos guiará a doutrina dos quatro §§ ultimos. Sam circumstancias das pessoas — o parentesco, a amizade, a patria, etc.: — as circumstancias do assumpto sam — o tempo, a occasião, o logar, a expectação-publica, etc. — Da occasião tirou o Apostolo esto exordio: Varões athenienses, em tudo e per tudo vos vejo um pouco excessivos no culto da vossa religião; pois indo passando e vendo os vossos simulacros, encontrei tambem um altar em que se achava esta lettra — Ao Deus desconhecido. — Pois aquelle Deus que vós adorais, sem o conhecer, esse é defacto o que cu vos annuncio, etc. Act. XVII, 22. Tradade Per

#### § 115

Emfim, se attenderdes ao que antes de vós disse sobro o mesmo assumpto o antagonista ou o concorrente, o seu discurso poderá ser fonte do vosso exordio, e occasião de conciliardes a benevolencia. — Um tal exordio, não composto em casa mas nascido das circumstancias que occorrem, não só engrandece a reputação do orador, pola facilidade com que o inventa; mas tambem, pola singeleza que mostra, se faz mais crivel. D'este exordio se serviu Cornel. Scipião, respondendo ao discurso de Fabio, que impugnára a sua expedição á Africa: Até o mesmo Q. Fabio, senhores, no principio do discurso lembrou que o seu voto podia suspeitar-se detractivo, etc. T. Livio, XXVIII, 43.

#### § 116

Despertará o orador a attenção, não tanto pedindo-a e mostrando-se sollicito (meios que sam communs) quanto: 1.º, se parecer que tracta um assumpto novo, importante, grave, necessario; 2.º, se mover os animos com a esperança do bem ou temor do mal, que da attenção ou da falta d'ella possam provir aos ouvintes ou ao publico; 3.º, se prometter que se não ha de demorar muito nem sair da materia. Assim, pola importancia do assumpto, concilia Cicero a attenção, no discurso a fav. da Sua Casa: Se ao juizo dos sacerdotes e do povo romano se offereceu em algum tempo uma causa importante; tammanha é porcerto a que hoje tracto, que toda a dignidade da republica, o bem, a vida, a liberdade de todos os cidadãos, parece haver-se commettido e confiado á vossa sabedoria, protecção e auctoridade.

#### § 117

Tornareis finalmente docil o ouvinte; 1.º, pela mesma attenção que nelle despertardes; 2.º, dando-lhe uma idêa

clara e summaria do vosso assumpto: 3.º, procurando tirar-lhe a prevenção, que elle possa ter, sobre a obscuridade da materia. O mesmo Cicero (a fav. da Lei de Manil.), havendo tomado o exordio das razões que tivera para dirigir o discurso ao povo romano, passa a conciliar a docilidade com esta idêa precisa do assumpto: Tenho, comesse de falar da singular e extremada virtude de Cn. Pompéo, etc.

# § 118

Mas, aindaque muitas vezes convenha empregar simultaneamente todos estes tres meios que deixâmos propostos, é todavia innegavel que cada materia, segundo o genero, requere um d'elles com especialidade. Porquanto, se a materia apresentar a face de duvidosa, importa fazer o ouvinte benevolo, para que propenda para a nossa parte: se parecer baixa, attento, para que elle repute grave e importante o que julgava desprezivel: se obscura, doeil, para que se lhe facilite a intelligencia do que lhe parecia difficil de intender-se: se paradoxa, empregue-se o exordio indirecto (§§ 21 e 109).

# § 119

Agora, per esta doutrina sobre o exordio, facil é de conjecturar quaes sejam as suas virtudes, quaes os vicios. A primeira virtude é certamente a propriedade; e consiste ella em o exordio nascer do assumpto, bem-como a flor nasce do seu ramo; e em estar tam ligado com o resto do discurso como a cabeça com os membros. — Contra esta virtude peccam os exordios seguintes: o vulgar, i. é, o trivial e o applicavel a muitos assumptos: o commum, de que tambem póde servir-se o antagonista: o commutavel, que o mesmo antagonista póde converter em utilidade sua: o separado, que não têm connexão com o assumpto nem com a parte immediata do discurso: o transferido, que toma um caminho diverso do que demanda a qualidade do assumpto. (§ antec.)

#### § 120

A segunda virtude é o justo apuramento, de-sorte-que o exordio seja apurado, sem faltar á gravidade; sendo que nelle começa logo a principal estimação, ou o menosprêzo, do orador. Muito máo piloto é aquelle que, logo ao sair do porto, deixa encalhar o navio nos rochedos; diz Quinctiliano.—Sam portanto exordios viciosos—o desalinhado e o brincado.

#### § 121

A terceira virtude é o pejo ou modestia nos pensamentos, nas palavras, na voz e no gesto; para que o orador, por sua demasiada confiança, não incorra na inveja e desagrado dos ouvintes; nem prometta muito e dê pouco (§ 110). — Com razão pois se têem por máos exordios — o arrogante e o inchado.

#### § 122

A quarta virtude emfim é a proporção; a qual pede que o exordio se ajuste á grandeza do discurso, assim como este deve accommodar se ao assumpto. Pois que nem a uma pobre choupana se deve dar um portico espaçoso, nem uma pequena porta fica bem a um edificio nobre e grande. — Evite-se portanto assim o exordio nimiamente longo como o nimiamente curto. — E quasi todos estes vicios, bem-como as virtudes, não o sam só do exordio, senão de todo o discurso.

#### § 123

As vezes tambem noutras partes do discurso ha trechos com força d'exordio; como quando na exposição dos factos, ou na serie das provas, o orador faz passagem d'uma para outra materia, pedindo já a attenção, já a benevo-

lencia, dos ouvintes. Assim (a fav. de Marc.) o practica Cicero na deducção das provas: Ora attendei, senhores, véde até onde chega esta sentença de C. Cesar, etc. — Que estylo convenha ao exordio, assim como ás demais partes do discurso, dir-se-á noutro logar. (§ 338)

## CAPITULO XIII

#### Da informação do a**s**sumpto

# § 124

Preparados os animos dos ouvintes, pede a ordem que se lhes indique a materia do discurso. A isto chamamos informação do assumpto; a qual, segundo a natureza d'elle, toma diversas fórmas. Quando o assumpto é simples ou d'um só poncto, que não é mister desinvolver-se para d'elle se tomar conhecimento, bastará tambem uma informação simples ou per um só enunciado. Quando o assumpto é complexo ou de diversos ponctos, que todavia podem precisamente indicar-se per outros tantos enunciados, a informação será dividida nesses ponctos. Quando emfim o assumpto versa sobre um facto, tam involvido em varias circumstancias quo, sem o devido desinvolvimento. não póde ser bem conhecido, é então necessaria uma informação mais extensa e continua. Sam pois tres as formas da informação do assumpto, — proposição, partição, narração; - mas esta ultima deve muitas vezes ser acompanhada d'uma das duas primeiras.

DA PROPOSIÇÃO

## § 125

Proposição pois, neste logar, é—a simples informação do assumpto: —ella é como o alvo a que se dirigem todas

as provas e as demais partes do discurso. Umas vezes a proposição é expressa; outras vezes (como quando ella póde desagradar) subintende-se da parte que a encerra. É expressa e formal esta do Cicero a fav. de Mil.: O que se ha de julgar é—se foi justa ou injusta a morte de Clodio.—Subintende-se est'outra de Diogo d'Almeida, dissuadindo os portuguezos da batalha: Não se deve agora dar batalha aos turcos; Jacintho Freire, Vida de D. João de Castro, L. II.

#### § 126

Em todo o genero d'eloquencia, deve a proposição ser: 1.º singela, i. é, olhar a um só poneto, de cuja unidade dependa a unidade de todo o discurso: 2.º clara, para facilmente se intender: 3.º breve, para não escapar da memoria dos ouvintes: 4.º emfim nova ou apparentemente nova, para interessar os animos. É portanto viciosa a complicada, a obscura, a palavrosa e a vulgar.

#### § 127

Não será aqui fora de proposito notar que a substancia da proposição do discurso sagrado, a qual enuncia uma verdade dogmatica ou moral, se contêm num verso que antecede o exordio, e que quasi sempre se tira das sagradas lettras. E, podendo qualquer passo da escriptura sancta tomar-se em dois sentidos principaes, que sam — o litteral, que o escriptor sagrado teve naturalmente em vista; e o accommodaticio, que livremente se applica a esta ou áquella materia, — em todo a discurso (excepto uma ou outra vez o panegyrico) deve o orador evangelico tomar á lettra aquelle verso ou thema.

## DA PARTIÇÃO

## § 128

Partição é — a informação do assumpto de varios ponctos, dividida em outros tantos membros; — qual é a de Cic. a fav. de Archias: Certo que vos hei de mostrar não só que este A. Licinio é cidadão romano; senão que, se o não fosse, o devia ser. E a de Vieira, Serm. do Juizo final, P. III: Estas duas considerações — do que passou e do que não ha de passar — serão hoje os dois pólos do meu discurso. A partição dá luz e graça ao discurso; ajuda a memoria do orador; e, marcando o termo de cada poncto, tira o tedio ao ouvinte; bem como as milhas, marcadas de espaço a espaço por lapidas, dam allivio ao caminhante.

# § 129

Comquanto porém a materia demande partição, deve ella ás vezes omittir-se. 1.º Quando com ella se tira a graça da novidade ao que ao depois têm de se dizer; sendo certo que achâmos ordinariamente mais agrado naquillo que parece lembrado de-repente e nascido da materia no acto do discurso. 2.º Quando a materia é dura; porque, se o ouvinte a pre-sente, horroriza-se, como o que avista o instrumento cirurgico antes da operação. 3.º Quando tivermos de perturbar os ouvintes com as paixões (§ 71); porque ostas não se compadecem com a subtileza da partição. 4.º Quando emfim um poncto, como principal, torna os outros superfluos.

#### § 130

Havendo de fazer-se partição, seja ella: 1.º inteira, i. é, tal que comprehenda a materia toda; 2.º distincta nos membros, de geito que um se não contenha noutro:

3.º breve, i. é, não carregada de palavras redundantes, e constando só de dois ou tres ponctos, rara vez de mais; porque, sendo muito miuda, não illumina o discurso, escurece-o: 4.º plana, i. é, clara e natural, de-sorte-que parta dos ponctos mais palpaveis para os mais difficeis. É por-conseguinte viciosa a partição incompleta, a confusa, a miuda, e a obscura ou contrafeita.

#### DA NARRAÇÃO

#### § 131

Narração ó — a exposição d'um facto e suas circumstancias, accommodada ao fim do que fala. - Não é pois a narração oratoria o mesmo que a poetica e a historica; porque, quando differem os fins dos que narram, força é que diffiram tambem os mejos. Tendo principalmente em vista a moção e o deleite, o poeta enche a sua narração de affectos e bellezas, e não guarda a ordem chronologica dos successos. Sendo o fito principal do historiador a instrucção dos leitores, segue elle o encadeamento real dos factos e circumstancias. O orador porém, cujo fim principal é a persuasão, embora respeite a verdade, narra comtudo o facto per uma ordem util ao seu assumpto; e das circumstancias escolhe só aquellas que lhe convem apresentar aos ouvintes. Um bom modelo de narração oratoria, encontrail-o em Cic. a fav. de Mil.: P. Clodio. tendo resolvido, na pretura, vexar com toda a casta de crimes a republica, etc. É tambem excellente esta de Vieira: O mais formoso theatro que nunca viu o mundo; a mais grave e ostentosa disputa que nunca ouviram as academias, etc. Sermão 8.º da III P.

#### § 132

Ora, para que os ouvintes mais facilmente intendam, recordem e accreditem o que o orador expôi para infor-

mal-os; deve a narração ser clara, breve e crivel. Estas virtudes, postoque tambem pertençam ás outras partes, nesta é que mais devem de observar-se, para que no resto do discurso não seja baldado nosso trabalho.

## § 133

Clara será a narração: 1.º, se for distincta nos factos, nas pessoas, e nas circumstancias do tempo, logar, causas e fins; porque, onde ha confusão, mal póde enxergar-se a reciproca relação dos pensamentos: 2.º, se vos servirdes de palavras proprias, usadas e expressivas, nunca porém indecentes: 3.º emfim, se derdes ás palavras a ordem conveniente ás idêas quo per ellas se exprimem; e se desveladamente observardes o mais que concorre para a clareza da elocução (§ 166 e segg.). — Deve pois, particularmente em a narração, evitar-se a obscuridade, vicio que (além d'outras causas de que noutro logar falaremos) resulta aqui, ás vezes, das phrases apartadas dos ouvintes, das que se fingem na bocca d'outrem, e das expressões apaixonadas: o que tudo será temperado pela prudencia do orador.

## § 134

Breve se tornará a narração: 1.°, começando a expôr o facto d'onde convêm, e não de mais longe; 2.°, nada dizendo fora do assumpto; antes cortando tudo o que não fizer falta nem á clareza, nem ao interesse do mesmo assumpto; 3.°, não prolongando a exposição mais do que é mister. — É, na verdade, viciosa a narração longa; não só porque escapa da memoria, senão porque é fastidiosa aos ouvintes. Nasce esta diffusão assim das argumentações (Cap. VI), improprias d'esta parte do discurso, como da digressão (§ 103), salvo se esta for breve e tal que pareça ser a violencia da paixão o que vos desvia do fio da materia. — Não deveis todavia ser nimiamente concisos em a narração, para que não aconteça que, procurando ser breves, vos torneis escuros; sendo que a brevidade bem

regulada consiste no meio-termo, i. é, em dizer quanto é necessario e quanto é bastante; guardando concisão nos pensamentos, precisão nas palavras.

#### § 135

Quaudo porém, pela natureza mesma da materia, for mister uma exposição um pouco mais longa, deve tirar-se o tedio: primeiramente, prevenindo o ouvinte logo no fim do exordio, para que conte com ella. Em segundo logar, empregando a partição; porque, dividindo a narração em duas ou tres partes, ligadas pela transição (§ 102), o ouvinte toma repouso com o termo da parte que precedeu, e como que se prepara denovo para escutar. Per-ultimo, convirá dar um ligeiro resumo do que em a narração houver d'essencial, para que não esqueça.

#### § 136

Crivel fareis a narração: 1.º, se consultardes a vossa razão, para não dizerdes coisa que se opponha á natureza nem ás forças do agente: 2.º, se characterizardes a pessoa de-modo-que lhe armem as accões que nella quereis fazer criveis: assim a um accusado de furto dareis o character de cubiçoso; o de homicidio, represental-o-eis temerario; ou fareis o contrario, se os defenderdes: 3.º, se antepozerdes as razões e os motivos aos factos, maiormente áquelles sobre que versa a questão: 4.º, se lançardes pela narração algumas sementes de provas: 5.º, emfim, se tocardes as circumstancias do legar, tempo e outras, que, comquanto pareçam inuteis, não só conduzem para se accreditarem os factos, mas tambem dispõem os animos para as provas. Todo o que desprezar estas regras, ou tomar per uma róta opposta, fará sem-duvida incrivel a sua narração.

#### § 137

Nas causas judiciaes é que se emprega com mais frequencia a narração; que é um como ensaio e, por assim dizer, um viveiro das provas; sendo, já toda a nosso favor, já toda a favor do adversario, já mixta.—Na eloquencia concional tambem muitas vezes têm logar a exposição, extrinseca, de coisas que dizem respeito á deliberação.—Raramente a admittem os discursos do pulpito, excepto os panegyricos; nos quaes, assim como em todo genero laudativo, a narração serve de confirmação.

#### § 138

Quanto á narração judicial, se for toda a nosso favor, bastará que tenha as tres virtudes de que temos tractado. — Quando ella porém for contra nós, exporemos as coisas d'um modo differente do adversario, segundo o estado da causa (§ 24). Assim, na questão de facto (ou no estado de conjectura) faremos com que, pela nossa narração, o juiz conjecture que o facto não existiu: se a questão for sobre a natureza do facto, definil-o-emos de-modo-que o juiz intenda que a natureza não é a que diz o adversario: sendo a questão sobre a qualidade, conheça tambem o juiz, pelas nossas razões, que a qualidade é outra. - Emfim. se a narração for mixta, sendo parte a nosso favor e parte contra nós, á vista da causa deliberaremos se havemos de ajunctar, ou separar, essas partes. Porquanto, se forem mais as coisas que nos prejudicam, será melhor separal-as, asim de que as savoraveis não siguem como sepultadas naquellas: se forem poróm mais as uteis, convirá ajunctal-as, para que as contrarias, ficando no meio, tenham menos força.

# CAPITULO XIV

#### Da coafirmação

## § 139

Informados os ouvintes da materia, apresente-se o orador para sustentar a verdade, justiça, ou importancia d'ella, munido de provas, como um soldado vestido de armas para o combate. Agora é que se devem não só desinvolver e apoiar as coisas que favorecem o assumpto; señão também destruir o que se lhe oppôz, ou atalhar o que se póde oppor. Estes sam os officios da confirmação, a qual contêm por assim dizer, as entranhas e a vida do discurso; e que é — a comprovação directa ou indirecta do assumpto: - divide-se por-conseguinte em duas partes, confirmação propriamente dicta, e refutação. Exemplo: Vé, por quem és, a confiança com que desendo a sua causa, traindo a minha, etc. Cic, a favor de Lig. E: Dizem elles que não merece ver a luz quem confessa ter morto um homem, etc. Do mesmo, a fav. de Mil. No nosso Luiz de Sousa achareis exemplo d'uma e outra parte sobre um mesmo assumpto: Que os homens prudentes sempre costumaram conformar-se com os tempos em que viviam, etc. Vida do Arceb. Tom. I, liv. 1, cap. 22. De-maneiraque vejo dois prelados da ordem do meu glorioso padre S. Domingos, prelados sanctos e religiosos, convertidos hoje em l'latões e Tullios, etc. Ibid. cap. 23.

#### § 140

Como pois ambas as partes ou especies de confirmação, aindaque cada uma siga seu caminho, se dirigem todavia ao mesmo fim, que é a convicção dos ouvintes, imprimindo lhes nos animos a verdade,—ambas se servem das

mesmas armas, i. é de provas. Vejamos, pois, que regras se ham de guardar sobre a escolha, disposição e manejo, das provas.

#### \$ 141

E primeiramente, na confirmação propriamente dicta, — 1.º Seja o principal cuidado do orador a escolha das provas: pois nem sempre se ha de carregar o ouvinte com todas as que se tiverem descoberto; que isso causaria tedio e desaccreditaria o assumpto. — 2.º Não se produzam provas fraças nem communs; senão as proprias e as mais poderosas, i. é, as menos subjeitas á duvida e á refutação. Quem assim não fizer parecerá não ter segurança nem recurso, ou sentirá virados contra si seus proprios tiros.

#### § 142

A disposição das provas deve regular-se pelas forças d'ellas, pela natureza do assumpto, e pela ordem das questões. - Quanto ás questões, postoque na invenção preceda a hypothese, sendo a analyse o caminho para o descobrimento da verdade; todavia na declamação deve de anteceder a these, como subsidiaria da hypothese (embora isto algumas vezes tenha excepção, majormente no discurso sagrado); e por-conseguinte as provas ham de necessariamente seguir a ordem da respectiva questão. - Olhando á firmeza das provas, a regra geral é ou dispôl-as de-modoque o discurso vá subindo das menos fortes para as mais valentes; ou produzir parte das fortes no principio para prevenir os animos, e parte no fim para os despedir com impressões recentes; ficando as mais fracas no meio, onde a sua fraqueza será menos sensivel: assim representa Ho? mero dispostas as tropas gregas. -- Mas o que mais importa nesta parto é o examinar bem o assumpto; depois a prudencia do orador descobrirá o melhor logar na dis-Posição das provas : não se esquecendo jámais de prender umas com outras com o laço natural (§ 102), para que se não quebre a unidade dos pensamentos.

#### § 143

Tambem é variavel o manejo das provas. — Se as provas forem concludentes, insistiremos em cada uma d'ellas separadamente; para que assim se deixe vêr sua forca, não ficando confundidas com outras. Se porém forem menos fortes, apresental-as-emos junctas em massa, para se apoiarem reciprocamente: porque, se cada uma de per si têm pouco pêso, unidas fazem muito mal ao antagonista; se o não derribam como o raio, pisam-no, como a saraiva. -As provas deduzidas de factos, ou duvidosos ou negados pelo adversario, para poderem convencer, precisam de que se demonstre o seu fundamento; porque só depois de se haverem por certas é que podem provar o que é incerto. -Finalmente, as provas tiradas das paixões devem auxiliar-se com logares communs (§ 28), e reforçar-se e desinvolver-se pela amplificação (de que adeante se ha de tractar). D'est'arte, não ficando ellas nuas e descarnadas como esqueletos, não só terão mais firmeza, senão tambem mais graça. — Não se desinvolvam todavia excessivamente; aliás, afrouxarão com o orador.

## § 144

A refutação, que dissolve as objecções, ou feitas ou por fazer, não têm logar certo no discurso. Umas vezes necessita o orador de destruir, logo no principio, as razões produzidas pelo antagonista: outras vezes, mórmente na disputa vocal, não póde adeantar seus passos, sem ir ao-mesmo-tempo acommettendo e repellindo-o: outras vezes começa por estabelecer as suas provas, e d'aí passa a prevenir e refutar aquillo que parece oppôr-se-lhes. Poronde, a refutação ora antecede, ora acompanha, ora succede á confirmação.

## \$ 145

E, comquanto tenha ella mais uso no foro, cabe todavia

em todo o genero de eloquencia; pois até mesmo o orador christão, imaginando ás vezes um adversario que lhe objecta, desfaz as razões especiosas com que este possa attacar ou a crença religiosa ou os bons costumes. Seja porém qual for o genero de discurso, seja qual for a parte em que entre a refutação, as regras sam ordinariamente as mesmas.

# § 146

Primeira. — Não é preciso responder a todas as palavras e miudos conceitos do adversario: que sería isso uma coisa infinita e excusada: attacae só o que vos for mais nocivo. - Segunda. As provas communs, lançae mão d'ellas e retorquí-as contra o antagonista que as produziu: não só porque ellas pertencem a um e outro disputante, senão porque aproveitam mais ao que as emprega depois. — Terceira. Se o antagonista allegar coisas improprias do assumpto ou a elle extranhas, direis que não pertencem á questão e que porisso não deveis deter-vos nellas. - Quarta. Emquanto aos factos proprios da causa (o que principalmente costuma acontecer no foro), ham de negar-se, ou justificar-se, ou transferir-se, segundo o estado da causa. Assim, ora direis que o facto não aconteceu, ou que não tem a natureza que diz o adversario; ora o justificareis, qualificando-o por um modo diverso (§ 138). Se, antes de usardes d'algum d'estes dois meios, virdes que têm logar a translação, empregae-a; mostrando que esse individuo não têm acção, ou que não a têm contra este; ou perante este juiz; ou por força d'esta lei : ou neste tempo, etc.

# § 147

Quinta. Se a prova, que tendes de resutar, sor deduzida do testimunho dos sentidos, examinareis se a connexão do signal com a coisa significada é intima ou se é só remota; e, sendo remota, se as circumstancias, que o adversario diz, acompanham ou não a coisa (§ 31). Se porém a prova for tirada do testimunho humano, vêde se podeis

mostrar ou que as testimunhas estão corrompidas, ou que têem odio ao vosso cliente, ou que não têem conhecimento do facto, etc. — Sexta. Nas provas per confrontação, como no exemplo, na similhança, na paridade-de-direito, fazei toda a diligencia por descobrir alguma disparidade entre os objectos confrontados; pois não é possivel que elles sejam eguaes em tudo. — Septima. Quanto aos argumentos propriamente dictos, mostrareis que ou sam falsos os principios em que se fundam; ou, sendo verdadeiros, que se não contêem nelles as consequencias: feito isto, os argumntos perderão necessariamente toda a sua força.

#### § 148

Oitava. Se os argumentos forem ou tam fracos que d'um só impulso se possam derribar, ou tam fortes que não convenha pelejar em fórma com cada um d'elles, attacae-os todos junctos. Quando porém tirarem sua força da união, refutae-os separadamente; porque, se unidos tinham muita força, separados perdel-a-ão porcerto; assim como os grandes rios, repartidos em regatos, per-onde-quer dam passagem. E, se vos for mais difficil desfazer as razões do adversario, confrontareis com ellas as vossas, vendo se podeis fazer com que estas pareçam mais valentes: chamam a isto—refutar per compensação.—

## § 149

Nona. Emfim a melhor maneira de refutar é fazer por descobrir nas objecções, que se vos fizeram, alguma expressão ou contradictoria, ou alheia do assumpto, ou excusada, ou incrivel, ou mais a vosso favor que do antagonista.

## CAPITULO XV

#### Da peroração

## § 150

Levada a este poncto a obra do orador, nada lhe resta mais que colligir alfim os pensamentos, nella desinvolvidos, e dar o ultimo impulso aos corações. Eis a peroração ou o remato do discurso. Ao entrar nesta parte, 1.º --Não tomo o orador os ouvintes de improviso, concluindo inesperadamente o discurso; nem engane a expectação, retardando o fim quando elle já se espera. 2.º - Abra depois todas as fontes da eloquencia, para despedir os ouvintes com impressões favoraveis a elle e ao assumpto. O modelo d'uma excellente peroração é a de Cic. a fav. de Mil.: Mas assás e muito tenho dicto sobre a causa; e fóra d'ella, quicá, em demasia. Que me resta sendo pedir e supplicar-vos, senhores, que tenhais para-com um vardo tam animoso aquella compaixão que elle não implora, mas que eu, sem elle o querer, imploro e sollicito? E esta de Vieira: Cheyando a este poncto, de que não sei nem se pode passar, parece-me que nos está dizendo vossa divina e humana bondade, Senhor, etc., Serm., o 14.º da III P.

# § 151

Duas sam pois as partes da peroração, — anacephaleose e epilogo. — Anacephaleose ou recapitulação é — a repetição summaria do que fica desinvolvido, apresentando-o num poncto de vista. — E seus effeitos sam: 1.º avivar a memoria dos ouvintes: 2.º tornar mais intelligivel o assumpto, pela vista simultanea do seus ponctos: 3.º dar, pela união, ás provas mais força do que tiveram separadas.

#### § 152

Mas nesta parte duas regras se ham de observar: 1.ª Tocar só as coisas mais importantes, e com a maior brevidade, como voando pelos ponctos capitáes; porque, se houver demora, não parecerá terminar-se o discurso, senão em-certo-modo começar denovo. 2.ª Reforçar com pensamentos ponderosos aquillo que se recapitular, e tirar-lhe o tedio pela variedade d'uma expressão nova e não trivial. Isto podereis fazer, já introduzindo alguem a substanciar por vós o que tinheis dicto; já substanciando-o vós mesmos, mas cortando vosso discurso e dirigindo-o a outra pessoa ou coisa particular. Assim o fez excellentemente Cicero na Verre. V., interrompendo o discurso para falar com Verres; Se teu pae mesmo fosse juiz d'esta causa, que diria, vendo provados estes crimes? E a isto ajunctou a recapitulação.

#### § 153

Ora, se pola simplicidade do assumpto for breve o discurso, claro é que em parte nenhuma se precisa de recapitulação, quanto ao seu primeiro effeito. Quando porém o assumpto constar de varios ponctos ou, aindaque d'um só, for confirmado com muitas provas, não só demandará uma recapitulação geral no fim do discurso, senão tambem uma especial na confirmação ou em a narração; sendo certo que um discurso extenso facilmente escapa á memoria dos ouvintes. (§ 154)

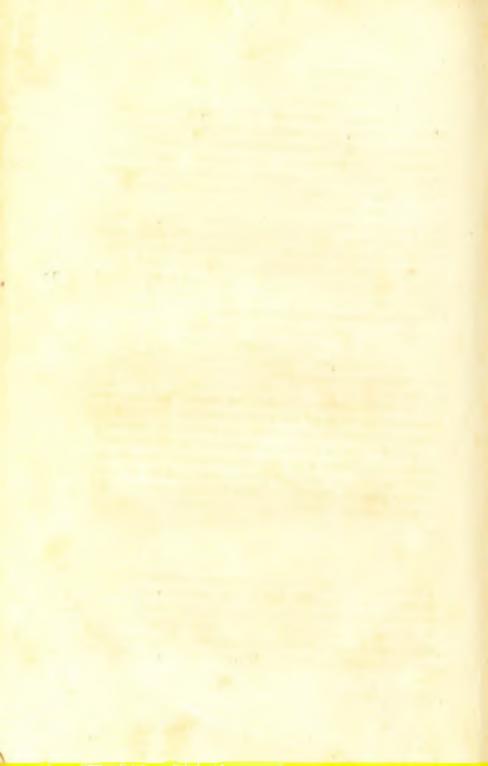
#### § 154

O epilogo, postoque no sentido etymologico signifique conclusão, sóe todavia tomar-se por — aquella parte da peroração em que o orador mais se esforça por determinar os animos dos ouvintes. Aqui rasga elle denovo as feridas que fizera; aqui procura com mais ardor a victoria: este é o logar dos affectos; este o triumpho da elo-

quencia. (Vêde as regrass obre os affectos patheticos, nos §§ 63, 69 e seguintes)

#### § 155

Estes affectos, é verdade, tambem ás vezes cabem nas outras partes do discurso. No exordio conduzem elles para preparar o auditorio; sem elles não devem narrar-se as acções atrozes e as lastimosas; e até convêm ajunctal-os a cada prova ou a cada poneto do assumpto, quando se tracta de qualificar acções graves. Nestas partes, comtudo, excitam-se mais rapidamente os affectos; pois que a mór parte dos motivos, que podem abalar os corações, devem reservar-se para o epilogo. Aqui, como já está tractado o assumpto e conhecida a sua gravidade, nem iá resta outra parte para onde guardemos o movimento; aqui, sim, podemos entornar os affectos com mão larga, disferir todas as vélas do discurso, e, ao ferrar o porto, soltar palavras nobres. - Quando nem o assumpto pedir affectos, nem o discurso repetição summaria, omittir-se-á a peroração. propriamente dicta.



# TERCEIRA PARTE

# ELOCUÇÃO

#### CAPITULO XVI

#### Da natureza da elocução em geral e da sua difficuldade e excellencia

## § 156

Depois de achados e dispostos os pensamentos, que mais direitos possam ir ao fito do discurso, deve procurar-se a expressão que os faça passar aos animos do auditorio. Eis-nos pois chegados á terceira parte da eloqueucia, a elocução. Ella é, em geral, — a expressão dos pensamentos per meio das palavras; — diversa, segundo os diversos generos de discurso; em cada um dos quaes toma ella várias fórmas ou estylos, de que se ha de tractar adeante.

## § 157

A todo o genero de elocução serve de fundamento a grammatical, que differe da oratoria, por não se proporem ambas o mesmo fim. Elocução grammatical ó— a simples expressão verbal dos pensamentos; — porque se contenta com palavras o phrases taes que per ellas se intendam bem os conceitos do espirito; sendo este o seu proprio e unico

fim: assim a sua unica virtude é a elegancia (§ 162) (\*). O orador, porém, têm mais fins e de maior momento: poronde, elocução oratoria é — a escolha de palavras e phrases que dam aos pensamentos a conveniente luz, força e graça.

#### § 158

Esta é porcerto a mais difficil operação do orador, esta a que demanda mais trabalho e esmero; já porque é forçoso que quem faz um discurso tenha perfeito conhecimento da lingua (§ 14), conhecimento tanto mais difficil quanto mais rica ella for de vocabulos e locuções; já porque muito releva saber a linguagem das paixões, a qual só se apprende bem com o longo exercicio e com o profundo estudo do coração humano. Assim que, devendo as outras operações mais ao genio que á arte, a boa elocução sem a guia da arte jámais poderá conseguir-se.

#### § 159

Mas-assim como esta parte é a mais difficil, assim é tambem a mais excellente; sendo que, em primeiro logar, ainda os melhores conceitos sem a elocução ficariam inuteis e similhantes é espada na bainha. Em segundo logar, pela elocução é que o orador se avantaja ao orador; porque a maneira de dizer de cada um é o que mais realça, ou escurece, o seu nome.

#### § 160

Não queremos porém dizer, com isto, que o orador, desprezando os pensamentos (que sam como os nervos e a alma do discurso), pare a cada palavra para a pesar, nem que d'ella se namore apaixonadamento; que isto embarga

<sup>(\*)</sup> Não tomâmos aqui a palavra elegancia no sentido vulgar, mas no restricto, em que já rhetoricos latinos a tomaram, significando o complexo de tres dotes da phrase, — pureza, correcção e elareza.

os passos ao discurso e apaga o fogo da cogitação. Demais-que, assim-como o vestido decente e majestoso dá auctoridade ao homem; e pelo contrario o feminil e garrido não tanto enfeita o corpo quanto descobre a leviandade do espirito: assim o exquisito e affectado trajo das paavras effemina os pensamentos. Haja pois cuidado nas palavras, nos pensamentos desvélo.

#### § 161

Antes de vermos, porém, que coisas conduzem para a perfeição da elocução, advertimos aos estudiosos que, com muita, variada e bem escolhida, licção dos exemplares, façam um bom provimento de palavras; que apprendam a arte de as ligar e collocar; e que fortifiquem, porfim, tudo isto com exercicio largo. D'est'arte, as palavras accudirão promptamente, parecendo acompanhar sem violencia os pensamentos, como a sombra segue o corpo. D'outra sorte, assim-como os que não grangearam patrimonio para subsistir sam forçados a mendigar; assim acontecerá aos oradores que não tiverem assás trabalhado.

## CAPITULO XVII

Da elocucão elegante

1

DA PUREZA DA ELOCUÇÃO, PRIMEIRA PARTE
DA ELEGANCIA

#### § 162

Considerando-se pois a olocução tanto nas palavras separadas como nas unidas em phrase (§ 157), para que ella tenha toda a perfeição, deve ser — elegante, ornada, bem collocada e decente; — pertencendo tambem esta ultima qualidade á invenção, disposição e declamação; mas aquellas quatro virtudes geraes, elegancia, ornato, collocação e decoro, subdividem-se ainda em varias especies. — E em primeiro logar, elocução elegante diz-se propriamente a que é pura, correcta e clara; dotes que, em verdade, requere tambem a elocução grammatical (como dissemos no citado § e nota;) pois, se ella não servir de base á oratoria, o edificio que esta levantar desabará.

#### § 163

Será pura ou casta a elocução se empregarmos palavras e phrases da propria lingua e approvadas pelo uso dos que bem falam. E, sendo umas palavras mais puras que outras, segundo as diversas edades da lingua e conforme os diversos escriptores de cada edade, duas sam as regras da pureza. 1.ª Empregae sempre as palavras de melhor seculo e de melhor escriptor, não as tomando jámais dos somenos, salvo se ellas naquelies faltarem. Para o que é mister que os classicos exemplares noite e dia sejam de vossas mãos versados. 2.ª E, porque não deve só respeitar-se a auctoridade dos que já não existem senão tambem a dos que vivem, tende familiaridade com os que bem falam; que a practica d'estes é o que constitue o uso e norma da pura linguagem, assim-como o exemplo dos bons é a regra de bem viver.

#### § 164

Devem pois evitar-se tres vicios oppostos á pureza: 1.º o peregrinismo ou barbarismo, i. é, o emprego de palavras ou phrases extrangeiras, que não estão ainda naturalizadas na lingua nacional. Para se naturalizar uma palavra, quando isso seja indispensavel, deve marcar-se ella com o cunho do uso, árbitro da linguagem; i. é, dar-se a essa palavra, per meio da analogia, a mesma declinação e accento que têem as palavras naturaes da lingua

2.º O provincianismo, i. é, o emprego de palavra ou phrase que, não tendo o uso ou a pronunciação dos polidos da côrte, ise ha por barbara ou extranha. — Necessario é, porém, advertir que nalgumas provincias estão em uso muitissimos vocabulos e termos, vernaculos e de excellentes quilates, sendo noutras provincias e na côrte desconhecidos. 3.º O purismo, i. é, a affectação ou excessivo cuidado na pureza das palavras, não empregando nenhuma que não seja auctorizada polo uso dos melhores mestres da lingua.

П

DA CORRECÇÃO DA ELOCUÇÃO, SEGUNDA PARTE
DA ELEGANCIA

## § 165

A correcção da elocução consiste em se unirem as palavras umas ás outras segundo as regras da syntaxe. Esta parte da grammatica, postos os principios que respeitam ás propriedades das diversas classes do palavras, dá as leis sobre a concordancia, regencia e construcção das mesmas palavras, em harmonia com a reciproca relação das idêas. Estas leis, que, pela mór parte, variam segundo o genio de cada lingua, ham de receber-se dos grammaticos. O vicio contrario á correcção é o solecismo.

H

DA CLAREZA DA ELOCUÇÃO, TERCEIRA PARTE
DA ELEGANCIA

§ 166

Clara será a elocução se a phrase for como transparente, dando as palavras passada ás idêas; de-modo-que, assim-como a luz do sol se mette pelos olhos, assim o discurso entre no espirito do ouvinte, aindaque o não applique. E sendo esta na fala a virtude prima, tanto d'ella havemos de curar, que os ouvintes não só possam intender o que dizemos mas que nem ainda possam deixar de intendel-o. Para este effeito contribuem já os dois primeiros dotes da elegancia; mas ainda se requerem outros meios. Sam pois os principaes—a pureza, a correcção, a precisão, a ordem e a propriedade.

# § 167

Precisão é a justa proporção entre as palavras e os pensamentos, de-modo-que no dizer nada falte e nada sobeje. — A ordem está em que as palavras, cujas idêas entre si têem relação íntima, se colloquem tam perto umas das outras que facilmente se perceba essa relação. — E a propriedade consiste em se tomarem as palavras ou no sentido natural, ou no habitual, ou no mais accommodado ás idêas. Poronde, quando se tracta de propriedade, as palavras não se consideram como vocabulos, senão como termos; i. é, não se tomam em relação ao som, mas em relação á idêa do objecto. Proprias sam, pois, as palavras ou per natureza, ou per uso, ou per accommodação; ás da primeira e da segunda classe contrapõem-se as translatas; ás da terceira oppõem-se as vulgares; a todas as tres classes as improprias.

## § 168

E primeiramente, sam proprias per natureza ou origem as palavras tomadas na accepção primordial; i. é, naquella significação da qual se crê derivarem-se as outras significações da mesma palavra. Tal é, em latim, a palavra—vertex, — quando se toma polo redomoinho d'agua, ou por outra coisa que fórma um gyro similhante; postoque, per analogia, signifique tambem o redomoinho dos cabellos na cabeça; d'aí a parte mais alta da cabeça; depois o cume dos montes; e porfim a summidade de qual-

quer coisa. Taes sam tambem, em portuguez, estas — alto duro; — cada uma das quaes significa, além da idêa primitiva, outras muitas secundarias.

#### § 169

Em segundo logar, dizem-se proprias as denominações que habitualmente pertencem aos objectos i. é, as palavras das quaes, ou per natureza ou per uso, as idêas estão como de posse, de-sorte-que a sua significação é a primeira que se offerece ao espirito de quem ouve ou lê; como estas fogo, luz, — proferindo-se sos; porque, junctas com certas outras, como — fogo do intendimento, luz da razão, sam translatas, i. é, não proprias, mas em sentido emprestado. - Nem sempre porém nos servimos das palavras d'esta classe : já por amor do decoro, porque devemos evitar as obscenas, as sordidas e as baixas, que offendem o pudor, a cortezia e a dignidade das pessoas ou das coisas; já por utilidade, quando a translata é melhor que a propria, dando ao discurso ou mais luz, ou mais força, ou mais graca. — E quando na lingua falta palavra propria para significar a idêa do objecto, recorre-se tambom á translação denominada catachrese (§ 219).

## § 170

Em terceiro logar, chama-se propria a palavra que o uso destinou e como que consagrou para significar um de muitos objectos que entre si têem alguma coisa de commum: assim a palavra — nenia — foi consagrada para designar o canto funebro. A esta classe pertencem os termos technicos ou proprios das artes; como estes nauticos, — amurada, bolina.

## § 171

Tambem, em quarto logar, se diz proprio aquelle nome que, sendo commum a outros individuos ou objectos, per

excellencia se appropría a um d'elles em particular: tal é, entre os latinos, — urbs — quando designa Roma, havendo muitas cidades; assim, em vez de Luiz de Camões, dizemos — o epico portuguez.

#### § 172

Em quinto logar, finalmente, têem-se por proprias as palavras tam significativas que não se podem descobrir outras que mais o sejam. As palavras d'esta classe denominam-se—de propriedade oratoria,—por se escolherem as mais accommodadas aos pensamentos; as quaes sam pela mór parte translatas; como aquella de Virg. (Ecl. VI, 5): tenue canto, para significar o humilde assumpto e estylo pastoril. E estas de Vieira, quando descreve o trabalho do estatuario formando uma estatua humana: Ondéa-lhe os cabellos, aliza-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a bocca, avulta-lhe as faces, tornéa-lhe o pescoço, extende-lhe os braços, espatma-lhe as mãos, etc. Serm. P. III, n.º 520.

#### \$ 173

Pelos meios que ficam dictos (§§ 166 e 167) se dá perspicuidade á elocução; e o vicio opposto a essa virtude é a obscuridade, que, sendo affectada, muito peior é. Commette-se ella: -1.º, empregando palavras desusadas, ou por serem antiquadas, que se chamam archaismos, como estas-ensembra, guisa; - ou por serem muito modernas, a que chamam neologismos, como estas - bellaz, sorremar. - Escolhei pois (para evitardes o vicio) das novas as mais antigas, das antigas as mais novas. - 2.º Sam escuras as palavras que, sendo familiares a certas provincias, sam desconhecidas em outras, como estas usadas no Alemtejo - monte, herdade, - ás quaes noutras partes correspondem est'outras - cusal, fazenda. - Não as empregueis onde não forem conhecidas. - 3.º As technicas; como aquellas que ha pouco (§ 170) trouxemos para exemplo: e estas ou não as empregueis ante os que ignoram a arte a que

ellas pertencem, ou definí-as. — 4.º As homonymas, i. é, as que sob o mesmo nome ou som têem muitas significações proprias; como — barra, serrar: — e, quanto a estas, distingui, pelos appostos e attributos, as idêas que a essas palavras alligais.

## § 174

Eis as causas da obscuridade nas palavras separadas: no contexto da phrase ainda sam mais. — 1.º Torna-se escura a phrase se consta d'um tam longo rodeio de palavras que, não o alcançando todo a attenção do ouvinte, não possa elle perceber a relação das idêas. — 2.º Pela perissologia ou superfluidade de palavras: porque a multidão de accessorios distráhi do objecto principal a attenção do auditorio.—3.º Pela meiosis ou demasiada concisão, que subtráhi á phrase palavras necessarias para a intelligencia do pensamento. — 4.º Pelas expressões refinadas, que em palavras claras encerram sentidos mysteriosos; como em Virg. (Ecl. III, 104):

Dize-me onde (e serás um grande Apollo) Não mais que braças tres o céo abranja.

— 5.º Pela tam longa transposição das palarras que não deixa ver logo a relação das idêas. — 6.º Pelo extenso parenthesis, que (afastando muito do sentido anterior o posterior) faz estôrvo á intelligencia. — 7.º Muito mais ainda pela synchysis ou confusão das palarras; a qual, transtornando a ordem das idêas, esconde a relação que umas têem com as outras; como (Affons. Afric. III, 73):

Entre todos, c'o dedo eras notado, Lindos moços de Arzila, em galhardia.

— 8.º Sobretudo, emfim, pela ambiguidade; a qual faz que a phrase offereça dois sentidos ao mesmo tempo; e isto, — ou pela syntaxe equivoca dos casos, nas linguas que os têem; como o oraculo de Apollo:

Aio, te, Aeacida, romanos vincere posse;

equivoco que se evita, mudando as fórmas dos nomes e a do verbo. — Ou pela construcção equivoca; tal como esta (Ulyss. C. VI, 72):

Heitor Achilles chama a desafio;

a qual evitateis, já dando outra ordem ás palavras, já junctando-lhes preposição. — Ou pelo pronome que póde referir-se a duas ou mais coisas; como: A aguia matton a pomba no seu ninho; obscuridade que removereis se junctardes ao pronome outra palavra.

# CAPITULO XVIII

Da elecução ornada

1

DOS DOTES E FONTES DO ORNATO

#### § 175

Falar com pureza, correcção e clareza, mais parece na verdade carecar de vicios, que haver conseguido alguma grande virtude. Pela elocução ornada, porém, tam estimavel se torna o orador que vêm a alcançar não só a approvação dos sabios mas o louvor popular. Ornato é—tudo o que á elegancia ajuncta mais luz, força e graça; — os seus effeitos sam — convencer mais os ouvintes, por escutarem de melhor grado o orador; recreal—os com sensações agradaveis; e transportal—os pela admiração. Assim a espada, sendo brilhante, causa mais terror á vista; e os mesmos raios não nos confundiriam tanto, se sómente se temesse a sua violencia e não fossem acompanhados do relampago.

# § 176

Mas, para isso effeituar, deve o ornato, primeiramente, dar ao discurso uma belleza solida, descobrindo e engrandecendo a boa constituição dos pensamentos; de-modoque esse bello matiz não se pareça com o rebique ou côr postiça, senão com a natural, que resulta do bom sangue e das forças. Chamam porisso a este ornato viril, e ao seu contrário effeminado

## § 177

Importa, em segundo logar, que o ornato, unindo o util com o aprazivel, pela mesma belleza contribua para o fim que o orador se propôz; sendo mais similhante ao casado olmo e á rica seara, que ao solteiro platano e á tosquiada murta. D'est'arte, será elle fructifero, e não esteril ou inutil.

# § 178

E tambem mister, em terceiro logar, que o ornato varie, accommodando-se no genero d'eloquencia, á materia e ás pessoas. Pois, se nos discursos laudativos, cuja fórma é Ordinariamente epidictica ou de apparato, se permitte assoalhar todas as riquezas da arte, ostentando quanto ha brilhanto, agradavel, pomposo; todavia, quando se tractam negocios de summa ponderação, como na tribuna, e muito mais no pulpito, deve o ornato ser mais simples e mais serio, mostrando mais gravidade que enfeite. E, se uma assembléa illustrada exige um estylo mais sublime; o povo, mais pathetico; e as causas publicas, mais apurado: a uma deliberação particular ou a um pequeno pleito armará melhor um discurso singelo e que não mostre cuidado. Guardando-se estas differenças, será o ornato decente; se não se amoldar a ellas, desagradará como incongruente

#### § 179

Ora duas sam as fontes do ornato — os pensamentos e as palavras. — E, em verdade, os pensamentos, ainda enunciados per uma phrase simples, ornam o dicurso quando offerecem belleza e energia; por serem lieis imitações da natureza, guiadas pola phantasia, ou concepções d'um fecundo genio: e este ornato póde chamar-se natural. As palavras porém, já pola veneração de antigas ou pola graça de novas, quado separadas; já pela accepção translata em que sam tomadas, ou pela fórma insolita com

que se empregam, quando junctas, — ataviam os pensamentos, communicando ao discurso novas forças e novas graças: denominaremos este ornato artificial

#### § 189

D'aqui nascem pois tres meios de ornar o discurso, pinturas, conceitos e adorno; — derivando-se da primeira fonte os dois primeiros, da segunda o terceiro. Pinturas sam — os pensamentos com que o orador imita finalmente a natureza. Conceitos, em sentido restricto, sam — os pensamentos fortes ou engraçados, felizes concepções do genio do orador. Adorno é — o enferte e gala que se dá aos pensamentos per meio de palavras nobres. — D'ostes meios tractaremos d'aqui em deante, comoçando pelos

H

DIVERSOS GENEROS DE PINTURAS

# § 181

O primeiro genero de pinturas é a enargia, — que pinta o objecto tanto ao vivo que parece estar-se vendo: — e este genero comprehende duas especies. — A primeira e a enargia total, que pinta pelas palavras toda a imagem do objecto em um só quadro. Tal é a pintura da morte do Dido em Virg. (En. IV, 960, trad. por Garção):

Tres vezes tenta erguer-se;
Tres vezes desmaiada, sobre o leito
O corpo revolvendo, aos céos levanta
Os macerados olhos.

E a de Patroclo, ferido por Heitor:

............ Logo sobre a terra Inclina, pondo a mão por sustentar-se; Co'a eterna sombra os olhos abre e cerra, Provando em vão tres vezes levantar-se.

Ulyss. VI, 64,

— A segunda especie d'enargía é a individual, ou propriamente descripção, que pinta a imagem dos objectos em varios quadros. Excellente é a pintura que Cicero faz do voluptuoso banquete de Gallio: Figurava-se-me estar vendo uns entrando, outros saíndo; estes cambaleando com o vinho, aquelles bocejando ainda pola embriaguez do dia antecedente. Entre elles andava Gallio, ungido de perfumes, coroado de flores. O pavimento estava immundo, enlameado com o vinho, e coberto de capellas algum-tanto murchas e de espinhas de peixe. E a do nosso epico descrevendo a batalha dos portuguezes com os hispanhoes (Lus. IV, 31):

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas e varios tiros vóam:
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os valles sôam:
Espedaçam-se as lanças; e as frequentes
Quédas co'as duras armas tudo atrôam:
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

Devemos porém ter o cuidado de avivar estas pinturas, e isto per dois modos: 1.º, fazendo que o objecto que pintâmos imite bem o natural; 2.º, ajunctando-lhe os accessorios, ou verdadeiros ou fingidos, mas que em taes casos costumam acontecer. Poronde é mister que imitemos sempre a natureza, que é o modelo das artes. Assim, pelos accessorios, pinta Virg. o medo (En. III, 29):

Esfriam-se-me os membros e estremecem, E com o susto o sangue se congela.

E Camões, traduzindo o verso 518 do VII canto da En. (Lus. IV, 28):

E as maes, que o som terrivel escutaram, Aos peitos os filhinhos apertaram

#### § 182

Mais luminosas ainda sam a similhança e a parabola (§§ 39 e 40), que representam o objecto, não pela força das palavras, mas pela d'outro objecto com que o confron-

tam; e porisso é que impressionam mais vivamente nos sentidos, offerecendo mais ponctos de analogia peronde o mesmo objecto se esclareça. É pois similhança—a pintura do objecto confrontado com outro de relação proxima:— este é o similhante, aquelle o assimilhado. Exemplo (En. II, 379, Trad. de Lima Leitão):

Qual caminhante que pisou ignaro Occulta cobra em horridos espinhos, Trépido foge ao ver o monstro irado. Que incha o ceruleo-peçonhento collo; Tal foge, ao ver-nos, Androgéo medroso.

E (Ulyss. V, 12):

E como, quando ao mar inclina, o dia As sombras sobre a terra faz majores; Assim na alma de Circe, que ficava, A sombra da tristeza se dobrava.

Nesta especie de pintura deve de haver um particular cuidado — que o similhante não seja escuro nem desconhecido—: pois o que se toma para esclarecer um objecto deve de ser mais claro que este a que dá luz. O contrário apenas se permitte ao poeta, ou a quem fala ante um congresso illustrado.

\$ 183

Mas a parabola, porisso que sóe procurar-se de mais longe, dá mais novidade ao discurso, tornando-o sublime, flórido e agradavel. Ella ó — a pintura d'um objecto confrontado com outro de relação remota. Exemple (Ovid. Trist. I):

Bem-como <mark>ao oiro fulvo apura o fogo,</mark> Assim o duro transe ao fido amigo.

Outra: Assim-como no ccho, quando se bate entre os montes, o tom é numa parte, e noutra a pancada; assim nas adulações do lisonjeiro, o tom é em vossos louvores, a pancada em seus interesses. Heit. Pinto.

— Tanto na parabola como na similhança, de quatro modos se apresentam os objectos, similhante e assimilhado:

umas vezes antecede aquelle a este; outras este áquelle; ora a applicação reciproca é manifesta; ora se subintende.

#### § 184

Mais promptamento pinta os objectos a imagem ou similhança breve, que é—a pintura ligeira d'um objecto confrontado com outro, sem characterizar os ponctos de analogia que ha entre ambos;—os quaes ponctos ella deixa á consideração do ouvinte ou leitor. Tal é esta: Como a nuvem, passou minha saude. Job. XXX, 15. E aquella (Ulyss. VI, 81):

Um trovão parecia a voz pesada; Trás ella um raio o fulminar da espada.

#### § 185

Similante a esta pintura, mas ainda mais concisa e rapida (por se calar a applicação reciproca) é a syntomia ou bosquejo, que sam — as primeiras linhas no desenho d'um objecto; — de-modo-que a pintura só é inceptada, ficando ao ouvinte o gosto de a acabar, como: A gloria é a sombra da virtude. Cic. Outra: Honras humanas sam jogos de meninos. Heit. Pinto.

#### § 186

Tambem d'esta não differe muito, postoque seja mais expressiva, a emphase, i. é, — a pintura em que as palavras dam a intender mais do que significam ou, ainda, o que não significam: — porisso ella se divide em duas especies. — Exemplo da primeira, o dicto de S. Pedro a Christo (S. João XIII, 6): Lavas-me, tu a mim, os pés? Outro, o de Virg. (En. II, 251): Per corda alli suspensa véim descendo: o que deixa vêr a altura do cavallo troiano. Outro, aquella brevissima carta de Octavio a Druso: Poisque estais no Illyrico, tembrae-vos que sois dos Cesares;

que vos mandou o senado; que sois moço; meu sobrinho; e cidadão romano. Lobo, Côrte na Aldea, Dial. 3. — Exemplo da segunda, em que se supprime um sentido que todavia bem se intende (Cic. a fav. de Ligario): Se em tammanha fortuna tua não houvesse tanta clemencia, quanta tu per ti, sim, per ti mesmo tens (sei o que digo), nadaria no mais amargo prancto essa victoria. Aqui supprimiu o orador este pensamento: — Que não faltaria quem incitasse Cesar á crueldade.

#### Ш

#### DOS CONCRITOS FORTES

# § 187

Seguem-se os conceitos que constituem, como dissemos, o segundo meio de ornar no discurso; e, como un the communicam força, outros graça, dividem-se por conteguinte em fortes e agudos. — Dos fortes ha deis genera, o sublime e a amplificação: os quaes contêem varias e pecies. E, primeiramente, diz-se sublime — o conceito que, ou pola grandeza do objecto ou pola excellencia e raridade da acção, produz admiração e espanto. (\*)

## § 188

Subdivide-se pois o sublime em duas especies: sublime da idêa ou do pensamento: e sublime do coração ou do sentimento. Dá-se o primeiro, quando ácerca d'um objecto extraordinario concebemos idêas grandes, nohres e elevades, exprimindo-as, de ordinario, per uma phrase singela, rapida e vehemente. Temos o segundo, quando ao contemplar uma acção heroica e insolita, experimentamos no coração um movimento extraordinario. D'um e outro

<sup>(\*)</sup> Nos §§ 80 e seguintes fica mais desinvolvida a doutrina sobre o sublime. Pedia porêm o plano que ella aqui re-apparecesse em resumo, embora mais exemplificada.

sublime em parte nenhuma achareis nem mais exemplos nem mais frizantes, que nas sagradas lettras. — Que sublime idéa não concebe Moyses da omnipotencia do Ente Supremo naquelle bem conhecido passo: Disse Deus: Faca-se a luz: e fez-se a luz! Genes. I, 3. O mesmo pensamento se vê mais desinvolvido e luminoso em Isaias: Eisaqui o que diz o Senhor que te remiu e que te formou no ventre de tua mãe: Eu sou o Senhor que faço todas as coisas e o que só extendi os céos, o que firmei a terra sem que ninguem para isso me ajudasse... Eu o que digo ao abysmo: Esgotta-te; e seccarei os teus rios. Eu o que digo a Cyro: Tu és o pastor do meu rebanho, e tu cumprirás em tudo a minha vontade, etc. Isai. XLIV. 24, 27, 28: Trad. de Pereira, - Encerram porém um sentimento sublime aquellas palavras de D. João de Castro, enviando seu filho com soccorro aos sitiados na fortaleza de Diu: Pelo que toca á vossa pessoa, não fico com cuidado; porque por cada pedra d'aquella fortaleza arriscarei um filho. Jacintha reir., Vida de D. João de Castro, L. II.

# § 189

E, como os conceitos sublimes sam acompanhados da nobreza e força das idêas, demandam no orador: 1.º muita viveza de phantasia, para conceber imagens nobres: tal é a idêa do lyrico romano ácerca da constancia do varão justo:

Se estralado caír o orbe, ferem-no As ruinas impavido. (Od. III, 3, Trad. d'Elp. Dur.)

E 2.º energia, com a qual se dá vida e acção ás coisas inanimadas; como no mesmo peeta (Od. I, A, Trad. d'Elp. Dur.):

Com pé equal pallida morte pulsa Dos pobres os alvergues E os palacios dos reis.

ssim tambem no nosso epico (Lus. III, 83):

A pallida doença lhe tocava Com fria mão o corpo enfraquecido.

#### § 190

Mais vezes emprega o orador o segundo genero de conceitos fortes, a amplificação, que é—o conceito que engrandece a dignidade e amplitude do objecto ou a sua indignidade e atrocidade.—O effeito da amplificação é asseverar mais a verdade, afim de que, não escapando ao ouvido, mas fazendo-se mais sensivel, se imprima no intendimento e mova o coração. Poronde este conceito não serve só para ornar o discurso, serve tambem para reforçar as provas (§ 143) e despertar os affectos.

#### § 191

Engrandece-se o objecto, ora considerado só em si mesmo ou nas suas circumstancias, ora comparando-o com outro, inferior, egual ou superior: porisso a amplificação se divide em absoluta e relativa. Da primeir sam especies — a gradação, o raciocinio e a congeries, da segunda estas — amplificação de maior para menor, de egual para egual, e de menor para maior (§§ 37 e 40).

## § 192

Dá-se a gradação quando engrandecemos o objecto subindo o discurso como per graus. E faz-se ella, — umas vezes per um só grau; quando o objecto é tam grave que não se descobrindo outro mais grave, nem tendo nome que lhe dar, repetimos as palavras; como: Mattaste tua mãe. Que mais direi? Mattaste tua mãe. — Outras vezes per muitos graus e distinctos, até se chegar ao mais elevado. Assim amplifica Cicero o atrocissimo crime de Verres no supplicio de Gavio: É um crime prender um cidadão romano; uma impiedade o açoital-o; quasi um parricidio o mattal-o; e que direi, o crucifical-o? Verrin. V. Tambem se vê gradação nisto: Tam dura, tam aspera, tam injuriosa coisa é um — não: — para a necessidade, dura; para a

honra, affrontosa; para o merecimento, insoffrivel. Vieira, Serm. Part. II, n. 90. — Outras vezes per graus não distinctos; de-modo, porém, que no correr da phrase vam as idêas sempre subindo; como fez o orador romano vituperando o vomito de M. Antonio: Na assembléa do povo romano, tractando um negocio publico, o general da cavallaria... Philipp. II. Onde se vê que as idêas sobem gradualmente. Sendo o vomito indecente em particular, mais o é em publico; mais, numa assembléa do povo; mais, do povo romano; mais, tractando um negocio: mais, um negocio publico; mais, um general de cavallaria.

## § 193

A amplificação per via de raciocinio dá-se quando engrandecemos as circumstancias do objecto para d'aí se inferir a grandeza d'elle. Assim, no logar citado Cicero, para exprobrar a Antonio a indecencia do vomito, diz: Tu com essas fauces, com esse costado, com essa gladiatoria robustez de todo o corpo.... D'onde pode inferir-se quanto vinho elle bebêra nas hodas de Hippias, que, com aquella robustez d'um gladiador, não o pôde sustentar nem cozer no estomago.— Mas per seis modos póde empregar-se esta especie de amplificação.

1.º Deduzíndo dos consequentes a grandeza dos antecedentes; assim engrandece o epico portuguez, pelas consequencias da peleja, a coragem com que os portuguezes

mattavam os mouros (Lus. III, 52):

Já perde o campo o exercito nefando: Correm rios de sangue desparzido.

2.º Colligindo dos antecedentes a grandeza dos consequentes; assim, quando Eolo, rogado por Juno (En. 1, 85, Trad, de Odorico Mendes),

Com um revês do conto a cava serra A um lado impelle: e em turbilhão, cerrados Num grupo os ventos, dada a porta, rueu;

vê-se quam-grande havia de ser a tempestade.

3.º Quando entre muitas circumstancias da mesma or-

dem, de-proposito apoucamos algumas, aliás graves, para que pareçam maiores as que queremos engrandecer; assim o fez Cic., dizendo contra Verres: Neste réo leves faltas sam as que vou dizer. Um capitão-de-navios, d'uma cidade mui notavel, remiu a pêso de dinheiro o medo que tinha de serfustigado: fraqueza humana. Outro, para escapar ao cutello, deu dinheiro: bagatela. Verr. V. D'aqui podiam colligir os ouvintes quam-enorme deveria ser o crime que Cicero passava a referir, visto que, em comparação com elle, pareciam aquelles fraquezas humanas e

bagatelas.

4.º Engrandecendo a difficuldade da acção para d'ai se inferir a força do agente. Assim, pola grande difficuldade, que havia, de defender do violento attaque dos mouros e turcos a fortaleza de Diu, se engrandece a denodada valentia dos nossos, que rompiam per-entre as lanças e pelo-meio do fogo, para effeituar a defensa. Em todos os baluartes se pelejava em umbas as partes com valor, aindaque desegual pela desproporção do numero... Porém fizeram os defensores illustres provas de valor, pelejando entre chammas de fogo com tam-nova constancia, que nenhum desamparou o logar, mostrando-se, sobre valentes, insensiveis. Jacinth. Freire, Vida de D. João de Castro, L. 11.

5.º Engrandecendo a importancia dos meios para della se deduzir a do fim. D'est'arte encarece Homero a belleza de Helena: Não têem por indigno os magnates troianos que troianos e gregos soffram tantas calamidades e per tanto tempo, por amor da belleza de Helena. Iliad. III.

6.º Engrandecendo o instrumento dos heroes para se dar a conhecer a grandeza ou a valentia d'elles; como faz

Maro, falando do Polyphemo:

Esgalhado pinheiro a mão lhe rege, E os passos seus lhe firma.

En\_ III, 659.

E a respeito de Heitor o nosso Gabriel Pereira:

Erguia Hestor o braço, d'onde a lança, Que era uma faia, despedida desce.

Ulyss. VI, 72.

### § 194

Emfim, como muitas coisas junctas fazem de-certo-modo grandeza, tambem se amplifica o objecto pela congeries, i. é,—o ajunctamento de idêas e pensamentos equivalentes;— como naquelle logar de Cic. a fav. de Lig.: E que fazia, Tubero, aquella tua espada desembainhada na batalha de Pharsalia? que peito procurava aquella ponta? qual era o sentido de tuas armas? qual a tua intenção? os planos? os manejos? o ardimento? que desejavas? que pretendias?

### § 195

Mas a amplificação relativa ou per comparação (que dissemos ser a segunda especie) faz-se: 1.º de menor para maior, quando, engrandecendo o que é inferior, fazemos sobresaír o que é superior; como se vê no citado passo de Cic. (Philipp. II): Se isto (o vomito) te acontecesse á tua mesa entre aquelles teus desmarcados copos, quem o não teria por vergonhoso? Mus na assemblêa do povo romano...

2.º D'egual para egual, quando, propondo um caso que parece quasi egual, fazemos parecer maior aquelle que procuramos exaggerar. Assim engrandece o nosso epico a lealdade de Egas-Moniz:

Não fez o consul tanto, que cercado
Foi nas forcas caudinas, de ignorante,
Quando a passar per baixo foi forcado
Do samuitico jugo triumphante:
Este, pelo seu pono injuriado,
A si se entrega só, firme e constante;
Est'outro a si e aos filhos naturaes,
E a consorte sem culpa, que dóe mais.
Lus. C. VIII

3.º De maior para menor, quando asseveramos que o objecto, que queremos engrandecer, é mais grave que

outro gravissimo; como naquella passagem do poeta mantuano (En. III, 321, Trad. de Odorico Mendes):

Ó só feliz a priaméa virgem, Que immolada morreu sobre hostil campa Nos patrios muros l

Pois quam lastimosa é a sorte de Andromacha no captiveiro se, comparada com ella, foi Polyxena feliz, morrendo!

#### IV

DOS CONCEITOS AGUDOS OU SENTENÇAS

### § 196

Temos agora os conceitos que dam graça ao discurso, e que propriamente se denominam sentenças. E com-effeito, aindaque, em razão da origem, a palavra sentença significa em geral — qualquer pensamento, — está adoptada polo uso para designar — um conceito agudo que em poucas palavras encerra um sentido amplo e profundo. — As principaes especies de sentenças sam tres, — gnoma, enthymema, epiphonema.

# § 197

Gnoma ou maxima é — o resumo de muitas verdades moraes, enunciado em mui poucas palavras: — differe pois do principio; porque este refere-se ás verdades theoricas, o gnoma porém ás verdades prácticas. Subdivide-se o gnoma em varias especies, segundo o objecto, partes, fórma e extensão. — Umas vezas é esta sentença relativa só a coisa, como: Nada ha tam popular como a bondade. Cic. a fav. de Lig. E esta: O illustre nome nunca se alcançou sem trabalhos. Heit. Pinto. — Outras vezes é relativa á pessoa, como: A misericordia e a verdade sam a

guarda do rei. Proverb. XX, 28, — Ora é simples, como. Vence amor tudo. Virg. — Ora duplice ou composta, como esta de Terencio:

O obsequio cria amigos, A verdade inimigos.

E aquella de Jacinth. Freir.: O nascimento em todos é egual, as obras fazem os homens disserentes. — Já se exprime per termos proprios, como: Mais estimavel é a sabedoria que as forças. Sapient. VI, 1. — Já per termos translatos, como a de Ovidio:

Longe do ocio, a paixão afroixa e morre.

E a de Heit. Pinto: A cortezia é um laço que prende as vontades. — Emsim ou é commum, como: Não ha corpo fraco onde o coração é forte. Luiz de Sousa; — ou appropriada, como a de Xenocrates em Heit. Pinto: Muitas vezes me pezou de haver falado, e nunca de me ter calado. E a de Cic. a fav. de Lig.: Não têm a tua fortuna, ó Cesar, coisa maior do que poderes, nem a tua indole coisa melhor do que quereres, salvar a quantos for possivel.

# § 198

O enthymema (§ 48), significando em geral qualquer conceito, é em sentido proprio e emquanto sentença, — o conceito formado de idêas oppostas, — como o de Cic. a fav. de Lig. E ha de incitar-te, ó Cesar, a que sejas cruel, o discurso d'esses mesmos cuja conservação é a gloria da tua elemencia? E este de Heit. Pinto: De homens moderados é remediarem, como prudentes, os erros em que cáem como ignorantes. Se o enthymema se emprega para provar, póde formar-se (como noutro logar se indicou) de ideas consequentes ou oppostas; o que se traz para ornar, só das oppostas.

### § 199

Epiphonema, einfini, é — a sentença em fórma d'exclamação depois d'uma exposição ou d'uma prova: como:

> Tanto custava a fundação de Roma! En. 1, 37.

E este

Tanto Deus se contenta da humildade!
Lus. III, 15.

### § 200

A importancia das sentenças de ninguem é desconhecida. Ferem ellas o espirito, e d'um só golpe lhe dam frequentes impulsos; a sua concisão faz que se fixem mais: e a delicadeza da expressão as torna persuasivas: poronde não só sam uteis ao assumpto, senão que tornam recommendavel o orador. Assim que, aquelles que não querem falar com este sabor, não gostando senão do que é chão e rasteiro, parecem andar sempre do rôjo.

### § 201

Mas, assim-como estes, por irem muito seguros, temendo as quédas dos que se remontam, se arrastam pelo chão: assim cáem noutros inconvenientes os que quasi nada mais procuram senão sentenças. Primeiramente, sendo muitas as sentenças empecem-se reciprocamente, porque não deixam umas ver o esplendor das outras: bem-como, sendo as plantas ou os fructos espessos, nada póde crescer ató á sua justa grandeza, por não ter logar para onde se desinvolva. Em segundo logar, com a multidão das sentenças fica o discurso cortado e sem ligação; porque, como ellas sam por natureza curtas, não podem, como as pedras roliças e cerceadas de-todos-os-lados, assentar umas sobre outras. Em terceiro logar, porisso que nem todas brilham egualmente, vêm a ficar o discurso desegual e como salpicado de muitas e varias malhas. E finalmente, como não

póde haver escolha onde só se quer numero, quem só procura sentenças forçosamente ha de empregar muitas puerís, frivolas e ineptas.

### § 202

Tres coisas pois manda a arte sobre o uso das sentenças: 1.ª que o orador siga um meio-termo, não as empregando muito a-miudo, nem as desprezando inteiramente. 2.ª que se não apresentem indiscretamente; mas que convenham á materia, ao logar, ao tempo e outras circumstancias. 3.ª Que não as empregue qualquer orador: senão aquelles que, por seu estudo, edade e experiencia, tenham obtido auctoridade que dê pêso a essas regras da vida.

#### V

DO ADORNO OU ORNATO ARTIFICIAL, E PRIMEIRAMENTE NAS PALAVRAS SEPARADAS

### § 203

Resta o terceiro meio de ornar a elocução, o adorno; que, como acima (§ 179 e 180) se disse, veste os pensamentos de palavras nobres e agradaveis, quer separadas quer junctas em phrase; e numas e outras ou é negativo ou positivo. E, começando pelas separadas, antes de indicarmos as que adornam o discurso, lembramos que devem do ovitar-se as desornadas; sendo que a primeira virtudo está em não ter vicios. É logo necessario escolher as palavras.

# § 204

Mas a escolha cabe só nas synonymas, que sam—as que, significando a mesma idéa commum e principal, differem nas especiaes e accessorias.—Taes sam os verhos:—levar, conduzir, trazer, acarretar, transportar, etc. — Podendo

porém tomar-se as palavras ou só em relação ás idêas, ou tambem emquanto ao som; escolhereis entre os termos synonymos — os que significam a idêa com mais justeza; os mais confórmes á honra e á virtude: os que mais elevam o discurso; e os que mais cheiram a um civilizado cortezão; i. é, — os mais significativos (§ 150); os mais honestos; os mais sublimes; e os mais polidos: — aos quaes se oppõem os improprios, os obscenos, os baixos e os grosseiros. — E dos vocabulos synonymos tamareis com preferencia os de som mais alto e chêo; e os que sendo de pronunciação facil, sam ao mesmo tempo mais agradaveis ao ouvido; i. é, — os mais sonoros e os mais euphonicos: — aos primeiros dos quaes sam oppostos os surdos, e aos segundos os asperos.

### § 205

A regra geral, porém, que acabamos de dar, soffre na práctica algumas excepções. Primeiramente, quando for bastante dar a intender só a idêa geral do objecto, será então indifferente usar d'este ou d'aquelle synonymo. E, se os termos honestos sam preseriveis sempre aos obscenos, nem num discurso polido têem jámais logar os grosseiros; todavia os nobres e sublimes devem de ordinario medir-se pela grandeza da materia. Porque o termo que em uma é nobre em outra ficará inchado; e o que em materia grande é baixo virá bem na menor. Pois, assim-como num discurso brilhante é para notar um termo grossoiro, como o é uma nodoa em um bom vestido; assim em um discurso chão e singelo não fica bem um termo sublime e polido; sendo como um oiteiro no meio d'uma planicie. As vezes, comtudo, é preciso abater um objecto; e para isso conduz a mesma baixeza dos termos. Porventura quando Cicero diz a Pisão: Oppõis a cabeça, marrando com ella, não parece elle augmentar, com este termo baixo, o desprezo d'esse homem que elle queria anniquilar? - Finalmente, ás coisas atrozes estarão melhor os vocabulos asperos do que os euphonicos.

### § 206

Posto isto, as palavras separadas adornam o discurso, sendo antigas e sendo novas: aquellas lhe dam mais respeito e dignidade; estas o tornam mais agradavel. Mas deve de haver moderação; pois (como noutro logar se disse) nem as antigas se ham de ir buscar ás ultimas trevas da antiguidade; nem se ham de empregar das novas as que mais o forem. Se alguma vez, todavia, nos faltar uma palavra, ser-nos-á permittido ou retomar alguma das antiquadas, ou ainda-mesmo forjar uma nova; o que com o raciocinio e com exemplos demonstra, além d'outros criticos, Horacio (Epist. aos Pisões, vv 46—72).

### § 207

E per quatro modos se innovam as palavras, a saber: pela reproducção, per onomatopeia, per composição, per derivação. Pela reproducção, fazendo como renascer aquellas que ha muito jaziam em esquecimento; como se fizermos reviver estas — hoganno, soêr, — que já se haviam antiquado. Per onomatopeia, formando palavras imitativas dos sons d'alguns objectos, ou dos gritos d'alguns animaes; como a d'Ennio:

Rebombando da tuba o som terrivel, Taratán taratántara, repete.

E estas portuguezas — mugir, coaxar. — Per composição formando do duas palavras simples e conhecidas uma: como — alipede, tremeluzir. — Per derivação, variando a terminação d'um vocabulo da nossa lingua para formar outro; como do verbo — apurar — se derivou — apuramento; — ou naturalizando um vocabulo extranho per meio d'uma leve alteração; como do francez—garantie— derivámos — garantia.

### § 208

Advertimos porém e não nos cançaremos de o repetir,

1.º que não haja affectação no innovar as palavras, senão necessidade e moderação: 2.º que, innovando-as, se use de certas preparações e correctivos; como — por assim dizer: se o posso dizer; em-certo-modo; permitta-se-me a expressão; etc.:—3.º que as palavras, que se derivarem, se tomem principalmente da lingua mãe; qual é para nés a latina, como fonte da mór parte das nossas palavras. (\*)

#### VI

DO ADORNO DAS PALAVRAS JUNCTAS; E PRIMEIRO DOS VICIOS

# § 209

Passemos pois já ao adorno das phrases; materia que demanda tractado um pouco mais extenso. E, assim-como ha pouco advertimos sobre as palavras separadas (§ 203); assim agora, quanto ás unidas em phrase, veremos primeiro quaes, por desornadas, devam de evitar-se; visto que não é de esperar que sáia ornada a phrase que tiver mais ou menos polimento do que é justo.

### \$ 210

Doze vicios se contam nas phrases desornadas:

1.º O cacophaton, que se commette ou quando se abusa d'uma phrase honesta para significar um sentido obsceno: ou quando da união de duas palavras resulta uma dissonante, grosseira ou torpe; como (Lus, VI. 98):

### Soffrer aqui não pode o Gama mais:

ou quando, dividindo na pronúncia ou na escripta uma

palavra, fica uma das partes obscena ou sordida.

2.º A tapinosis, que apouca a dignidade ou grandeza do objecto; como, se ao parricida dessemos o epitheto de ruim, em vez de impio ou scelerado. Isto porém não será vicio, se de-pensado quizermos abater o objecto.

<sup>(\*)</sup> Segundo a opinião vulgar.

3.º As phrases desornadas em geral; quaes sam as rombas, que em muitas palavras dizem pouco; as séccas, que satisfazem só ao intendimento, não enchendo o ouvido; as insipidas, que exprimem pelos termos proprios o que dos translatos receberia mais graça; as desleixadas, que se apresentam sem escolha. As primeiras sam oppostas ás finas; as segundas ás ricas; as terceiras ás agradaveis; as quartas ás apuradas.

4.º A meiosis (§ 174), que não só é vicio contra a clareza mas tambem contra o ornato; por subtrahir á phrase palavras com que ella ficaria mais chêa e, porisso, mais engraçada. Quando porém a subtracção for bem feita, será

uma virtude, de que em seu logar se falará.

5.º A homeologia, que por causa da monotonia ou falta de variedade, torna a phrase fastidiosa. Commette-se ella, repetindo os mesmos conceitos, a mesma fórma de elocução, e a mesma collocação das palavras. Sendo este seguimento mui desagradavel ao espirito e ao ouvido, é um dos vicios de que mais se deve fugir.

### § 211

Os vicios d'estas phrases sam mais por defeito; os das

seguintes mais por excesso:

6.º A tautologia, i. é, a repetição superflua da mesma palavra ou phrase. Ás vezes porém serve a repetição para imprimir mais profundamente no animo do ouvinte a idéa do objecto; e então é uma virtude, que com outro nome apparecerá no proprio logar.

7.º A auxesis on expressão muito superior á grandeza do objecto; como, se ao voluptuoso se désse o epitheto de malvado. Tambem isto deixa de ser vicio, quando sobrepensado se quer exaggerar o objecto ou excitar o riso. Adeante virá com diverso nome, entre as virtudes.

8.º A macrologia, que desinvolve em muitas palavras o que em poucas se exprimiria com mais belleza; como em T. Livio: Os enviados, não tendo conseguido a paz, voltaram para trás, para casa, d'onde tinham vindo. Se porém as idêas accessorias não só convierem ao objecto

mas tambem ao fim do orador, o circumloquio será uma

virtude, de que abaixo falaremos.

9.º O pleonasmo, i. é, a excusada repetição d'uma idêa assás indicada; como: Eu vi com os meus olhos; bastando — vi. — Quando porém a repetição se emprega para asseverar a verdade, e para fazer crer que o testimunho dos sentidos nos não engana, deixa de ser vicio; como em Maro (En. IV, 359):

#### A voz nestes ouvidos embebi.

10.º A periergia ou ostentação de excessivo apuramento em polir a phrase : porque a demasiada lima neces-

sariamente a enerva, tirando-lhe a energia.

11.º O cacozelon ou imitação infeliz; i. é, toda a expressão que passa os limites do verdadeiro ornato; quando o genio do orador, destituido de bom-gosto, se engana com o bello apparente. Taes sam as expressões pedantescas, as redundantes, as escuras, a collocação effeminada, a affectação pueril de consoantes e equivocos, etc.

12.º O cenismo emfim, i. é, o emprego de palavras de varias linguas no mesmo discurso; ou a mistura de palavras sublimes com baixas, antigas com modernas, poeticas com vulgares. Assim falta a unidade; e onde-quer-que esta não apparece juncta com a variedade, ordinariamente

não ha belleza.

### VII

DOS TROPOS

### § 212

Evitados estes vicios, applicar-se-ão os meios com que dissemos (§ 379) se aformosêa o discurso, a saber: as palavras translatas e as apartadas do modo ordinario de falar; i. é, os tropos e as figuras. Differem estes termos em que — o tropo muda a significação da palavra, a figura não —; mas esta differença na práctica nada vale.

### § 213

Começaremos assim pelos tropos; os quaes se derivam de duas fontes, — a pobreza da lingua e a imaginação. — Primeiramente, tantos objectos ha em a natureza, tanta copia de pensamentos occorre á nossa alma, que não ha lingua alguma, ainda a mais rica de palavras, que possa exprimir, sem recorrer a emprestimos, todas as idêas. Em segundo logar, muita influencia têm sobre a linguagem a imaginação; sendo que, em qualquer objecto que se lhe apresente, jámais contempla ella uma só e simples idéa, senão acompanhada d'outras accessorias. E, havendo muitas vezes nestas idéas accessorias mais viveza, mais força e mais dignidade, do que na idêa principal; deixâmos então o termo proprio, e empregâmos o translato. Poronde bem se vê quanta seja a importancia dos tropos no discurso.

# § 214

É pois tropo — a translação d'uma palavia ou phrase da propria significação para outra, com virtude. - Dá-se a translação (como noutro logar se indicou) quando as palayras, que empregamos, não sam por nós tomadas na sua significação primordial nem na habitual (§§ 168 e 169). Mas, para ter logar a translação, releva — 1.º que seja necessaria, por faltar termo proprio; ou util, por dar ao discurso mais luz, força e graça do que o mesmo termo proprio: — 2.º que não seja arbitraria, mas natural, i. é, que tenha o seu fundamento em a natureza dos objectos; e este fundamento é a relação natural do objecto, de que se toma a palavra, com o outro para o qual ella se transfere. Quatro sam as principaes d'estas relações, - relação de similhança, relação de opposição, relação de comprehensão, e relação de connexão; as quaes dam outros tantos generos de tropos; sendo todavia muitas as especies, pertencentes, umas a um, outras a mais generos.

# PRIMEIRO GENERO, A METAPHORA

### § 215

Entre os generos occupa o primeiro logar a metaphora, i. é, — a translação da palavra da propria significação para outra, por similhança. — Differe a metaphora da similhança em que nesta desinvolve-se, ou é manifesta, a confrontação do objecto similhante com o assimilhado; naquella substitue se o similhante ao assimilhado. Se disserdes: Achilles arremetteu como um leão, empregais uma similhança breve ou imagem (§ 184): se porém, intendendo Achilles, occultardes este nome, dizendo — arremetteu o leão —, será metaphora. D'onde se segue que, para hayer clareza, é mister que a relação dos objectos seja mais obvia e manifesta na metaphora do que na similhança.

### § 216

Não ha tropo algum que mais vezes se empregue do que a metaphora; pois tam natural é ao homem, que os mesmos ignorantes usam d'ella a cada passo, sem o perceberem. Nenhum tropo ha tambem mais excellente que este; já para pintar clara e vivamente um objecto, já para aformosear o discurso; até algumas idêas pouco honestas se exprimem com mais decencia per meio d'este tropo. E, na verdade, aquellas metaphoras - Acceso em cholera; Inflammado na paixão; Caido em erro (Quinct.); e estas - Fervia a guerra; Gemem nossos mares debaixo das armadas (Jacinth. Freire), — sam mais significativas quo os termos proprios. Est'outras porém — Torrente de ingenho; Tormentas das assemblêas populares (Cic.); e estas - Espiritos varonis em annos verdes (o mesmo Freire); Séccas do rosto as rosas (Camões), - procuram-se para enfeitar as phrases.

### \$ 217

Mas, como todos os objectos, de que se póde transferir a palavra para outros, sam animados ou inanimados; da combinação d'uns com outros resultam quatro maneiras

de empregar a metaphora:

1.ª Tomando o animado polo animado: assim Christo chama raposo a Herodes (Luc. XIII, 32): Ide dizer a esse raposo que ainda tenho de expulsar demonios, etc. Trad. de Per. Tambem Coge-Çofar chama viboras aos portuguezes (Jacinth. Freire, L. I): Tiremos d'entre nós estas viboras, nascidas do ultimo occidente para inficionar a Asia toda.

2.ª O inanimado polo inanimado; como (En. VI, 1):

E em Luiz de Sousa (Vida do Arceb., L. I, C. 7): Metteu todas as vélas de sua eloquencia.

3. O inanimado polo animado; como (En. VI, 842):
Os dois raios da guerra, esses ardentes

Scipiões terror da Lybia.

E em Sousa (no mesmo Liv. C. 20): Não vai longe d'aqui o lume da Egreja, S. Thomaz.

4. O animado polo inanimado; como (En. VIII, 728):

O Araxes contra a ponte enfurecido.

E Ulyss. C. 1, 44):

As metaphoras d'esta ultima especie, por virem junctas com a energia, sam de todas as mais sublimes.

# § 218

Devem porém evitar-se: 1.º as metaphoras frequentes e as continuadas, maiormente se forem tiradas do mesmo objecto em periodos successivos; porque escurecem o discurso e o tornam fastidioso. As atrevidas ou as que exaggeram excessivamente o objecto; como aquella, censurada por Cicero: Tempestade da galhofa. 2.º As baixas e as sordi-

das; qual esta que o mesmo orador condemna: Glaucia, esterco da curia. 3.º As que sam inteiramente dissimilhantes, como estas d'um escriptor nosso: Os pensamentos, partindo das vastas costas da memoria, embarcam no mar da imaginação; e as violentas, i. é, em que ha só uma similhança remota; como a de Furio Bibaculo:

O alto Jove nos Alpes hynvernosos A branca neve cospe

Estas, assim como as atrevidas, devem de ser temperadas com os correctivos (§ 208). 4.º As poeticas, que o uso não admitte na prosa; porque os poetas, assim pelo seu fim, que é principalmente o deleite e a moção, como pela prisão do metro, têem mais liberdade, que os oradores, no emprego dos tropos. Assim, é poêtica esta metaphora do lyrico romano (Od3 L. 4, Trad. de Elpin. Dur.):

Trotou, qual chamma pela têa, ou Euro Pelas siculas ondas.

# § 219

Sendo tambem a relação de similhança o fundamento da catachrese e da allegoria, sam ellas por-conseguinte duas especies de metaphora. Catachrese ou abuso é — a translação da palavra d'um objecto similhante, para significar outro que não têm nome. — Comquanto ella se empregue principalmento por necessidade, tambem têm alguma novidade e graça; como (En. 11, 15):

Por Pallas induzidos, um cavallo Os gregos edificam e lhe tecem De tabuões de abêto as amplas costas.

Tambem per catachrese se diz: As searas têem sêde; os fructos padecem.

### § 220

Allegoria ou inversão de sentido é — a translação da phrase da propria significação para outra, por similhança; — e differe da metaphora: 1.º em que esta transfere uma só palavra, aquella muitas; denominando-se porisso a

allegoria uma continuação de metaphoras: 2.º em que o sentido da metaphora é mais facil de perceber-se que o da allegoria. Um excellente exemplo d'este tropo nos offerece o poeta de Venusa (Od. L. I. 14, Trad. de Elp. Dur.):

Ó nau, ao mar te tornam novas ondas. Ó, que fazes? com força o porto aferra;

onde toma a nau pola republica, as tormentas polas guerras civis, o porto pola paz e concordia. Outra (Jacinth. Freire, Vid. de D. João de Castro, L. II): Livremos esta escrava da Asia das prisões do tributo; livremos nossos mares, que debaixo de suas armadas violentados gemem.

# § 221 (1

Algumas vezes, ainda sem translação, se faz uma especie de allegoria real, que exprime pelos termos proprios uma coisa ou pessoa figurativa d'outra. Tal é a parabola, quando se toma pela narração d'um successo imaginado, mas com moralidade; de que ha muitos exemplos no Evangelho, onde o reino dos céos se compara já a dez virgens, já á rede lançada ao mar, já ao thesoiro escondido. Tal é tambem o apologo (§ 38), como aquelle (Juizes, IX, 8, Trad. de Per.): Foram uma vez as arvores a eleger sobre si um rei; e disseram á oliveira: Reina sobre nos, etc.

# § 222

Mas a allegoria verbal, e propriamente dicta, ora é total, i. é, formada toda de palavras translatas; e esta, por ser como um enigma, rarissimas vezes terá logar; e, não se empregando a proposito, será um vicio. Ora é mixta de palavras proprias e translatas; e é a que póde ser mais frequente; porque das palavras proprias lhe resulta a clareza, das translatas o atavio. Tendes exemplo da primeira naquelle verso do bucolico romano (Eclog, III. 111):

Vedae já, ő meninos, as levadas; Assas bebeu o prado. Da segunda neste passo de Cic. (a fav. de Milão): Em verdade que sempre tive para mim que Milão tinha de passar per todas as tempestades e tormentas que se experimentam nos marulhos das assemblêas populares.

#### § 223

Sobre esta especie de allegoria uma regra ha importante: Per aquella especie de metaphora pela qual principiastes o pensamento allegorico, per essa o deveis continuar e concluir; —porque, se, havendo tomado da tempestade o primeiro termo translato, terminardes per outro trado do incendio ou da ruina, quebrarcis o liame das idêas. Nem obsta o vermos que esta regra não tenha sido mui religiosamente observada por escriptores aliás grandes; e entre estes por Horacio (Epist. L. I, 1).

Ninguem tam fero que se não madure Se à cultura prestar paciente ouvido.

Pois do que é fero dizemos que se amansa; dos fructos, que amadurecem; dos terrenos que se cultivam.

# SEGUNDO GENERO, A IRONIA

#### 8 224

O segundo genero de tropos é a ironia ou irrisão, que têm o seu fundamento na relação de opposição que ha entre os objectos. Ironia é — o tropo que diz o contrario d'aquillo que as palavras significam; — o que se dá a conhecer ou pela pronunciação, ou pelo character da pessoa, ou pela natureza da coisa; pois, se alguna d estas tres coisas não convêm com as palavras, bem se vê que queremos significar o contrario do que dizemos. Muita força tem este tropo, já para fazer parecer leves as coisas graves, ou graves as leves; já para vituperar, simulando lou-

vor: ou louvar, simulando vituperio. Excellente é aquella ironia de Cic. (a fav. de Mil.): A morte de Clodio, ninguem a póde levar com paciencia: chora o senado; magôa-se a ordem equestre; toda a cidade está consumida de pena; estão de lucto os municipios; consternadas as colonias; os mesmos campos alfim têem saudades de tam benefico, tam prestadio, tam pacifico cidadão. Pelo contrario, falando de si mesmo, diz Cic. em uma carta a Bruto: Enganámos o povo, passando por oradores. Tambem é muito bella a ironia de Vieira, implorando o auxilio divino na guerra com os hollandezes: Abrazae, consumi, destruí-nos a todos.... Hollanda defenderá a verdade de vossos sacramentos.... Hollanda edificará templos; Hollanda levantará altares, etc. Serm. Part. II, n.º 587.

### \$ 225

Têem-se por especies de ironia—o sarcasmo, o asteismo, a antiphrase, o euphemismo e a paremia; — aindaque as duas ultimas pareçam pertencer antes á allegoria. Sarcasmo é toda a ironia acompanhada de riso insultante o dirigida a quem se não póde vingar; tal é a que os judeus dirigiram a Christo, crucificado: O lá, tu que destrois o templo de Deus e que o recdificas em tres dias, livra-te a ti mesmo, descendo da cruz. Marc. XV, 28 e 30. Trad. de Per. — O asteismo é uma ironia menos insultante e que vitupera com uma apparencia de urbanidade; como em Virg. (Eclog. III, 90);

Quem não odía a Bavio os cantos ame Que tu, ó Mevio, entoas.

— A antiphrase exprime, para bom agouro, idéas funestas per palavras de idéas contrarias; assim, sob D. João II, deram os portuguezes ao cabo das tormentas o nome de — Cabo da Boa-Esperança.—() euphemismo diz as coisas tristes, torpes e desagradaveis, per palavras mais brandas; como em Cic (a fav. de Mil.): Fizeram os creados de Milão o que qualquer quizera que os seus fizessem, em tal conjunctura; em vez de—maltaram.—Assim dizemos tambem d'um fallecido: Que está em gloria.—A pare-

mia significa per um dictado uma coisa a que alludimos; como, se so que ensina a quem sabe mais applicarmos o proverbio latino: Sus Minervam; ou o portuguez: Ensinar a aguia a voar. Heit. Pinto.

# TERCEIRO GENERO, A SYNECDOCHE

# § 226

Dá o nome e o fundamento ae terceiro genero de tropos a synecdoche ou comprehensão, i. é, a relação do todo com a parte; assim que, pelo todo se dá a intender a parte e pela parte o todo. É pois synecdoche—o tropo que dá a perceber mais ou menos do que palavras significam no sentido proprio:—e serve, assim para dar variedade ás phrases como para as tornar mais expressivas.

# § 227

Comprehende este genero varias especies. — A primeira põi o todo physico pola parte; como (En. XII, 119):

Fonte e fogo levavam....;

ou a parte polo todo; como (En. II, 198):

Dez annos, quilhas mil os não domaram.

E (Lus. I, 24):

Eternos moradores do luzente, Estellifero pólo e claro assento

# § 228

A segunda toma a materia pola fórma ou artefacto: como ferro pola espada; prata polo dinheiro; pinho pola nau. Assim (Ulyss. V, 43):

Vam pelo alto e socegado argento Lavrando o mar as faias encurvadas;

ou a fórma pola materia; como (Virg. Eclog. X, 21):

Capellas para mim colhêra Phyllis, Amyntas me cantára.

### § 229

A terceira especie emprega o singular polo plural; como (En. II, 290):

O imigo occupa os muros; e já Trota Inteira vêm ruindo.

E (Lus. II, 51):

Alli suberba, altiva e exalçada, Ao gentio, que os idolos adora, Duro frêo porá.....

Ou o plural polo singular; como: Logo mal escreveram os Jeronymos, os Ambrosios, os Agostinhos, etc. Sousa, Vida do Arceb. Tom. I, liv. I, c. 23. Ou o numero determinado polo indeterminado; como acima (§ 22): mil quilhas em vez de muitas: seiscentas vezes por muitas vezes.

#### § 230

A quarta substitue o genero pola especie; como (Hor. Od. I, 3. Trad. de Elp. Dur.):

Nada aos mortaes é arduo.

Ou a especie polo genero; como (o mesmo, Od. II, 16 Trad. do mesmo):

Descanço aos deuses roga o que engolphado Se vê no bravo Egéo, assim que a negra Nuvem lhe esconde a lua....;

o (Lus. 1, 27):

Per vias nunca usadas não temendo De africo e noto a força, a mais se atreve.

A classe polo individuo; como: O orador romano por Cicero. Ou o individuo pola classe; como: E um Cicero em vez de é muito eloquente.

E tambem o abstracto polo concreto; como (Lus. III, 99):

Este sempre as suberbas castelhanas Co'o peito desprezou firme e sereno.

Ou o concreto polo abstracto; como: mysterios incomprehensiveis ao homem, i. é, à razão. — Mas em todas estas especies de synecdoche têem mais liberdade os poetas que os oradores: poronde necessario é vêr o que o uso admitte (§ 218).

### QUARTO GENERO, METONYMIA

# § 231

A relação de connexão ou ordem dos objectos, assim successivos como coexistentes, é o fundamento do quarto genero de tropos, a metonymia ou — substituição d'um nome por outro. — Este tropo, que é d'uma grande extensão, enriquece o discurso e lhe dá novidade. As suas principaes especies sam seis, parte relativas aos objectos successivos, parte aos coexistentes.

### § 232

A primeira especie é a antonomasia, — que toma o accessorio em vez do nome proprio do individuo. — E faz-se ella: 1.º pelo epitheto: quer patronimico, como quando se diz, em vez de Achilles, Pelides, i. é, o filho de Peleu; por Diomedes, Tydides, i. é, o filho de Tydeu: quer commum, como, o Apostolo por S. Paulo. — 2.º pelas qualidades characteristicas do individuo, como (Lus. 1, 22):

Estava o padre alli sublime e dino, Que vibra os feros raios de Vulcano (\*).

- 3.º per meio das acções per que o individuo se dis-

<sup>(\*)</sup> Por Jupiter.

tingue, como: o destruidor de Carthago e Numancia por Scipião; e (En. IV, 495):

> As armas que do thalamo pendentes Deixou na fuga o impio.

O que designa Eneas. E (Lus. I, 26):

...... Levantaram
Um por seu capitão, que peregrino
Fingiu na cerva espirito divino (\*).

- Muito usado é este tropo de poetas e oradores; mas, se for mui frequente, cái no vicio da obscuridade.

### § 233

Segunda especie, a metalepse,—que pelos antecedentes dá a conhecer os consequentes como (Virg. Ecloy. I, 83. Trad. do dr. Lima Leitão):

Já fumam dos casaes ao longe os tectos, Dos altos montes sombras móres cáem;

o que mostra estar-se approximando a noite. Assim tambem (Lus. II, 92):

Iam-se as sombras lentas desfazendo, Sobre as flores da terra, em fresco orvalho;

o que dá a intender que se avizinha o dia: — ou pelos consequentes os antecedentes; como (Genes. III, 19): Comerás o pão no suor do teu rosto. — Egualmente pelo signal a coisa significada; como: Sempre meus conselhos foram pola toga, não polas armas. Cic. a fav. de Marc. E: Os antigos romanos do arado eram escolhidos para o bastão. Vieir. Serm. P. VI, 123.

### § 234

A terceira especie de metonymia toma o effeito pola causa; como (En. VI, 275):

Alli habita a pallida doenca Com a velhice triste.

(\*) Peronde se entendo o romano Sertorio.

E (Lus. III, 128):

Mas, se t'o assim merece esta innocencia, Põe-me em perpetuo e misero desterro.

Ou a causa polo effeito; assim (no mesmo canto, 133);

Como da seva mêsa de Thyestes, Quando os filhos por mão de Atreu comia.

# § 235

Põi a quarta o inventor polo invento; ou o escriptor polos escriptos, como (Virg. Georg. II, 113):

Ama Baccho as collinas....;

e assim (En. I, 101);

A Ceres pelas aguas mareada;

e (Lus. V, 96);

Lia Alexandre a *Homero*, de maneira Que sempre so lhe sabe á cabeceira.

### § 236

A quinta o possuidor pola coisa possuida; como (En. II, 31):

Já perto de nós arde Ucalegonte.

E (Lus. IV, 83):

Onde o licor mistura e branca arêa Co'o salgado Neptuno o doce Téjo.

Assim tambem d'um homem a quem dissipam os bens dizemos que o devoram.

### § 237

A sexta emfim o continente pola contido, como: Levanta-te, esclarece-te, Jerusalem; porque chegou a tua luz. Isaias, LX, Trad. de Per. Assim tambem (Ulyss, VI, 93):

O Ilion poderoso e triumphante Nelle a gloria contempla que perdia. Ou o contido polo continente (o mesmo poema, II, 7):

Que alli vam despedir-se concertaram, Onde a anchora pesada o sal fería.

ESPECIES DE TROPOS, RELATIVOS A VARIOS GENEROS

### § 238

Entre os tropos dos quaes cada um se póde referir a varios generos, contamos tres,—o ephitheto, a periphrase, a hyperbole.— O epitheto ou apposto é ou grammatico ou oratorio; entre os quaes ha esta differença: o grammatico ora explica ora restringe a idêa do subjeito ou do attributo da proposição; sendo porisso necessario para a intelligencia ou para a verdade do sentido. O oratorio porém não se emprega por necessidade, senão para ornar ou amplificar o discurso. Mais: se os poetas se contentam com que o epitheto convenha á palavra a que se ajuncta, não se lhes censurando o dizerem — brancos dentes, humidos vinhos; — na oratoria, comtudo, se o epitheto não desperta a imaginação, ou não esclarece os objectos, ou não dá impulso aos animos, é redundante.

### § 239

É pois epitheto oratorio — a expressão que ao nome d'um objecto ajuncta uma idéa accessoria d'outro objecto, para dar graça ou energia ao discurso. — Só porém é tropo quando ha translação de palavra; i. é, quando vêm juncto com algum dos quatro generos de que acima se tractou. E, como a todos elles póde pertencer o epitheto, subdivide-se porisso em metaphorico, ironico, synecdochico e metonymico. — Exemplo do metaphorico: Irás emfim para ondo muito ha te arrastava essa tua desenfreada e furiosa cubiça. Cic. Catil. I. E (Lus. IV, 75):

Veiu a manhã no céo pintando as côres De pudibunda rosa e roxas flores.

- Exemplo do ironico; o de Juvenal (Satyr. XV, 10), ridiculizando a idolatria dos egypcios:

Sanctas gentes a quem nas hortas nascem Tam poderosos numes!

E o de Garção (Comedia, Os preparativos d'uma assembléa, scena III):

Que florente não fôra o vasto imperio Das fulas amazonas, se o regêra Tam gentil coração, alma tam nobre!

Exemplo do synecdochico (Hor. Od. IV, 12. Trad. de Elp. Dur.):

Já socias do verão, que o mar temperam, As thracias virações as velas incham.

Outro (Ulyss. VIII, 93):

Nem com tanto furor o mar egéo, Co'as forças do austro em tempestade escura, Ergue as tumidas ondas......

- Exemplo do metonymico (Hor. Od. II, 16, Trad. de Elp. Dur.):

Que nem riqueza ou consular archeiro Da mente afasta os miseros tumultos.

Outro (Lus. I, 58):

Da lua os claros raios rutilavam Pulas argenteas ondas neptuninas.

# \$ 240

Ora, sindaque sem os epithetos fica o discurso como nu e desenfeitado, não se deve todavia carregar de muitos, porque assim se torna longo e embaraçãdo; bem-como um exercito seguido de tantos vivandeiros quantos sam os soldados, onde sería dobrada a gente, não as forças. Apezar d'isto, algumas vezes podem junctar-se a um nome não um só senão muitos epithetos; com-tanto-que as idêas accessorias, por elles indicadas, tenham relação umas com outras

e com a idêa principal. Taes sam estes (En. 111, 658, Trad. do dr. Lima Leitão):

Gran'monstro, informe, horrendo e já sem vista.

E nos Lus. IV, 28:

Deu signal a trombeta castelhana Horrendo, fero, ingente e temeroso.

# § 241

A periphrase ou circumloquio - explica per muitas palavras o que pode exprimir-se em poucas ou em uma só; - o, quando consta de palavras translatas, é tropo, que póde pertencer tambem a varios generos. Emprega-se a periphrase, umas vezes por necessidade; - ou para encobrir ideas obscenas e sordidas; como aquella periphrase de Sallustio: Partiu um certo Ligo para satisfazer ás necessidades da natureza; onde ha synedoche do genero pela especie; — ou para adocar pelo euphemismo (§ 225) ou pelo asteismo idêas tristes e duras. Uutras vezes procura-se com ella a utilidade, i. é, o ornato: — já porque pelos accessorios presta mais luz ás propriedades e mais força á idêa do objecto: — já porque apresenta sob nova face as coisas vulgares e communs. Neste uso mui frequente é a periphrase na poesia; mas tambem na prosa não é rara, comquanto mais curta. Exemplo (En. II, 268, Trad. de Odorico Mendes):

> Era quando aos mortaes começa e cóa, Divino dom, gratissimo descanço.

Outro (Lus. II, 60):

Meio caminho a noite tinha andado; E as estrellas no céo c'o a luz alheia Tinham o largo mundo allumiado, E só e'o somno a gente se recreia.

-- Todas as vezes, porém, que o circumloquio nem é necessario nem util, converte-se no vício da perissologia ou macrologia (§ 174, e 211); porque tudo o que não auxilia o discurso é ocioso e serve-lhe de embaraço.

### § 242

Muito póde alfim na amplificação dos objectos a hyperbole, i. é, — a exaggeração mentirosa com que se engrandece ou apouca o objecto fóra das proporções naturaes: — e forma-se ella, ora per termos proprios, ora pelos translatos; e estes de varios modos. — 1.º Pelos termos proprios, dizendo mais do que aconteceu; como (Cic. Philipp. II): Vomitando, encheu de boccados de comida, que cheiravam ao vinho, o seu regaço e todo o tribunal. E no Psalm. CVI, 26, Trad. de Per.: Ora sobem até os céos, ora baixam até os profundos abysmos. — 2.º Per similhança; como (En. VIII, Trad. do dr. Lima Leit.):

...... Então dirias Que arrancadas as Cycladas nadavam.

- 3.º per comparação (En. V, 319, Trad. de Odorico Mendes):

Excede os ventos e do raio as azas.

-4.º Per metonymia (En. VI, 808, Trad. do dr. Lima Leitão):

Se voára pela flor da messe intacta, Deixára sem lesão a tenra espiga.

E na Ulyss. 11, 38:

E subindo Neptuno à mór altura, Ondas introduzir no céo procura.

- 5.º Per metaphora (Ulyss. IV, 7):

Toca d'um monte a testa levantada, Que faz columna ao céo co'as penhas graves.

— 6.º Junctando a uma outra hyberhole: como (Cicna citada Philipp.): Que Charybde tam voraz? Charybde digo eu? essa, se existiu, foi um animal só. O oceano mesmo (eu o juro) apenas parece ter podido sorver tam depressa tantas coisas, tam espalhadas e postas em logares tam distantes.

### § 243

Porém no emprego d'este tropo tres cautelas deve haver: 1.º Que não seja muito frequente a hyperbole; porque, sendo-o, ficará o discurso sem naturalidade, e porconseguinte sem interesse, frivolo e ridiculo. 2.º Que, comquanto a hyperbole passe os limites da verdade, não exceda todavia os da moderação; de modo que não procure enganar, mentindo, senão levar o ouvinte ao conhecimento da verdade. 3.º Que só se empregue quando o objecto, de que se tracta, é assombroso ou extraordinario; pois que então se permitte dizer mais do que elle é, por não ser possivel o descrevel-o como realmente é.— Isto baste sobre os tropos: passsemos já ás figuras, que sam, como dissemos (§ 212), o segundo meio de adornar as phrases.

#### VIII

DAS FIGURAS EM GERAL

# § 244

Temos aqui, primeiramente, de advertir que somos taes por natureza que, movendo-nos a presença, real ou ainda imaginada (§ 67), do bem ou do mal, manifestâmos esse movimento pela lingua, interprete do nosso coração. Porisso é que, sentindo, já a dôr, já o prazer e outros affectos similhantes, ora perguntâmos, ora exclamâmos e rompemos em varias expressões, ou reaes ou produzidas pela imaginação. Logo, assim-como do sentimento e da paixão resulta a expressão verdadeira; assim os mesmos affectos, junctos com a imaginação, constituem as fontes da locução fingida ou figurada.

### 8 245

É pois figura ou schema — a sórma de locução desper-

tada pola imaginação e affectos. — Com a figura se accrescentam á enunciação simples e logica do pensamento idêas accessorias que o tornam mais vivo, interessante e agradavel. — Concorda a mór parte dos rhetoricos em distinguir duas classes de figuras, a saber: figuras de pensamentos e figuras de palavras. As primeiras olham só ao sentido das palavras, de sorte que, ainda mudadas estas, permanece a figura: as segundas consistem na ordem e no som material dos vocabulos; alterados os quaes a figura desapparece.

# § 246

Ambas estas classes de figuras têem grandes e varias utilidades e virtudes, que em toda a operação e officio do orador se dam a vêr bem claramente. Em primeiro logar, per meio das figuras se faz mais crivel o que dizemos, insinuando-se no animo dos ouvintes per onde menos se pensa. Pois, assim-como no jogo da esgrima é mais facil o vêr e repellir os manejos directos e singelos, do que os indirectos e disfarçados; assim abala mais os espiritos o discurso figurado, do que o simples. Em segundo logar, se, para despertarmos nos corações alheios o movimento da paixão que em nos sentimos, nos é forçoso exprimil-o (§§ 67 e 68); sendo as figuras as expressões da paixão (§ antec.), quem não vê a grande força que ellas têem para determinar a vontade? Mais que tudo, porém, contribuem ellas para fazer recommendavel o orador, para tirar o tedio pela variedade, e para dar ao discurso novidade e graça. — Sam logo tres os principaes fins das figuras: umas reforçam as provas; outras engrandecem o movimento das paixões; outras emfim deleitam os espiritos. Mas é de notar que as figuras mais proprias para provar e mover sam as dos pensamentos; e para deleitar, as das palavras.

### \$ 247

Já desd'aqui, porém, advertimos ao orador quo seja parco no uso de todas as figuras, maiormente das que consistem nos vocabulos, empregando-as quando as pedir a materia; sirva-se d'ellas como d'um tempéro com que torne mais saboroso o discurso; e não perca, pola nimia affectação, aquella graça da variedade que ellas podem trazer á phrase. Cumpre, pois, que não sejam frequentes nem continuadas na mesma especie; senão raras e variadas, para se não tornarem fastidiosas.

# DAS FIGURAS DOS PENSAMENTOS, PARA PROVAR

### § 248

Ora, assim-como é natural o conceber primeiro as idêas e depois o enuncial-as, assim daremos primeiro as figuras dos pensamentos. E, começando per aquellas que servem de avivar a prova, poremos em primeiro logar a interrogação; i. é,—a pergunta que se faz, não para saber alguma coisa que se ignore, mas para intimar o que se diz. — Assim urge Cicero a Catilina com estas perguntas (I Cat.): Não sentes descobertos teus designios? Não vês que ao conhecimento de quantos aqui se acham não escapa já a tua conjuração? Mais (Jacinth. Freire, Vida de D. João de Castro, L. II): Depois de commettido o maior delicto, qual não terão por leve? Quem duvidará ser offensor onde se não vinyam injurias? E d'estes logares se vê que esta figura é tambem propria para mover affectos.

### § 249

Tambem a resposta é figura, — quando, perguntandose-nos uma coisa, respondemos a outra, por nos ser mais util. Pode ella muitas vezes empregar-se no foro; já para aggravar uma accusação, como se uma testimunha, perguntada — se um individuo fora fustigado pelo réo? responder: c innocente: já para desviar o crime, como se, perguntando-se a um: — Mattaste esse homem? — responder; um ladrão; ou — Apossaste-te d'este predio? responder: do que era meu. Quinctil.

### § 250

Da pergunta e resposta resulta outra figura, a subjecção, — pela qual o orudor, fazendo a pergunta, ajuncta logo a resposta; como (Cic. a fav. de Liy.): E perante quem digo eu isto? Sim, perante aquelle que, sabendo-o, todavia antes de me vêr, me restituiu à republica. E (Vieira, Serm. Part. VIII, pag. 192): Pois quem é o verdadeiro rico?—Aquelle que não quer nada, porque nenhuma coisa lhe falta.

### § 251

Ás vezes — fingindo que não queremos falar de certa coisa, vamos comtudo dizendo-a: e esta figura se chama preterição. Tal é a de Cic. (a fav. da lei de Manil.): Não vos direi pois, senhores, quam grandes e quam afortunados foram seus feitos na paz e na guerra, per terra e per mar; assim que não só os cidadãos assentiram sempre aos seus quereres, os alliados lhe obedeceram, os inimigos se lhe subjeitaram; senão que os mesmos ventos e tempestados lhe foram favoraveis. E a de Camões (Lus. I. 26):

Deixo deuses, atrás a fama antiga Que co'a gente de Romulo alcançaram, Quando com Viriato na inimiga Guerra romana tanto se afamaram.

# § 252

Maravilhosa força têm no discurso, maiormente no exordio, a prolepse ou anticipação, — pela qual prevenimos e desfazemos a objecção que se nos póde fazer; — qual a de Cic. (a fav. de Arch.) Perguntar-nos-ás, o Graccho, porque gostâmos tanto d'este homem. — Porque nos sub-

ministra materia com que o espirito se allivie d'este estrepito do foro, e com que os ouvidos, cançados da vozeria, tomem repouso. E a de Vieira (Serm. Part. I, col. 81): Dir-me-eis o que a mim me dizem e o que já tenho experimentado: Que, se pregamos assim, zombam de nós os ouvintes... Zombem e não gostem embora, e façamos nós nosso officio.

### § 253

É propria para conciliar attenção e credito a duvida ou perplexidade: — a qual se dá quando o orador finge que ignora e pergunta per onde ha de começar, onde acabar, o que ha de dizer ou deixar de dizer. Assim Cic. (a fav. de Cluenc.): Em verdade, pelo que me toca, não sei para onde me volte. Negarei eu a infamia d'um tribunal peitado? E Vieira (Cart. 75, tom. II): Não sei per onde comece e se explicara melhor a minha dor com lagrimas e suspiros que com pulavras.

#### § 254

D'esta figura não differe muito a communicação; e emprega-se ella — quando, confiados na bondade da nossa causa, ou consultâmos os mesmos adversarios ou como que deliberâmos com os juizes. — Temos exemplo em Cic. (Verr. I): Agora vos consulto eu, senhores: que julgais devo eu fazer? Porcerto-que, sem o declarardes, me dareis aquelle conselho que en mesmo intendo me é forçoso tomar. E em Vieira (Serm. Part. VI, n. 110): Tórno a perguntar: Quando esteve o officio e dignidade episcopal mais auctorizada? agora quando tantos a pretendem, ou quando ella era a pretendente?

### § 255

Quasi a mesma é a origem da permissão: — pela qual deixâmos ao juizo dos ouvintes ou dos adversarios a decisão d'alguma coisa. — D'esta figura usaram S. Pedro

e S. João perante a Synagoga (Act. IV, 19, Trad. de Per.) Se é justo deante de Deus ouvir-vos a vós antes que a Deus, julgae-o vós: porque não podemos deixar de falar das coisas que temos visto e ouvido.

# § 256

Faz tambem attento o auditorio a suspensão ou o inopinado; — quando, tendo per algum tempo em expectação
os ouvintes, ajunctâmos depois uma coisa muito maior
ou muito menor do que elles esperavam. — Cic. (Verr. V):
Que se seguiria depois? que cuidais vós? quiçá espereis
algum furto ou nova prêsa............ E, depois de ter per
muito tempo em suspensão os animos dos juizes, ajunctou
um crime muito maior. E pelo contrario (a fav. de Llg.),
havendo começado: Um crime novo e até hoje nunca ouvido
te delatou o meu parente, Q. Tubero; remata o pensamento assim: Que Q. Ligario estivera em Africa; o que
ou não ora crime ou só leve.

### DAS FIGURAS DOS PENSAMENTOS, PARA MOVER

## § 257

Entre as figuras proprias para augmentar o movimento das paixões contam-se principalmente estas. A primeira é a exclamação: i. é, — a expressão forte, viva e subita, de qualquer paixão violenta; — já de prazer: Estou livre, respirei! Cic. a favor, de Mil.; já de dor: O infelix de mim! enxugaram-se as lagrimas; a dor estd-me ainda pregada no coração! Philipp. II; e (En. II, 241, Trad. de Odorico Mendes):

já de obsecração: O doce nome da liherdade! Cic. Verr. V; já de indignação: O tempos! o costumes! Cat. I; já de admiração e reprehensão: Ó edades cegas / ó gentilezas enganadas / ó discrições mal intendidas / Vieira, Serm. Part. IV, n. 491; já de imprecação (En. IV, 24, Trad. do dr. Lima Leit.):

Porém sorva-me a terra, ou Jove iroso C'um raio vingador me lance ás trevas, Trevas pallidas do orco e noite obscura; Antes de que, ó pudór, as leis te eu quebre.

E (Lus. IV, 102);

Ó maldicto o primeiro que, no mundo, Nas ondas vélas poz em sécco lenho!

# § 258

A segunda é a parrhesia ou licença, — pela qual dizemos conhadamente coisas que pareciam arriscadas; — com o fim de admoestar ou reprehender ou ainda mesmo adular. Tal é a de S. Paulo (Act. XXV, 10): Ante o tribunal de Cesar estou: aí devo de ser julgado: para Cesar appello. E a de Jer. Osorio (Carta a D. Sebastião): De que servirá logo tanto trabalho e tanta dispesa sem fructo?.... Vença-se a si mesmo v. alteza; dome seu espirito; amanse a grandeza de seu coração.

# § 259

Mais atrevida que estas é a prosopopeia ou personificação; — pela qual introduzimos ficticiamente a falar ou pessoas, ou os animaes mudos, ou as mesmas coisas inanimadas. Sam pois tres as suas especies, dialogismo, idolopeia e prosopopeia, propriamente dicta. — Pelo dialogismo fingimos as pessoas a falar ou comsigo, ou umas com outras, ou comnosco; mas, para que isto se torno crivel, é mister fingirmos que as pessoas dizem o que natural ou verisimilmente pensariam. Um bellissimo exemplo temos no cantico de Moyses depois da passagem do mar-vermelho: O inimigo disse: Eu os perseguirei e eu os alcancarei; repartirei seus despojos: minha alma ficará

saciada: desembainharci a minha espada; a minha mão acabará com elles. Exodo, XV, 9. — Dá-se a idolopeia quando introduzimos a falar a divindade ou os mortos. Assim (a fav. de Celio) Cicero evóca do tumulo Appio Cego, para reprehender a filha Clodia: Mulher, de que tens que accusar a Celio? etc. — Se porém se introduzem a falar os animaes irracionaes ou as coisas inanimadas, chama-se isso prosopopeia em sentido proprio; como na I Cat .: A patria como que parece falar comtigo, ó Catilina, e dizer-te: Alguns annos ha que se não commetteu attentado de que tu não fosses a causa, nem delicto em que não tivesses parte, etc. E (em Baruch III, 36, Trad. de Per.): As estrellas foram chamadas e disseram: Aqui estamos; e derum luz com alegria aquelle que as fez. E (em Vieira, Serm. Part. I, pag. 754, edic. de 1679): E possivel (estdo bradando estas paredes), e possivel que faz Deus tantos milagres por nos dar a saude e vida temporal, e que os homens não queiram fazer o que Deus lhes manda, sendo tam facil, para alcançar a saude espiritual e a vida eterna? — Mas a dureza d'estas prosopopeias (nas quaes têem os poetas mais liberdado que os oradores) deve adocar-se per meio de correctivos, taes como ostes - se, como, em certo modo, parece-me, figura-se-me, etc. - E ninguem se metta a empregal-as, sem ter um grande cabedal de ingenho e eloquencia; nem uso d'ellas em materia de pouca monta, senão sómente nas que demandam o movimento de grandes paixões. Pois é certo que as coisas, por natureza falsas e incriveis, forçosamente ou ham de mover mais, por passarem de verdadeiras; ou ham de ter-se por frivolas, porisso mesmo que não sam verdadeiras.

### § 260

Tambem no movimento das paixões têm admiravel força a apostrophe, i. é, — a locução apartuda da pessoa a quem naturalmente se dirige o discurso, para outra; — quer esta seja presente, quer ausente, quer morta: ás vozes até dirigimos a fala a coisas insensiveis, unindo assim

a apostrophe com a prosopopeia. Apostrophe a uma pessoa presente é a de Cic. (a fav. de Lig.), invectivando contra o accusador: Que outro empenho era o nosso, o Tubero, senão aleançarmos o poder de que hoje gosa aquelle que está presente? A um fallecido esta (Lus. III, 71):

O famoso Pompéo, não te penc De teus feitos illustres a ruina, etc.

A Deus esta (Lus. II, 31):

Ó tu, guarda divina, têm cuidado De quem sem ti não póde ser guardado.

A coisas inanimadas (Cic. a fav. de Mil.): A vós, tumulos e bosques albanos, a vós é que eu imploro e conjuro. E (Ulyss. III, 37):

Dizei-o vós, ó concavos penedos, Quantas vezes as querxas repetistes De minha imiga: e o echo, que me ouvia, A ultima vóz, imiga, repetia.

### § 261

Move tambem os affectos a segunda especie de enargia de que acima falámos (§ 189), e a que outros chamam hypothypose; — esta não só indica a acção mas até mestra o modo per que ella se executou, e não em grosso, senão per partes; assim que parece não tanto ler-se ou escutar-se a mesma acção, quanto o tel-a ante os olhos. Em Cic. (Verr. VII) achais um exemplo bem frisante: Inflammado em maldade e furor, veiu elle ao foro; chammejavam-lhe os olhos; de todo o rosto a crueldade scintillava. E na Illyss. (IV, 90):

Achilles, que se vé mais alentado, Estreitamente aperta Heitor comsigo: Mette o joelho esquerdo ao dextro lado, Carregando nos peitos do inimigo, Que, sem poder suster se, cái forçado.

### \$ 262

A aposiopese ou reticencia, — que rompe a phrase deixando-a incompleta, — tambem exprime affectos, já de cholera, como (En. I, 139, Trad. de Odorico Mendes):

Eu vos... Mas insta abonançar as vagas;

já do dôr, como (Lus. II. 41):

Mas moura emfim nas mãos das brutas gentes; Que pois eu fui... E nisto de mimosa O rosto banha em lagrimas ardentes;

já como de receio e escrupulo (Vieira, Serm. Part. I, col. 81): O rustico veste como rustico, e fala como rustico; mas um prégador vestir como religioso, e falar como ... não o quero dizer em reverencia ao logar.

# § 263

Move affectos mais brandos a ethopeia, a que outros querem chamar mimesis; e que é-a pintura dos costumes alheios: - pinta ella a indole, genio, sentimentos e paixões ou do homem em geral (e esta se denomina character); ou d'um individuo em particular, e tem então o nome de retracto. Mas o seu fim mais ordinario é o ridiculizar; e se faz ou pintando factos, ou referindo dictos; das quaes a primeira é quasi o mesmo que a hypotyposo (§ 261)-Tal é o retracto de Catilina em Sallustio, Trad. de Barreto Feio: Lucio Catilina, de nobre ascendencia, foi de grande força d'alma e de corpo, porém de ma e depravada indole. Desde a sua adolescencia as querras intestinas, as mortes, as rapinas, as discordias civis, gratas lhe foram, etc. E o do nosso Viriato em Manuel de Faria: Era Viriato, no delineamento do corpo, grande, membros avultados, cabellos crespos, sobrancelhas caidas, gesto terrivel, nariz curvo e não pequeno, com properção ao rosto. No animo, prudente, modesto, liberal, de ingenho prompto, de invenção copioso, etc. Quando a ethopeia refere dictos, ora estes sam proprios e verdadeiros, ora fingidos pelo dialogismo. Assim pinta ficticiamente Maro o ardente amor

# de Dido a Enêas (En. IV, 9):

Suspensa que visões, Anna, me aterram? Que hospede novo aporta ás nossas plagas? Quam gentil parece! que acções! que esfârço! Creio, nem creio em vão, d'um nume é prole.

# DAS FIGURAS DOS PENSAMENTOS, PARA DELEITAR

#### § 264

Aindaque todas as figuras, e maiormente as das palavras, produzem deleite; contam-se todavia, entre as dos pensamentos, tres mais proprias para esse fim; sam a duvida, de que já falámos, a epanorthose e a anamnese. E, porque dam um ar de singeleza e de extemporaneidade ao discurso, não só deleitam estas figuras, senão tambem fazem o orador menos suspeito aos ouvintes.

# § 265

Epanorthose ou correcção é — o fingido arrependimento do que se disse: como a de Cicero (a fav. de Cel.): Mas para que introduzi eu aqui tam grave personagem? E na Verr. III: Enganei-me, senhores; pois elle comprou, não furtou. Quizera não ter dicto isto. Ha elle de gloriar-se e cavalgar nesses potrinhos. Bem assim em Vieira (Serm. Part. XII, n. 212): Tudo que nasee e vive neste mundo, a este fim vive e nasce. Que digo cu, o que vive e o que nasco? Os elementos não sam viventes; e a este mesmo fim (a pensão do sustento humano) cançamos e fazemos trabalhar aos proprios elementos.

# \$ 266

Anamnese é a figura - pela qual o orador finge lem-

brar-se de-repente d'uma coisa que lhe esquecêra. — Assimo mesmo Cic. (Verr. IV), tendo contado o caso de Pisão, que no tribunal mandára fazer um annel a um ourives, como se com isto se lhe despertasse a memoria, acerescentou; Agora o annel de Pisão me suscitu a lembrança d'uma coisa que detodo me escapára. A quantos homens-de-bem, cuidais vós, tirou elle dos dedos os anneis de oiro? — Com esta figura se fazem tambem galantes transições; como esta de Vieira. (Serm. Part. II, n. 372): Lembra-me (vamos do monte ao mar), lembra-me que no mar de Tiberiades corria fortuna a barca do apostolado.

# DAS FIGURAS DAS PALAVRAS; E PRIMEIRAMENTE DAS QUE SE FAZEM PER ACCRESCENTAMENTO.

## § 267

A segunda classe de figuras, que consiste no som ou na ordem dos vocabulos, contêem muitas especies: pois-que se formam ou per accrescentamento, ou per diminuição, ou per consonancia, ou per symmetria, ou per contraposição, ou per transposição. — As primeiras têem a virtudo de imprimir mais profundamente nos animos do auditorio aquellas idêas que com particularidade lhe queremos inculcar: taes sam as figuras seguintes.

# § 268

Epizeuxis ou reduplicação é a figura — que repete seguidamente a mesma palavra; — já para amplfiicar; como (Cic. a fav. de Mil.): Existe, existe aquelle poder. Já para exhortar: Animo, animo, meus filhos; não haja ninguem que desmaie. Sousa, Vida do Arceb. L. III, 20. E (Ulyss. X, 9): Arma, arma, repetia o som violento; Arma, arma, logo os esquadrões gritaram.

Já para exprimir a compaixão; como (Virg. Eclog. II, 9) Corydon, Corydon, quanto és demente!

E (A. Ferreira, Traged. Castro):

Ah contada de ti | ah triste, triste /

# § 269

Similhante, mas ainda mais vehemente, é a diacope ou separação, — que repete a mesma palavra, mettendo uma ou mais de-per-meio; como (Cic. a fav. da Lei Manil.): Foi outrora, foi, proprio do povo romano o ir guerrear longe do seu paiz. E (Virg. En. IV, 657):

Feliz, ail mui feliz, se às praias nossas Nunca troianas quilhas aportassem l

E (Lus. III, 19):

Tu, só tu, puro amor, com força crua, Que os corações humanos tanto obriga, Déste causa á molesta morte sua, Como se fóra perfida immiga.

# § 270

Tambem intima com força os pensamentos a anaphora, — que repete a mesma palarra no principio de varias phrases, — como: Tudo cura o tempo, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Vieira, Serm. Part. III, n. 550. Muito serve, pois, esta figura para despertar as paixões; já de indignação; como: Nem te fez abalo a nocturna guarnição do palatino, nem as sentinellas da cidade, nem o temor do povo, nem o consenso de todos os bons, nem este segurissimo logar onde se acha o senado, nem a presença e semblantes d'este congresso? Cic. na 1. Cat.; já de compaixão, como (Virg. Georg. IV, 465):

A ti, o doce esposa, a ti cantava, A ti, sozinho na deserta praia,

A ti, nascendo, a ti morrendo, o dia.

E (Ferr. Trag Castro):

Já me não ouves? já não to bei de ver? Já te não posso achar em toda a terra?

#### § 271

Nos parallelos e comparações se costuma tambem empregar a anaphora alternada, que é - a repetição e correspondencia reciproca das primeiras palavras de varias phrases. — Tal é da Cic. (a fav. de Murena), fazendo o parallelo d'um general com um jurisconsulto: Tu vélas do noite, para poderes responder aos que te consultam; elle, para chegar cêdo com o exercito ao logar destinado. Tu acordas ao cantar dos gallos; elle ao som das trombetas. Tu pois uma acção em juizo; elle um exercito em batalha. Tu acautelas as partes, para que não sejam surprehendidas: elle dá as providencias, para não serom tomadas as cidades e os arraines. Elle possúe e sabe a arte de repellir as tropas inimigas; tu a de desviar as aguas da chuva, Elle têm-se exercitado em alargar as rajas do intperio; tu em o administrar. - E a de Vieira, introduzindo a falar Saul com David sobre o combate d'este com o philisteu Golias: Olha, moço (dizia Saul a David, apontandolhe para o gigante); olha, moço, que aquelle é mais que homem; e tu menino: aquelle armado; e tu sem armas: aquelle exercitado em batalhas; e tu sem exercicio da guerra.

#### \$ 272

Contrária a esta, mas de egual lorça, é a epistrophe, que fecha varias phrases com a mesma palavra. — como: Os Carthaginezes, na justiça o povo romano os venceu, nas armas os venceu, na liberalidade os venceu. Cic. Philipp. V.— E: Tudo acaba a morte, e tudo so acaba com a morte, ala a mesma morte. Vieira, Serm. Part. 1, col. 1047

A symploce — começa e termina as phrases pelas mesmas palavras; — comprehendendo assim a anaphora e a epistrophe. Exemplo: Quem promulgou a lei? Rullo. Quem privou dos votos a mór parte do povo? Rullo. Quem presidiu sos comicios? O mesmo Rullo. Cic. sobre a L. Agr. E: O que faz o lavrador na terra, cortando-a com o arado? busca pão. Que faz o soldado na campanha, derramando o sangue? busca pão. Que faz o navegante no mar, luctando com as ondas? busca pão. Vieira, Serm. Part, XII, n. 212.

### § 274

A ploce—faz corresponder a palavra do meio da phrase ou á do principio d'outra,—como (En. VII, 759):

Chorou-te a Angicia selva saudosa, Do Fúcino chorou-te a vitrea onda;—

ou á do fim, como: Esta náu carregada de prêsa siciliense, sendo a mesma também parte da prêsa. Cic. Verr. VII. Mais: Amor que póde crescer não é amor perfeito. Vieira, Serm. Part. I, n. 423. E: Succederá a saude á infermidade; e vós conhecereis o que tendes na saude. O mesmo, Serm. P. XVII, n. 110.

# § 275

Epanalepse 6 — a figura pela qual a palavra do meio d'uma phrase corresponde á palavra do meio d'outras; — como: Em Dina mattou a formosura a Sichem; em Dalila mattou a Samsão; em Judith mattou a Holofernes; em Helena a toda a Troia; em Lucrecia a toda a Roma; em Florinda a toda a Hispanha. Vieira, Serm. P. VI. n. 317. Ou a do principio à do fim da phrase ou verso, como: Alegrae-vos incessantemente no Scuhor, outra vez digo, alegrae-vos. S. Paul. Epist. aos philipp. IV, 4. Trad. de Per. E (Virg. Ecl. VII. Trad. do dr. Lima Leit.):

Ambos na flor da edade, árcades ambos.

E (Ulyss. VI, 91):

Vencido, quer não parecer vencido.

# § 276

Epanodos ou regressão é a figura — que repete, separando, palavras que primeiro disse junctas; — qual é o celebrado epigramma de Ausonio ácerca do Dido (o 2.º verso é traducção de Filinto Elysio):

Dido infeliz, a um e outro mal unida, Morre-te um, foges; foge-te o outro, morres.

E este passo de Vieira, Serm. Part. XIV, n.º 75: Admiravel foi David na harpa e na funda: com a harpa afugentava demonios, com a funda derrubava gigantes.

# § 277

O polyptoton—repete o mesmo nome em differentes casos:
— e, comquanto d'elles careçam os nomes portuguezes, póde comtudo, pelas preposições que se lhes ajunctam, dar-se em certo modo esta figura. Exemplo (En. 1V, 628, Trad. de Odorico Mendes):

E (Ulyss. X, 10):

Já co'as infestas armas pelejando. A lança á lança oppõem, o peito ao peito.

#### § 278

A derivação—repete o adjectivo em differente genero ou numero, e o verbo em differente modo, tempo ou pessoa; — como: De exemplos estão chêos todos os livros, chêas as vozes dos sabios, chêa a antiguidade, Cic. a fav. de Arch. E (Lus. I, 106):

No mar tanta tormenta e tanto damno, Tantas vezes a morte apercebidal Na terra tanta guerra, tanto engano, Tanta necessidade abhorrecida!

E tambem (Hor. Od. L. II, 13, Trad. de Elp. Dur.):

Mas da morte a improvisa força rouba E roubará as gentes.

Bem-como (Pedro de Andrade Caminha, Eleg. á morte de A. Ferreira):

Amará e será amado; assim lá se usa: Cantará e será ouvido de a quem canta; Que quem lá se ama de amar não se escusa.

# § 247

A anadiplose — repete a ultima palavra da oração ou do verso no principio do seguinte — Exemplo: Este comtudo vive. Vive? Até vêm ao senado. Cic. 1. Cat. E (Virg. Ecl. X, 72):

O meu canto fareis bem grande a Gallo, A Gallo cujo amor em mim cada hora Tanto se augmenta, ó musas.

Assim tambem (Ferr., Trag. Castro):

C'os olhos lhe accendi no peito fogo, Fogo que sempre ardeu e ainda arde agora, Na primeira viveza inteiro e puro.

# § 280

A synonymia—repisa as mesmas idêas per palavras ou phrases synonymas; — e, quando as idêas sobem gradualmente, toma esta figura o nome de exergasia. Exemplo: Peccámos com os nossos páes, obrámos injustamente, commettemos iniquidades. Judith, VII, 19. E (Cic. Cat. II): Foi-se, satu, abalou, escapou. Bem assim (Sousa, Vida do Arceb. L. II, C. 12): Em se tractando dos (negocios) de Deus, era fogo, era raio, era corisco.

O polysyndetou — emprega varias conjunções ou repete a mesma muitas vezes; — figura propria para amontoar idêas importantes; como: Até esta hora padecemos
fome e sêde e desnudez e máos tractamentos e não temos
morada estavel e trabalhâmos per nossas proprias mãos
com assás fadiga. Apost. I aos corinth. IV, 11 e 12. E
(Virg. En. II, 666):

E Ascanio e meu páe, e ao pé Creusa, Vel-os-ei uns com outros immolados?

E (Heit. Pinto, Dial. da discreta ignorancia C. VIII): O bom ingenho ha de ter agudeza e subtileza e forca e velocidade; mas isto ha de ser para o conhecimento de coisas proveitosas.

# § 282

O climax ou gradação — repete o que está dicto e, antes de passar ao grau seguinte, pára no antecedente. — Exemplo: Na cidade nasce o luxo; do luxo resulta necessariamente a avareza; da avareza rompe a audacia; a audacia géra todos os crimes e maldades. Cic. a fav. de Rosc. E: Da perda (do bem) nasce o conhecimento: do conhecimento a estimação; da estimação a dor. Vieira, Serm. Parte XIV, n. 112. Mas esta figura, porisso-que têm um artificio mais sensivel e affectado, deve ser mais rara.

# DAS FIGURAS DAS PALAVRAS PER DIMINUIÇÃO

# § 283

As figuras per diminuição prestam ao discurso mais concisão e novidade. A primeira é a synecdoche, per outro nome ellipse, — que subtráhi á phrase alguma palavra que, pelo contexto, facilmente se intende: — frequente é

o seu uso em todo o genero de eloquencia; nas cartas e na conversação ordinaria, frequentissimo. Exemplo: Tal homem? tal impudencia? tal audacia? Onde se intende—soffreemos,— ou um verbo similhante. Cic. contra Verr. O mesmo em uma carta a Bruto: Nem uma palavra senão a teu respeito, i. é,—se disse. E (En. IX, 51):

Qual de vos, ó mancebos, o primeiro Será que ao lado meu c'o inimigo?...

onde subintendemos — se asservate. — E (Vieira, Serm. 14.º da III.º parte): Aos herejes o vosso rebanho? aos herejes as almas? Onde se deve intender — entreyais.

#### § 284

A segunda é o asyndethon ou dissolução, — que tirando todas as conjunções ás phrases, — lhes dá mais força e viveza; e que, accelerando a marcha do discurso, o torna mais animado. Exemplo: As boas-lettras criam a adolescencia, recréam a velhice, adornam os successos prosperos, servem de asylo na adversidade, divertem-nos em casa, não nos embaraçam per fóra, velam comnosco, nas jornadas nos seguem, no campo nos acompanham. Cic. a fav. de Arch. E (Ferr., Cart. L. 11. 4.4):

........... Uma hora chega emfim Triste, espantosa, féu, dura, amarga.

#### § 285

A terceira é a zeugma ou juncção, — que liga varias phrases com um só verbo; — pôsto ou no principio; como: Venceu ao pudor a lascivia, ao temor a audacia, á razão a loucura. Cic. a fav. de Cluenc. Ou no meio; como: A flor da formosura murcha com a doença ou com os annos. Auct. ad Herenn. Ou no fim, como: Certo que tal não és, Catilina, que nem da torpeza o pudor, nem do perigo o medo, nem do furor a razão, jámais te haja apartado. Cic. Cat. L. Mais: Poi (Vasco da Gama) venturoso em

seus trabalhos, domador do suberbo oceano, e conquistador do imperio occidental. Amador Arraes, Dial. IV da gloria e triumpho dos lusit. C. 24.º

#### DAS FIGURAS DAS PALAVRAS PER CONSONANCIA

#### § 286

Conciliam a attenção duas figuras, a paronomasia e a antanaclase. A paronomasia ou consonancia do nome—emprega na phrase duas palavras quasi do mesmo som, mas de úleas differentes; — qual é a de Cic. a fav. de Celio: Cidadão de boas artes e boas partes. E a de Vicira (Serm. Parte IV, pag. 421): As magnetes attrahem o ferro, os magnates o oiro.

# § 287

A esta figura se assimilha muito a antanaclase ou repercussão, — que emprega em significação diversa, ou contraria, palavras levemente alteradas pelas preposições que as compõem; — como: não emittido da cidade, senão mettido nella. Cic. Cat. I. E: Dizem que um amor com outro se paga: e mais certo é que um amor com outro se apaga. Vieira, Serm. Parte III, n. 477.

# § 288

Alguma virtude terão estas figuras, se a consonancia servir para distinguir as propriedades dos objectos e as relações das idêas; quando porém ella pára só no ouvido, 6 um vicio: sendo que taes equivocos ou trocadilhos de palavras, frivolos ainda no discurso jocoso, demostram um espirito ocioso, baixo, occupado em bagatelas, e assim destituido de bom-gosto.

#### DAS FIGURAS DAS PALAVRAS PER SYMMETRIA

#### § 289

Outro tanto deve dizer-se das figuras que se formam per symmetria, e que têem o mesmo fim que as da classe antecedente. Deve a leveza d'ellas ser acompanhada de pensamentos ponderosos: o empregal-as vasias de sentido não será só affectação vã, será tambem tam ridiculo como o procurar figura e gesto onde não ha corpo. Mas, ainda as que têem pêso, não se devem de amiudar muito, para que se não perca a variedade que per ellas se procura. (§ 247) Veja-se emfim, mais-que-tudo, se as pedem a materia, o logar, as pessoas, etc. — Nesta especie só contâmos tres, o homeoteleuton, o homeoptoton, o isocolon.

#### § 290

Homeoteleuton ou desinencia similhante dé-se — quando as phrases terminam per palavras consoantes: — como em Cic. (a fav. de Mil.): Não só para a vida lhe tirar, mas tambem a gloria lhe menoscabar. E em Sousa (Vida do Arceb. L. I, 23): Do altar furtamos tudo o que aos pobres não damos. Comquanto porém se encontrem exemplos d'esta figura; todavia, so exceptuardes as phrases proverbiaes, deve-se ella evitar em qualquer genero de discurso, quanto for possivel.

# § 291

O homeoptoton ou cadencia similhante—emprega varios verbos nos mesmos tempos, ou nomes nos mesmos casos.

— Exemplo: (Cic. a fav. de Rosc.) Que coisa tam com-(1) mum, como o ar aos vivos, a terra aos mortos, o mar aos navegantes, a praia aos naufragos? Aindaque em portuguez carecem de casos os nomes (§ 277), comtudo

as preposições e artigos, que lhes ajunctâmos, podem d'alguma sorte formar esta figura; como: Quem me desendivida a mim mais dos Japões que dos Parauás? as tormentas dos seus mares? os corsarios da sua costa? as perseguições dos tyrannos? João de Lucena, tom. II, L. IV, C. 8. Nos verbos porém forma-se um verdadeiro homeoptoton; como (Lus. I, 88):

Bramando duro corre e os olhos cerra, Derriba, fere, motta e pôi por terra.

# \$ 292

O isocolon — apresenta membros ou phrases quasi eguaes; — como em Cicero a fav. de Mil.: Olha quanto é vaga e voluvel a fortuna: quantas as deslealdades nos amigos: quantas as ficções proprias do momento: quantos os desamparos dos propinquos no perigo. E em Vieiro, Serm. Parte IV, pag. 290: Leva Abraham sen filho Isaac ao monte; ata-o sobre a lenha do sacrificio; tira pela espada para lhe cortar a cabeça; manda-lhe Deus suspender o golpe.

# DAS FIGURAS DAS PALAVRAS PER CONTRAPOSIÇÃO

# § 293

Avivando as idêas, maior força dam ao discurso as figuras per contraposição; mas, como nellas é mais sensivel a arte, deve fugir-se da affectação; porque, onde a arte se alardêa, parece estar d'aí mui longe a verdade. D'estas figuras ha varias especies; nomes só dois, — antithese e antimetabole: — e, comquanto ellas pertençam mais á classe das dos pensamentos (§ 246), aqui sóem todavia collocal-as os rhetoricos.

# \$ 294

Antithese é a figura — que contrapõi uma palavra a outra palavra; — como (Cic. Cat. II): D'esta parte peleja o pudor, d'aquella o despéjo; d'aqui a pudicicia, d'alli o estupro; d'aqui a fé, d'alli o engano; d'aqui a piedade, d'alli a impiedade. E (Vieira, Serm. Parte V, n.º 4.º): Passou o mundo do estado da innocencia ao da cuipa; da immortalidade á morte; da patria ao desterro. Ou phrase a phrase; como Abhorrece o povo romano o luxo dos particulares; estima porém a magnificencia pública. Cic. a fav. de Cluenc. Outra: Temos poder para nos conservar, inteiros; não temos forças para nos reparar, perdidos. Jacinth. Freiro, Vida de D. João de Castro, L. II.

#### § 295

Antimetabole é — a contraposição juncta com derivação ou polyptoton. (§§ 267 277). — Tal é aquella sentença attribuida a Socrates: Não vivo para comer; como para viver. E esta: Ha aí homens tam avessos que se accendem com o que se deviam de apagar, e apagam-se com o que se deviam de accender. Heit. Pinto, Dial. da tranq. da vida, C. X.

# DAS FIGURAS DAS PALAVRAS PER TRANSPOSIÇÃO

# § 296

Finalmente as figuras per transposição, não as pede só o adorno; pede-as tambem a necessidade da collocação. Sim: muitas vezes é forçoso que palavras, cujas idêas se offerecem simultaneamente á nossa alma, se separem na fala, mettendo de-per-meio outras palavras; já para que o discurso não fique aspero e solto, mas numeroso; já para se tornar mais energico e vehemente. Para isto servem o hyperbaton, a anastrophe, a tmese.

Hyperbaton 6 — a transposição da palavra ou phrase do logar proprio e habitual para outro. — Exemplo: Observei, senhores, que o discurso do accusador era todo em duas partes dividido. Cic. a fav. de Cluenc. E este: Continuou dizendo: Que quanto se fazia na terra, fossem quaes fossem os meios e os principios, tudo vinha traçado do céo. Sousa, Vida do Arceb. L. 1, 22. Tambem no verso: como (Lus. I, 9):

......Vereis um novo exemplo De amor dos patrios feitos valorosos, Em versos divulgado numerosos.

Evitem-se porém as transposições affectadas: bem-como as longas (§ 174) e as amphibologicas, que produzem obscuridade.

# § 298

Anastrophe é — a inversão na collocação das palavras; — como (Jacinth. Freire, Vida de D. João de Castro, L. II): A diligencia d'estas matronas serviu de allivio no trabalho, nos perigos de exemplo. E (Ulyss. VI, 74):

De Heitor o grego o peito rutilante Reconhece, que a Pátroclo vestira; Embravece co'a dor de o ver deante, E da vista arrojava raios de íra: A um tigre ferido similhante, Que a vária pelle arriça e fogo espira, Quando, do silvo ou setta provocado, Nas lanças entra de fereza armado.

#### § 299

A tmese—divide uma palavra composta, mettendo outra em meio. — Nos poetas latinos se acham muitos exemplos d'esta figura: na prosa sam mais raros. Em portuguez póde ella tambem dar-se nestas variações dos futuros dos verbos, como: amar-te-ei, defender-te-ei applaudir-te-ei. — Estas ultimas especies de figuras nos chamam á terceira virtude da elocação.

# CAPITULO XIX

#### Da elocução collocada

# § 300

Escolhidas as palavras, releva porcerto dar-lhes o conveniente logar, para effeituarmos nosso intento. Nada póde calar no anime, uma vez que desde-logo desagrade ao ouvido, que é como o seu vestibulo; e tam naturalmente nos incanta a musica e harmonia, que os mesmos sons dos instrumentos, sem exprimirem palavras, nos impressionam o coração. Grandemente serve, pois, a boa collocação das palavras não só para deleitar senão para mover os animos. Com ella tambem o discurso se esclarece; e ainda alguns pensamentos fracos, e medianamente enunciados, per esta só virtude se fazem recommendaveis.

#### § 301

Collocação é—a justa e harmonica disposição das palavras e seus aggregados. — Duas sam em geral as partes da collocação; uma racional, porque attende mais ás idêas dos objectos; é a ordem: outra musical, e que respeita assim aos sons como aos compassos dos vocabulos e phrases; é a harmonia. Mas antes de tractarmos d'estas duas partes, falaremos das diversas fórmas de elocução prosaica.

# \$ 302

Estas fórmas ou aggregados de palavras denominam-se - inciso, membro, periodo; - os quaes, podendo caber em todo o genero de discurso, sam todavia empregados propriamente, e com mais frequencia, no oratorio. — Inciso ou comma é - a phrase de numero incompleto e sem conclusão final; - cuja medida não excede um hemistichio do verso hexametro latino ou o de um hendecasyllabo portuguez. Taes são aquelles incisos (Cic. Cat. 1) ?: 0 tempos! of costumes! O senado isto intende; o consul o ve: e este ainda vive. Vive? E estes (Vieira, 2.º Sermão da Cinza): Arrima o bastão: renuncia o imperio; despe a purpura, etc. — Usareis de incisos todas-as-vezes-que for necessario falar com calor, força e acrimonia; como nas apologias, nas argumentações, refutações e invectivas; pois-que tanto se deve de ajustar a collocação aos pensamentos e aos objectos, que, se elles forem asperos, aspero deve ser também o numero; arripiando-se quem ouve junctamente com quem fala, como diz Ouinctiliano.

#### § 303

Membro ou colon é — uma ou mais phrases de numero completo, mas sem conclusão final; —a sua medida querem alguns rhetoricos que seja a d'um verso hexametro latino ou a d'um hendecasyllabo portuguez: mas póde ser mais curto ou mais extenso. Taes sam aquelles (Cic. a fav. de Mil.): Vejo que até aqui tudo concorda, senhores: que a Milão era até mesmo util o viver Clodio; e a este, para os seus fins, mui desejavel a morte de Milão. E estes (Jacinth. Freire, Vida de D. João de Castro, L. III): Este imperio da Asia é filho de nossas victorias; creámol-o em seu primeiro berço; sustentemol-o agora já robusto. — Empregaremos os membros ou prosa solta em as narrações ordinariamente, ligando as phrases com liames menos apertados; porque, sendo a narração exposição de factos, cada uma das varias circumstancias, que os acompanham,

póde e deve exprimir-se em curto espaço. Só exceptuareis aquellas narrações que fizerdes, não para instruir os ouvintes, mas para ornato do discurso: a estas armará bem uma composição suave e corrente. — A mesma prosa solta se requere na conversação familiar e nas cartas, onde se tractam negocios de sua natureza diversos e desligados; excepto se a sua materia for mais elevada, como objectos philosophicos, políticos, etc.; porque, nesse caso, deverá com o estylo elevar-se também a collocação.

# \$ 304

Periodo ou circuito é — o aggregado de varias phrases de numero completo e conclusão final. -- Este é o periodo propriamente oratorio: o simples, ou em sentido lato, é-qualquer proposição desinvolvida em um ambito major do que pede a expressão logica; de-modo-que eguale, pouco mais ou menos, a extensão de dois hexametros, em latim; ou de dois hendecasyllabos, em portuguez; como (Cic. a favor de Cluenc.): Observei, senhores, que todo o discurso do accusador era dividido em duas partes (§ 297); em vez de: Observei duas partes no discurso do accusador.—O oratorio, porém, segundo a mór parte dos rhetericos, deve ter quatro condições : 1.º Constar de dois, tres, ou quatro membros; cujos sentidos figuem suspensos até o ultimo membro: esta é a conclusão final, que distingue a prosa ligada ou periodica da incidida e desmembrada. 2. a Ser claro e distincto, para poder intender-se. 3.ª Não desmarcado, para facilmente se reter na memoria. 4.ª Proporcionado nos membros; porque sendo um d'elles mui extenso e outro mui curto, ficaria a marcha do periodo, per uma parte, arrastada; per outra, claudicante. — Se os membros, passando de quatro, não excederem a oito, esse aggregado já se não chama periodo, senão oração periodica: o se tantos forem os membros quantos a respiração de quem fala póde alcançar, têm o nome de pneuma.

Divide-se pois o periodo, propriamente dicto, em — dicólos, tricólos e tetratólos; i. é, bimembre, trimembre, quadrimembre. — Bimembre é aquelle (Cic. a fav. de Lig.): E se podesses conhecer a-fundo a concordia dos Ligarios, assentarias que todos os irmãos foram por ti. E este (Jacinth. Freire, Vida de D. João de Castro, L. II): Todos emfim obraram tam valorosamente, que este só dia bastava para os fazer soldados. — Trimembre o de Cic. a fav. da L. Manil .: Como eu d'antes, polos meus annos, não ousasse tocar esta taibuna respeitavel; e me persuadisse que se não deriam trazer aqui senão as producções mais acabadas do ingenho e arte; assentei que deria dedicar todo o meu tempo aos negocios de meus amigos. E o de Vieira, Serm. Parte X. n.º 384: Postoque os juizes sejam rectos ou o queiram parecer; é tal o enredo dos testimunhos falsos...; que a mentira é a que vence e a falsidade a que triumpha. — Quadrimembre, o de Cic. a lav. de Cecina: Se quanto pode no campo e logares desertos a audacia, tanto no foro e tribunaes podesse a impudencia; na causa não cederia menos Cecina á impudencia de Ebucio, do que ceden á andacia no lance em que este o atacara. E o de Heit, Pinto, Dial, da discreta ignorancia, C. IV: Assim-como a espada quanto é mais excellente, tanto é mais perigosa na mão do furioso; assim a linguagem quanto é mais elegante, tanto mor perigo traz comsigo nos livros profanos. - Este periodo quadrimembre é de todos o mais perfeito; porque enche o ouvido, sem fatigar a respiração nem a attenção; deve porém de ser mais raro, assim para evitar affectação como para que o discurso não marche sempre a passo egual, nem perca a variedade, que em tudo se ha de guardar. — Está hem o periodo aos proemios sobre assumptos mais elevados, aos logares communs, aos epilogos; e, na generalidade, quando o discurso demanda pompa e grandeza.

#### DA ORDEM

# § 306

Estes sam os aggregados de palavras que, segundo a clareza, successão e excellencia das ideas, a ordem dispõi nos seus proprios logares; sem desprezar, comtudo, a suave modulação da voz. E considera-se a ordem, já nas palavras independentes; i. é, as que, por se não subordinarem entre si, formam muitos sentidos distinctos; quaes sam muitos subjeitos, muitos predicados, muitos complementos continuados, etc.; já nas palavras dependentes; i. é, as que, subordinadas umas as outras, fazem um so sentido; assim ao agente se subordina a acção, a esta o termo, as circumstancias, etc.

# § 307

Na primeira consideração se distinguem tres ordens. - Umas vezes damos ás palavras o logar que as coisas. significadas per ellas, têem physica ou moralmente em a natureza; esta ordem se chama natural: assim dizemos - homens e mulheres, pae e filho; dia e noite, nascente e poente. — Outras vezes seguimos na exposição dos factos a ordem per que elles aconteceram; e esta é a ordem historica; assim como: Triumpharam (os portuguezes) das aguas do mar atlantico, ethiopico, arabico, persico, indico, taprobanico e borcal. Amad. Arr. Dial. IV, da glor. e triumph. dos Portug. Cap. 23. - Outras vezes collocamos as palayras de-modo-que, subindo ou descendo a força dos pensamentos, o discurso vai crescendo ou diminuindo em energia; eis a ordem oratoria. Exemplo: Tu com essas fances, com essas ilhargas, com essa gladiatoria constituição de todo o corpo. Cic. na citada Philipp. II. Outro: E' a guerra aquella tempestade terrestre que leva as casas, as villas, os castellos, as cidades e, talvez em um momento, sorvo reinos o monarchias inteiras. Vieira Serm. Porte XVI, n.º 7. Quando queremos ou engrandecer ou apoucar um objecto, esta é a ordem que devemos seguir, desprezando a natural e a historica, se a isso se não prestarem.

# § 308

Tambem na segunda consideração per tres maneiras se podem construir as palavras. — Ora vam ellas succedendo umas ás outras, de-sorte-que antes d'uma não falte outra para a intelligencia do sentido. Exemplo: A maldade perverte o juizo, e o máo é ignorante. Heit. Pinto. - Ora se põem primeiro aquellas que, segundo as leis da grammatica e o genio da lingua, deveriam pôr-se depois; como: Os que melhor sentiram entre os mesmos gentios, a inteireza e valor do animo attribuiram mais, que a todas as riquezas. Luiz de Sousa. — Ora separamos, mettendo outras em meio, palavras cujas idêas andam no pensamento naturalmento ligadas (§ 296); o que se vê neste passo: Chegaram (os Portuguezes), despregando bandeiras, tomando cidades, subjeitando reinos, aonde nunca o victorioso Alexandre nem o afamado Hercules (cujas fuçanhas os antigos tunto admiraram) poderam chegar. Amad. Arr. A primeira ordem se chama directa, a segunda inversa, a terceira interrupta.

# § 309

Qualquer d'estas ordens póde escolher-se, tendo em vista a perspicuidade e a força das idêas, e ainda o som grato ao ouvido; assim que, se com estas coisas se compadecer a ordem directa, esta seguiremos: em caso contrario, usaremos da inversa e da interrupta,)como noutra parte se advertiu. Muitas vezes, com effeito, ha uma força especial em uma palavra; a qual, se fica escondida no meio da phrase ou periodo, á sombra das que a cercam, facilmente escapa á attenção; posta porém no fecho, apparece mais e se fixa no animo do ouvinte. Tendes exemplo em Cic. (Philipp. II): Forçoso te foi vomitar na pre-

sença do povo romano ao outro dia. E em Virg. (En. 1V, 309):

Até na hyberna quadra a frota apromptas, E, através do áquilo, a sulcar os mares Te apressuras, cruel!

E Jacinth. Freire, Vida de D. João de Castro, L. II: Parece que (D. Francisco de Almeida) queria beber o sangue do Oriente todo. Tambem muitas vezes pelas inversões e transposições se procura a coherente ligação das palavras e a numerosa cadencia da phrase; como no citado Freire e no mesmo liv.: Aquelles que, em urnas de alabastro, deixaram de uma vida sem nome ociosa memoria. — Tornâmos porém a lembrar aqui o que já recommendamos — que as transposições não sejam longas nem imitem as danças lascivas.

#### DA PRIMEIRA ESPECIE DE HARMONIA, A LIGAÇÃO OU MELODIA

#### § 310

Passando á segunda parte da collocação, a harmonia, i. é, o concérto de coisas varias; divide-se ella em duas especies, como (§ 301) indicámos, a saber — a melodia o o numero; — e póde ser mecanica ou imitativa, segundo ella ou satisfaz só ao ouvido, ou pinta ao mesmo tempo a idêa de objecto. Da conveniente ligação, assim nas palavras como nos incisos, membros e periodos, nasce a melodia, i. é, — o concêrto suave de varios sons successivos: — d'onde se vê que duas sam as suas virtudes, consonancia e variedade: e dois os vicios, dissonancia e monotonia.

#### § 311

Começando pois pela junctura ou ligação das palavras, tres sam as causas da dissonancia; as quaes devemos evitar, para bever melodia. — A 1.º é o cacophaton (§ 210):

quando da ultima syllaba d'uma palavra e da primeira da seguinte resulta um vocabulo mal-soante; como em Camões (Lus. VIII, 92.)

Que quem não quer commercio, busca guerra.

-A 2.ª é o hiato, i. é, o concurso de vogaes de sons muito abertos: sendo maior a dissonancia quando concorrem vogaes longas, ou as mesmas, ou as que se pronunciam com a bôcca mais aberta ou mais concava: como se disserdes: A cubica dá azo ao furto. Porque, parando assim a pronunciação e como que padecendo incommodo pola difficuldade e trabalho do orgão oral, o embaraço do que fala incommóda tambem o que ouve. Se porém a uma vogal breve se segue uma longa, ou a uma longa uma breve, menor é a dissonancia; e sendo breves ambas. quasi que não ha nenhuma. — Em evitar pois este vicio haja um mediano cuidado; perque o excessivo escrupulo embarga o passo ao discurso, e desvia o orador do que mais importa. — E casos ha em que os hiatos não sam vicios, senão virtudes; como: 1.º quando pela synalepha se elide a vogal anterior: 2.º quando com os hiatos damos á phrase um som mais cheio e, porisso, mais proprio para exprimir a grandeza do objecto: 3.º quando com elles pintamos a difficuldade da acção: 4.º quando em um discurso singelo, como o dialogal e o epistolar, os hiatos deixam ver um não desagradavel desleixo d'um homem occupado mais dos pensamentos que das palavras. - 1 3. causa da dissonancia é a collisão ou encontro de consoantes asperas: qual a de s no fim d'uma palayra com r no principio d'outra; como-lirios rôxos: - ou de s com s: como — rosas séccas, — etc.

#### § 312

Sam causas da monotomia, ou vicios contra a variedade, os seguintes: — 1.º () echo ou som reflexo, i. é, a continuação do palavras que começam ou terminam pelas mesmas syllabas com que terminaram ou começaram as palavras immediatas; como neste verso:

Dobrado brado os valles repetiam.

Quando porém o echo imita a natureza, é uma virtude; como (Lus. X, 29):

O mar todo com fogo e ferro ferve.

- 2.º A continuação de monosyllabos; que faz com que a phrase cortada por muitas clausulas, vá aos saltos; como (Lus. I, 28):

Do mar que vê do sol a rôxa entrada.

— 3.º a continuação de syllabas breves, bem como a de syllabas longas; aquellas acceléram o movimento do discurso, estas o retardam. Umas e outras porém, empregadas sobrepensado, com o fim de imitar a natureza na pintura das acções, não serão vicios, senão virtudes. Tendes o exemplo das breves neste verso (Lus. IV, 88):

De mil religiosos diligentes.

Das longas n'est'outro (Lus. VI, 90):

D'esta cançada já velhice minha.
—4.º Os homeoptotos e homeoteleutos (§§ 290 e 291)
continuados; sendo que as mesmas figuras, como noutro
logar se disse, causam tédio, se faltar a graça da variedade.

# § 313

Na ligação dos incisos, membros e periodos, devem de evitar-se os mesmos vicios (§§ ant.); não é porém aqui necessario tanto escrupulo. Porquanto, aindaque os fins d'uns concorrem com os principios d'outros; todavia d'um para outro inciso, membro ou periodo, ha uma pausa maior do que d'uma para outra palavra; e porisso menor desagrado ao ouvido.

# DA SEGUNDA ESPECIE DE HARMONIA, O NUMERO OU RHYTHMO

# § 314

Ao compasso é que principalmente se refere o numero, i. é, a conveniente medida dos tempos que se gastam

em pronunciar as palavras e as phrases. — Divide-se ello em oratorio ou rhythmo, e poetico ou metro. E, comquanto, em certo modo, ambos constem de pés; ha comtudo, além d'outras, esta differença — que o rhythmo attendo só ao espaço dos tempos; o metro porém não só a isso, senão tambem á ordem das palavras e das syllabas. Assim que, se transtornardes a ordem das palavras d'este verso (Lus. 1, 1):

As armas e os barões assignalados,

poderá resultar o mesmo espaço de tempo; o verso poróm ficará desfeito.

#### § 315

Ora, para fazerdes a phrase numerosa, podereis: 1.° substituir a uma palavra menos numerosa outra que mais o seja; com-tanto-que esta seja synonyma e equivalente: 2.° ajunctar alguma, se não parecer ociosa: 3.° subtrahir outra, se ella não for necessaria: 4.° mudar os casos pela antiptose: 5.° variar os numeros pela synecdoche: 6.° empregar a syncope: 7.° a synalepha: 8.° e com especialidade, emfim, o hyperbaton, de que acima falámos.

# § 310

E, se em todo o espaço da phrase ou do periodo é necessario o numero, o fecho é todavia a parte em que elle mais se requere e se faz mais sensivel: já porque pela perfeição e acabamento do periodo se avalia a perfeição do pensamento: já porque os ouvintes estão sempre á espera do fim e nelle repousam; podendo elles então julgar melhor do numero, quando já têm parado a impetuosa corrente do discurso, e lhes deu tempo de observal-o. Devem-se pois de reservar para alli os membros mais extensos e os vocabulos mais chêos e sonoros: se porém quizerdes ou negar uma acção, ou apoucar algum objecto, ou tambem se falardes sobre coisas tristes, virão bem os membros mais curtos e os vocabulos menos chêos.—

Depois do fecho, a parte que demanda mais cuidado é o principio; porque tambem a elle está attento o ouvinte. Como porêm os começos dos periodos não estão pegados com o que precede; mais facil e mais livre é nelles o numero. — Tambem no meio, embora seja elle como a sombra na pintura, e requeira por isto menos esmero que o principio e o fim, que sam como os claros; não deve a marcha do periodo ir vagarosa polas muitas palavras e phrases longas, nem aos saltos pola continuação das breves. — Mas tudo isto ha de ser variado, para que não fatigue o ouvido; e o cuidado na collocação assim se deve disfarçar, que os numeros pareçam correr natural e espontaneamente, e não constrangidos ou forçados.

# CAPITULO XX

#### Da elocução apta e decente

# § 317

Inutil ó porém o serem elegantes, ornadas e apuradamento collocadas, as palavras, se ellas não condisserem com os fins a que intentais conduzir o auditorio. Resta pois a ultima virtude da elocução, o decóro: que, por se dover guardar tambem nas outras operações do orador (§ 162), já em varios logares o tocámos; e continuaremos ainda. Certo que, assim-como nos outros actos da vida, assim tambem no discurso se ha de obrar e dizer o que for decente. Mas, em eloquencia, decóro é — a conveniencia das palavras com os pensamentos e d'ambas estas coisas com a materia, pessoas e circumstancias.—E assim daremos aqui, em resumo, a parte do decóro relativo ás pessoas, ao logar e ao tempo; reservando para o seguinte capitulo, em que se ha de tractar dos varios estylos, o que ainda resta por indicar sobre os pensamentos e a materia.

Ora as principaes pessoas a que se deve de accommodar o discurso, sam — a do orador, as dos ouvintes, e aquella ou aquellas de que se fala; — e, para se guardar o decóro devido a cada uma d'ellas, observem-se as regras seguintes. - Começando pela pessoa do orador, muito importa vêr: 1.º qual seja a sua edade; pois ao maduro ancião convêm uma elocução precisa, placida, limada, e tam grave, que pareça (como quer Cicero) começar ja a encanecer: ao fogoso joven na flor dos annos, mais copiosa, arrojada e flórida. - 2.º Qual a sua auctoridade; pois o que sor distincto polo nascimento, feitos e fortuna, poderá falar mais livremente; ao que taes predicados não tiver está melhor um tom mais humilde e submisso. Aquelle basta a propria auctoridade: este com a sua mesma razão mal se cobre dos tiros da censura. Porisso é que, muitas vezes, uma e a mesma expressão em um é liberdade, em outro loucura, em outro suberba. - 3.º Qual a profissão; ao orador militar convirá a simplicidade e concisão: ao civil e politico a riqueza d'elocução: ao evengelico uncção e gravidade: ao academico permitte-se mais alguma ostentação.

# § 319

Além d'estas tres regras peculiares a certos oradores, outras tantas ha communs a todos; sam as que se seguem.—4.º Como não ha coisa tam capaz de grangear a benevolencia como o natural pejo e modestia (§ 110), evite, mais que tudo, o orador a jactancia das suas proprias virtudes ou eloquencia. Pois o que se gaba, maiormente com excesso, dá mostras de querer abater e menosprezar os outros; e contrahirá, porisso, dos somenos a inveja, dos superiores a moía, de todos os bons a censura. E se alguma vez, para se justificar, se vir forçado a tocar nas proprias acções, como aconteceu a Demosthenes no discurso a fav. de Ctesiphonte; mostre o orador essa necessidade, e faça recair todo o odioso sobre quem a isso o obrigou.

# \$ 320

Deve tambem, 5.°, evitar no seu modo de dizer a demasiada confiança ou arrogancia; sendo que com taes vicios se torna elle não só fastidioso, senão abhorrecido aos ouvintes. Apenas alguma vez achará isto desculpa na edade provecta ou no reconhecido merecimento do orador; comtanto-que sempre o tempere com alguma prudente modificação.

#### § 321

Fuja emfim, 6.º, da declamação immodesta e desinvolta; a qual, sendo indecente em qualquer orador, mais reprehensivel é naquelle que, por seus annos, merecimento e experiencia, sobresái. Em verdade que esta descompostura e descomedimento da voz e do gesto, dando a ver grossciros costumes, não só quebra as leis da cortezia, senão que muitas vezes descobre um altercador desacompanhado de razões, e desconfiado da justiça e bondade da sua causa.

# § 322

Passando ás pessoas dos ouvintes, segundo a condição e character d'elles se ha de variar o discurso: não será elle ante um principe o mesmo que ante um magistrado; nem o mesmo ante uma assemblêa respeitavel que no ajunctamento do povo; nem ante um corpo militar o mesmo que entre gente rustica. Qualquer porém que seja a classe do auditorio, seja para com elle sempre urbano e civil o orador; sendo porém um congresso distincto pola educação, litteratura, ou auctoridade, releva tractar-so ainda com respeito e acatamento. A um similhante auditorio não se apresente jámais o orador sem a devida preparação; vá munido do indispensavel estudo do assumpto.

# \$ 323

Agora, quanto ás pessoas sobre que versa o discurso, comquanto deva elle variar, segundo o character do individuo fôr honesto ou odioso; todavia, seja qual fôr, bom será que em todo o discurso respirem os sentimentos de humanidade, doçura, moderação e benevolencia. Mas tambem, se as circumstancias o pedirem, não empecerão á bondade do orador os sentimentos contrarios, como o odio aos máos, a vingança do crime, a desafironta das injurias, etc.; do geito, porém, que pareça recorrer a esses meios, não por gosto, senão violentado (§ 62).

# § 324

Tambem para o logar e tempo ha certas leis de decoro. O tempo ora é alegre, ora triste; agora largo, agora estreito: e com todas estas circumstancias têm de se conformar o orador. — Assim, quanto ao logar, muita differença faz o falardes no publico, ou no particular; no froquentado, ou no escuso; na vossa terra, ou na extranha; no campo, ou no foro; nas côrtes, ou no templo: cada uma d'estas circumstancias pede sua fórma e modo de eloquencia particular. — Resta vêr agora o que ainda ha que dizer sobre a conveniencia dos pensamentos e das palavras com a materia.

#### CAPITULO XXI

# Das varias fórmas d'elocução ou estylos

ĺ

#### DA NATUREZA E DIVISÃO DO ESTYLO

# § 325

É pois mister que passemos a tractar do estylo. Na accepção primordial, significou esta palavra o poncteiro com que os antigos escreviam; depois veiu a tomar-se pola mesma escriptura; e d'aí pola maneira particular per que cada um se exprime, falando ou escrevendo. E assim, em qualquer genero de discurso, estylo é — a fórma d'elocução que de certos pensamentos e palavras toma o discurso, todo ou em parte. Poronde a lei fundamental do estylo é a sua conveniencia com a materia.

#### § 326

Sóe porém considerar-se o estylo, já emquanto ao maior ou menor numero do palavras per que se exprimem os pensamentos: já quanto á natureza e collocação das mesmas: polo que ou é relativo á quantidade ou á qualidade. No primeiro sentido, segundo o genio das antigas nações gregas, quatro estylos se distinguem, — attico, asiatico, rhodio, laconico: — na segunda consideração, attendendo aos officios do orador, a mór parte dos rhetoricos faz tres generos d'estylo, — tenue, temperado, nobre; — cada um dos quaes comprehendo várias especies e denominações; que indicaremos, já nas definições, já nos dotes ou virtudes, dos mesmos tres generos.

Estylo attico é — o modo de dizer preciso e irreprehensivel nos pensamentos e nas palarras: — compoi-se este de pensamentos finos e delicados, e d'uma phrase limada, polida e depurada de palavras e ornatos improprios; similhante á fonte pura, que nada têm de heterogeneo. — 0 asiatico porém, á maneira do turvo e caudal torrente, é empolado, vão, e mui sobejo em palavras prolixas e pensamentos superfluos e ornatos execssivos. — O rhodio, como o placido tanque, é o médio entre o attico e o asiatico; de-sorte-que nem têm a redundancia d'este, nem eguala a precisão d'aquelle. — O laconico, emfim, é tam conciso e apanhado, que quasi se torna inintelligivel; qual o pequeno ribeirinho. - D'estes o melhor é sem-duvida o attico, e depois d'elle o rhodio: os outros dois, como extremos, sam na generalidade viciosos. Sim, apenas em um joven se póde tolerar o asiatico; apenas em algumas cartas têm ás-vezes logar o laconico. Observareis todavia quo de todos elles se serviu Cicero; poisque nas Catilinarias e Philippicas chegou quasi a tocar o atticismo; em algumas das suas cartas familiares o laconismo; a fav. de Roscio o asiatico: nos demais discursos o rhodio.

# § 328

Vindo agora á segunda divisão, o estylo tenue (chamado tambem simples, infimo e subtil), contentando-se com palavras proprias, claras e expressivas, despreza os ornatos exquisitos; porque, sendo seu officio o instruir, ama só um singelo asseio; qual a simples pastora, ataviada de flores, mas sem adereço de diamantes. Exemplo tendes em Virg. Ecl. I, 20):

A cidade que Roma se noméa Louco a julgava eu similhante à nossa, Para onde, Melibco, os pegureiros Muitas vezes levamos tenros anhos. Assim ao cão o filho assimilhava, A mãe o cabritinho ; e co'as pequenas As grandes coisas comparar sola.

E em Sousa, Vida do Arceb. L. I, C. 2.º: De muitos sanctos lemos que o começaram a ser ainda no berço. Assim madrugava n'este menino a inclinação ás coisas de religião e da egreja.

# § 329

Estylo temperado (ou ornado o flórido) é o medio entre o nobre e o tenue; de-modo-que, mais rico do que este e mais moderado e doce do que aquelle, veste-se de todas as galas da eloquencia; rejeita porém as figuras mais vehementes, porque põi sua mira no deleite; similhante a uma ribeira crystallina e, per uma e outra margem, assombrada de verdes arvoredos. D'este genero d'estylo nos offerece um excellente exemplo o poeta de Venusa (Od. L. II, 3. Trad. de Elp. Dur.):

Onde o gran'pinho e o branco chopo folgam Sombra hospedeira receber nos ramos, E no torcido arroio a fugaz lympha Com murmurinho corre.

E o nosso epico (Lus. C. IX, 54):

Tres formosos oiteiros se mostravam Erguidos com suberba graciosa, Que de gramineo esmalte se adornavam Na formosa ilha, alegre e deleitosa; Claras fontes e limpidas manavam Do cume, que a verdura têm viçosa Per entre pedras alvas se deriva A sonorosa lympha fugitiva.

# \$ 330

Finalmente, o nobre ou grande (denominado tambem robusto, vehemente e, pela mór parte dos rhetoricos, sublime) serve-se de toda a sorte de palarras animadas, graves e valentes, e proprias para engrandecer a sublimidade dos pensamentos e a força dos affectos. Um tal estylo pois,

azado para mover, empregando os tropos mais atrevidos e as figuras mais energicas, arrasta o ouvinte, ainda o reluctante; como o rio caudaloso e arrebatado, que revolve os rochedos, enfurece-se contra as pontes, e faz, peronde quer, as margens. Tal é a imprecação de Dido moribunda (En. IV, 625):

Das cinzas minhas nasça quem me vingue, E a ferro e fogo os dárdanos persiga, etc.

E este passo de Jacinth. Freire (Vida de D. João de Castro, L. III): Os grandes feitos que os portuguezes obraram neste dia, o Oriente os diga: eu cuido que da illustre Diu lhe' será cada pedra um epitaphio mudo.

# § 331

È porém de advertir que cada um d'estes tres generos d'estylo é susceptivel de muitas gradações ou matizes. Porque o tenue ora será mais, ora menos, subtil; o grande mais ou menos robusto; e o temperado já subirá ao sublime, já descerá ao singelo. Assim, ha no mesmo genero uma infinidade de especies ou variações, que entre si têem alguma differença, ainda-que mui pequena e tal que se não pode facilmente assignar: assim-como na pintura uma e a mesma cor passa do claro ao escuro, ou ás avessas, per meio de innumeraveis gradações, ás-vezes, insensiveis. E não ha duvida que estas fórmas e tons de elocução se devem de accommodar assim á materia (§ 325), como a qualquer parte maior ou menor do discurso; sendo que tambem respeita ao orador, e a qualquer que fala ou escreve, aquelle preceito que aos poetas prescreve Horacio (Epist. aos Pis. v. 86, Trad. de Cand. Lusit.):

> Pois com que fundamento por poeta Quero ser respeitado, se não posso É se não sei usar dos differentes Characteres e estylos dos poemas?

(e no v. 96):

Dé-se a cada poema o seu decente Logar.....

Mais: os tres generos d'estylo distinguem-se por varios dotes, em parte proprios de cada um, em parte communs a todos tres. — Designam principalmente o tenue a agudeza, a perspicuidade, a singeleza, a precisão; postoque a luz da perspicuidade deve brilhar em todo o estylo; e os dois ultimos dotes sam geitosos para exprimir tanto um objecto familiar e ordinario como um sublime. Sim, o pensamento sublimo não precisa de lustre exquisito; e, sendo ordinario, não o admitte; assim a um e outro convêm a singeleza. Tambem devemos ser parcos nas palavras, quando os objectos sam tammanhos e tam extraordinarios, que em certo modo per si mesmos falam; ou tam vulgares e de tam pouca monta, que pouco basta dizer ácerca d'elles: em ambos os casos, pois, está bem a precisão. — Os dotes do estylo temperado sam a docura, a graca, e todas as bellezas que excitam sensações agradaveis em quem le ou escuta. — Charaterizam o nobre e grando a gravidade, a riqueza, a força, a energia, a vehemencia, e tudo o mais que pode despertar as paixões e a admiração.

# § 333

Haja porém cautela não venham estes dotes e degenerar em vicios. Certo é que, se ao orador fallece a arte e o gôsto, o estylo simples cairá no baixo, i. é, inferior á dignidade dos objectos; e no arido, que não têm succo nem ornato algum. Polas mesmas causas, o ornado e flórido sairá ora brincado ou nimiamente enfeitado; ora pueril e sem interesse, brilhando com florinhas que cáem ao mais leve toque. Assim, póde tambem o grande degenerar em inchado, o robusto em duro, o sublime em despenhado, o vehemente em furioso. Ha em tudo certas raias fóra das quaes não póde existir a virtude ou o bello ideal e moral: poronde, assim nisto como em tudo o mais, o caminhar pelo meio e de ordinario o mais seguro.

# \$ 334

Mas, assim-como cada homem têm sua physionomia propria, assim têm sua maneira de dizer particular; de-sorteque, se não tiver assás firmeza para, sem constrangimento, a seguir até certo poncto, e se andar só nas pisadas d'outrem, não poderá jámais falar nem escrever bem: nada se ha de dizer, nada escrever, repugnando o genio. Releva porém que o orador melhore e, a-todo-poder, aperfeiçõe seu estylo; o que poderá conseguir, empregando os seguintes meios, que sam os principaes: 1.º o contínuo e desvelado exercicio de compôr; 2.º a familiaridado com os melhores escriptores; 3.º a confrontação do seu estylo com o d'elles. D'est'arte, formará elle o gôsto, desapprovando, á vista do melhor, o seu modo de dizer que d'antes lhe agradára; bem-como se despreza a falsa purpura, confrontando-a com a verdadeira.

П

DO USO DO ESTYLO

# \$ 335

E, pois-que as palavras sam como o trajo dos pensamentos e a elles se devem de ajustar como ao corpo o vestido, regrar-se-á o estylo de modo que as coisas pequenas appareçam exprimidas no singelo, as medianas no temperado, as graves no grande e nobro. Força é, portanto, ver qual dos tres estylos arma a cada genero de discurso; advertindo porém, primeiro que tudo, que embora em qualquer obra predomine, em geral, uma só fórma; deve esta variar, comtudo, segundo a diversidade dos objectos e dos pensamentos.

A conversação familiar o as cartas, que d'ella sam imagem, requerem o estylo tenue e singelo; pois o que ha que dizer sobre objectos familiares, de sua natureza varios e triviaes, convêm porcerto enunciar-se em phrase breve e simples. Aqui pois os longos circuitos de palavras, a collocação muito apurada, e os enfeites brilhantes, devem de evitar-se. Quando porém neste genero de discurso se tractar d'algum objecto maior, levantar-se-á o estylo; como noutro logar (§ 303) advertimos. — A mesma fórma de elocução simples e natural se dará nos commentarios ou memorias, nos dialogos, e no discurso didactico, em prosa; porque, sendo um poema, pertence-lhe o estylo médio; do qual nos offerecem o mais bem acabado modelo as georgicas de Virgilio. — Mas sobre o estylo poetico, que varía com os differentes generos de poesia, lá se dam as regras no livro respectivo.

# § 337

A historia demanda, sim, um modo de dizer temperado, mas ao mesmo tempo grave, qual convêm á que é luz da verdade e mestra da vida: e ás vezes, maiormente quando ella refere os grandes feitos dos grandes heroes, deve elevar o tom. E, quando nella entram descripções de paizes e de outros objectos agradaveis, estar-lhes-á bem uma elocução mais amena e flórida; nunca porém affectada, mas natural.

#### § 338

No discurso oratorio, emfim, ha de variar o estylo segundo o genero de eloquencia, assumpto, e partes do mesmo discurso. — Na eloquencia judicial, não se ha de falar sobre uma causa capital do mesmo modo que em uma de estillicidio: sendo que esta pede uma fórma de elocução ora temperada, ora mais subtil; aquella, mais gravi-

dade e vehemencia. -- Aos discursos da tribuna e do pulpito, bem como a todos aquelles em que se tractam assumptos de mór importancia, ou em que o orador se esforca em mover os animos, quadra o estylo grande e robusto. - Ao exordio está bem o tenue, mas ao mesmo tempo apurado; de geito que os pensamentos não sejam nimiamente ingenhosos, nem as palavras nimiamente ataviadas, nem a collocação nimiamente trabalhada; senão que em tudo respire a modestia. Porque, no começo, tudo o que é artificio parece que se encaminha a enganar os ouvintes; quando o orador os não tem conciliado ainda, e a fresca attenção d'elles o está espreitando. - Na proposição e partição empregue-se o estylo simples: em 8 narração o médio, enfeitando-a com todas as bellezas que nella cabem; porque o auditorio accredita mais facilmente aquillo em que acha agrado. — A confirmação compete o subtil; de modo que a pureza e perspicuidade da phrase vá acompanhada da força e ardor, como de um soldado no conflicto. — A peroração, emfim, onde o orador espera a victoria e o triumpho, demanda uma fórma d'eloquencia nobre e sublime.

# QUARTA PARTE

## MEMORIA

#### CAPITULO XXII

Da importancia e subsidios da memoria

§ 339

Escripto o discurso, todo trabalho que até af teve o orador será inutil, se elle não retiver na memoria, que é como o thesouro da eloquencia, aquillo que têm de dizer ao auditorio. Força é, pois, que tam profundamente deposite no espirito os pensamentos, as palavras e a sua ordem, que possa apresentar todas estas coisas aos ouvintes. Esta é a memoria, considerada como operação do orador (§§ 12 e 16). Não basta porém só reter com firmeza o que houverdes meditado ou escripto, seguindo o encadeamento das idêas e das palavras; senão que é forçoso recordar tambem o que tiver dicto o adversario, para que se possa refutar opportunamente e nos proprios logares: muitas vezes é isto preciso nos discursos da tribuna e nas causas forensos.

§ 340

preparação; o que só se póde effeituar, havendo tal viveza d'espirito que possa com rapidez conceber muitas idêas, apoderar-se facilmente d'ellas e retel-as fielmente. Poronde, emquanto dizemos uma coisa, é necessario cuidar na que lhe ha de succeder: e assim a nossa cogitação têm de se adeantar além da idêa que a occupa; e o que de caminho acha, guarda-o na memoria: ésta depois, como uma fiel depositaria, entrega á elocução o pensamento que da invenção recebêra. Prestando taes officios a memoria, ninguem ha que perfeitamente não conheça quanto ella seja util, antes indispensavel, no orador. Até-mesmo com ella se grangêa a fama d'um ingenho prompto e vivo; parecendo que o orador não trouxe de casa o que diz, senão que immediatamente o tomou do logar em que está orando.

## § 143

Comquanto porém a memoria seja um dom natural, não ha dúvida que, assim como todos os outros, póde ella per meio d'alguns preceitos ajudar-se e engrandecer-se. Conhecendo isto, já os antigos ensinaram mnemonicas; sendo, segundo é fama, Simonides o primeiro que deu uma arte; a qual outros depois illustraram. Os preceitos d'esta arto (entre os antigos) têem por fundamento logares e imagens; os logares representam o papel, as imagens ou symbolos a escripta. A práctica é esta. Escolhe-se um logar o mais espaçoso, e assignalado por uma grande variedade de objectos; por exemplo, uma grande casa, repartida em muitos aposentos. Tudo o que nella ha notavel, fixa-se bem no espirito, até-que a cogitação possa percorrer todas as partes e objectos da mesma casa sem trabalho e num momento. Depois, aquillo que qualquer escreveu ou têm de cór, marca-o per meio de imagens, que lh'o representem e recordem: quer, per exemplo, falar da navegação, toma por signal uma anchora; quer falar da guerra, toma por signal uma espada, etc. D'al, assignala o primeiro poneto do seu discurso no portico da casa; o segundo no atrio; e seguidamente os outros nas salas e nos quartos. Feito isto, quando quer recordar-se,

começa a passar em revista com o pensamento aquelles logares; e, exigindo de cada um o que lhe confiou, as imagens ou signaes o advertem e lh'o recordam. Quinctil.

## § 342

Depois, pelo decurso dos annos, appareceram innumeraveis mnemonicas, algum-tanto differentes, assim d'aquella antiga como umas das outras. Ao methodo dos logares e imagens accresceu o dos numeros; e estes tres elementos variaram segundo as diversas escholas, de-modo-que em uma predominava este, noutra aquelle. Nos tempos modernos porém, tanto em outras nações como entre nós, começaram de predominar os numeros; sendo a base d'esta mnemonica uma phrase ou palavra sacramental (que qualquer póde formar para si), cuja primeira ou primeiras syllabas recordem um facto de que nos queiramos lembrar, e as ultimas o tempo em que elle aconteceu (\*).

(\*) Hoje, segundo o systema geralmente seguido, e que o meu carissimo collega, o Sr. Doutor Doria, abraçou nos seus Principies de Mnemonica, bem-como nos seus o Sr. Castilho; consiste a mnemonica em representar os algarismos — 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 — per articulações ou consoantes, fixas e determinadas; sabendo com promptidão substituir a consoante ao algarismo, ou este áquella. Para melhor prender á memoria as consoantes representativas dos dez algarismos, offerece cada um d'aquelles litteratos dois versos que per ordem os representam: o pensamento dos do segundo é relativo a Sancto Antão, eremita, na gruta do deserte, com as disciplinas em punho, ao pó de si a ampulheta e a sepultura aberta, para se lembrar da brevidade da vida e da certeza da morte. Eis os versos:

— Qual é o tou mundo, Antão, e o tou viver qual é? Um agoite na mão, relogio e cova ao pé. —

As consoantes do segundo verso, que se aproveitam para symbolizar os algarismos, sam — ç, t, n, m, r, l, g (soando j), c, v, p, — : desprezam-se as vozes ou vogaes, bem-como o m no monosyllabo Um, primeira palavra do segundo verso; porque o m (e assim o n), quando pertence á vogal antecedente, não dá som articulado. Para mais se facilitar o estudo mnemonico, e porque restam ainda oito articulações para as quaes já não ha

#### § 343

Não negamos, com-effeito, que estas e outras similhantes mnemonicas tenham algum prestimo: como para repetir

algarismos, têem-se ellas como equivalentes ás que ficam indicadas; e isto pela maneira que se vê na tabella seguinte:

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
ç	Į.	n	m	г	1	g	С	₩	p
s	d	nh			lh	j	g	f	b
z						ch	q		
				_	_	x			

Advirta-se que o g, symbolo de 6, soa como j: e o g, symbolo

de 7, soa como que.

Pósto isto, para se traduzir em algarismos uma ou mais palavras, deve-se reparar nas consoantes; e, suppondo-as algarismos, exprimil-as, como se fossem numeros. Exemplo: Lisboa, que têm as consoantes L. s, b, vale como — 509 —; Porto, em que ha P, r, t, corresponde a—941,—etc. Quando pois quizermos reter na mente uma éra ou certo numero de graus de longitude ou de latitude, ou qualquer outro numero, o artificio está em formar uma phrase que prenda á memoria o pensamento d'essa éra ou grau, etc.; de-modo-que a ultima ou ultimas palavras da phrase tenham as consoantes que, traduzidas em algarismos, dêem a éra, grau, etc. Esta palavra chama-se, em linguagem mnemonica, sacramental. Assim, querendo, por exemplo, retor na memoria a data da fundação da nossa monarchia, formaremos esta phrase, ou qualquer outra analoga:

Nos tres ultimos vocabulos está a phrase sacramental, que contêm as consoantes—d, t, m, b,—as quas, symbolizando os algarismos — 1, 1, 3, 9, — nos dam a data da fundação da monarchia em 1139. Daremos também aqui o exemplo da phrase, for-

<sup>—</sup> Na hatalha de Ourique tem a fundação da monarchia portugueza uma data mui boa. —

per ordem muitos nomes de coisas ou pessoas, ou para recordar varias series de annos e outros numeros. Mas para apprehender de cór todos os pensamentos d'um discurso seguido, certo que de pouco servirão ellas. Os infinitos logares e imagens a que teriamos de recorrer, com dobrado esforço da memoria, haviam de interromper necessariamente o fio do nosso discurso; pois como podoriam as palavras correr seguidas e convenientemente ligadas, se para cada uma tivessemos de consultar a fórma que a representa? Deixemos portanto essas regras; observemos outras mais singelas e proveitosas.

## § 344

Em-verdade-que o melhor meio de ajudar a memoria é o continuo e longo exercicio. Coisa nenhuma tanto como a memoria se augmenta com o uso, ou se perde com o descuido. Deveis pois decorar muito, meditar muito, e todos os dias, so vos for possivel; e, já pelo tracto familiar com os eruditos, já pela continuada licção dos melhores livros, enriquecer a memoria, assim de pensamentos espirituosos e delicados como de palavras e phrases as mais proprias e mais polidas.

mada pelo Sr. Castilho, para conservar na memoria a data da fundação de Roma; é esta:

— Mal cuidaram Romulo e Remo, ao odificarem a cidado do sou Marte, quo estavam fundando para a Egreja Christa a mais firme columna.—

Desprezando o m, pela razão acima dada, achamos na palavra sacramental as consoantes — c, l, n — ; que representam os algarismos — 7, 5, 2 — ; e por conseguinte a data da fundação do Roma em 752 antes de Christo, segundo alguns chronologos. — Já per estes exemplos se vê de quanto prestimo é a mnemonica para reter qualquer numero : não o é porém assim para um discurso seguido. (Vêde o § 343).

#### § 345

Agora, para facilmente decorardes e reterdes o discurso que escrevestes ou que só tendes meditado, dois meios ha mui efficazes. O 1.º é a ordenada distribuição dos pensamentos (Cap. XI); sim, quando as partes e particulas d'um discurso estão bem dispostas e estreitamente ligadas, tam prêsas ficam entre si, que um pensamento chama á memoria outro, e nenhum se póde subtrahir, nem inserir outro no contexto, sem que logo se perceba.

## § 346

Por uma razão similhante, será muito util a exacta collocação das palavras; que é o 2.º meio. Pois, quando as palavras se acham bem collocadas, o seu mesmo encadeamento guia a memoria; sendo que, assim-como decorâmos mais facilmente o verso do que a prosa, assim-também decorâmos melhor a prosa bem ligada e harmoniosa do que a desatada e dissonante. Tam naturalmente nos enleva a musica e harmonia! (§ 300).

### § 347

Emfim, se vos favorecer a memoria e não faltar o tempo, assim decorareis todas as palavras do vosso discurso, que nem sequer uma syllaba vos escape: aliás, excusado fóra o escrevél-o. Se porém a memoria fór por natureza dura o infiel, ou o tempo estreito, inutil será prender-vos a todas as palavras; porque basta o esquecimento d'uma, para vos trazer ou um ingrato enleio ou, ainda, uma vergonhosa mudez. O mais seguro é então assenhorear-vos bem dos pensamentos, reservando para o acto da declamação a liberdade de os exprimir pelas palavras que lá occorrerem.

# QUINTA PARTE

# DECLAMAÇÃO

## CAPITULO XXIII

#### Regras sobre a declamação

## § 348

Eis-nos, pois, chegados á ultima operação do orador. vejamos porque maneira deve elle apresentar aos ouvintes o deposito que a memoria lhe ha guardado. É o que se chama declamação: i. é,—a conformação da voz e do gesto com os varios pensamentos e palavras do discurso:— parte esta que, em verdade, nelle é d'nma energia e influencia maravilhosa. Pois nem as provas sam tam valentes que não percam sua força, não sendo animadas pelo tom asseverativo do orador; nem as bellezas se tornam tam sensiveis; nem o movimento das paixões póde ser vigoroso, se não tomar calor das intoações da voz e da acção de todo o corpo.

## § 349

Duas sam, pois, as partes da declamação, — a voz e o gesto:—aquella fere os ouvidos, este os olhos; que sam os dois principaes sentidos per onde todo o pensamento cála no animo do ouvinte. A lei fundamental d'uma e outra

parte é a sua justa conformidade com a natureza dos pensamentos e de todo o discurso, e com as pessoas e circumstancias. Mas para isso, em ambas as partes se requerem varios dotes; e, para que estes mais a lume venham, falaremos de cada uma d'ellas separadamente.

DA VOZ

§ 350

Primeiro que tudo, releva que a voz seja — clara, agradavel, concertada. — Clara será a voz: 1.º, se todas as palavras e todas as syllabas se articularem espevitadamente; não tanto, porém, que pareça que se vam contando as lettras; que isso sería fastidioso e abhorrecivel. 2.º Se a pronunciação for distincta pelas pausas finnes e pelas suspensões parciaes; de-modo-que, onde ha maior differença de sentido, i. é, onde termina o pensamento total, a voz descance, colhendo toda a respiração: onde porém a differença for menor, como nos sentidos parciaes, se suspenda um pouco a voz, assim para se tomar algum fôlego como para dar aos ouvintes algum tempo de meditarem.

## § 351

Para ser agradavel e corteză, é mistér: 1.º que imite a fala dos polidos da corte (§ 164), de sorte que nella não soe rusticidade nem peregrinismo algum; sendo certo que os homens se distinguem uns dos outros pelo som da voz, como pelo tinnir os metaes: 2.º que não sáia violentada, senão livre, facil e com certa suavidade; não effeminada, mais viril e natural: 3.º que seja firme e constante, sem comtudo se afastar do som conveniente.

## § 352

Será, emfim, concertada, se for opportunamente variada segundo os differentes logares, pensamentos, affectos, pessoas e partes do discurso: de-maneira-que umas vezes seja elevada, outras abatida: ora grave, ora aguda; já branda, já vehemente, etc. A esta variedade se oppoi a monotonia ou esse tom unisono e desagradavel que faz murchar toda a belleza e donaire do discurso.

## § 353

Assim, quando declamardos em um logar extenso e espaçoso, soltareis uma voz mais alta, para que possa ser facilmente ouvida por toda a assemblêa; em um logar estreito ou menos largo, mais abatida. — Na enunciação dos grandes pensamentos ou sôbre assumptos importantes seja a voz majestosa: nos baixos submissa; nos mediocres moderada. — A cholera demanda uma voz aspera, aguda, cortada a miudo pela respiração: o amor o a mansidão, branda: a compaixão e a tristeza, chorosa, interrompida: o prazer e alegria, chêa e fluente: o medo, abatida: o atrevimento, alta o elevada.

## § 354

Ante um congresso polido e civilizado a voz deve ser mais suave: ante rusticos, mais dura e vehemente: nunca porém clamorosa; senão tal que pareçamos falar, não ladrar. — A um orador esclarecido por suas acções, ou respeitavel por seus annos, está bem uma voz mais grave e socegada; a outros, mais moderada e mais submissa.

## § 355

Tambem cada parto do discurso pede seu tom de voz.

No exordio empregue o orador uma voz submissa e vergonhosa; excepto se tiver de mover algum affecto pathetico: e não dispare logo as palavras, mas demore-se per um breve espaço, como fixando o pensamento, para se tornar senhor de si e dispor-se para orar. Na proposição e partição seja a voz singela e bem clara, quasi como a da conversação familiar: a mesma deve ser em a narração; salvo se outra demandarem as paixões que tenhais de excitar, em razão dos factos que expozerdes. Na confirmação, mais forte e energica. Na peroração, emfim, mais elevada.

#### § 356

Finalmente, não só nos periodos e nas phrases se deve de variar a voz; senão também cada palavra so ha do, ás vezes, emittir com seu tom. Porque uma e a mesma palavra, mudando-se a pronunciação, ora indica simplesmente a idêa do objecto, ora aflirma, ora nega, ora pergunta, ora exprime admiração, ora indignação, etc.

#### no CESTO

#### § 357

Deve o gesto acompanhar a voz e abrir com ella os varios conceitos do espirito. Gesto é — a conformação do movimento do corpo com os pensamentos e palavras: — e as leis geraes, per onde elle se ha de regular, sam estas: 1. Não seja elle effeminado, nem muito exquisito, nem demostre affectado esmero e arte. 2.ª Não se divise rudeza nem grosseria; para que, fugindo do melindre, não venhamos a caír no contrário vicio da rusticidade. 3.ª Esteja o corpo direito, sem todavia parecer immovel como uma estátua; nem tambem so agite com movimentos muito amiudados, vehementes e descommedidos.

## § 358

Quanto porém ás regras particulares da acção, respeitam ellas principalmente á cabeça, semblante, olhos, braços e mãos.—A cabeça tenha-se alta e erguida; não cabisbaixa, nem virada para-trás: se-bem-que nisto mesmo se ha de guardar seu modo. Porque, se, per um lado, a cabeça hirta e immovel denota barbaridade ou arrogancia; per outro, abatida, póde ás vezes mui bellamente significar a tristeza, a magua, o pezar e outros affectos.—Nisto porém o que mais domina é o semblante; o qual, segundo a natureza dos pensamentos e affectos, vos offerecereis já alegre, já triste; agora brando, agora ameaçador, etc.

## § 359

E, no semblante mesmo, a major viveza da acção está nos olhos, que sam como os ministros da alma e os indicadores do pensamento; pois-que, ainda sem se moverem, com a alegria parece que brilham, e com a tristeza so anuviam e deslumbram. — Levantados ao céo, indicam elles o homem posto em oração a Deus: quasi cerrados, descobrem o animo entregue á meditação: fitos num logar, significam o pasmo e assombro: abatidos, revelam a modestia e o pudor: voltados para outra parte, manifestam a negação ou o tedio e abhor recimento. E todas estas differentes posturas devem de ageitar-se aos pensamentos e ás palavras.

#### § 360

Os braços não se pendurem desconcertados, nem se extendam em demasia, excepto na maior vehemencia da paixão; sirvam, sim, ás mãos livre e concertadamente.

— As mãos porém tanto se avantajam na acção aos outros membros, que (como diz Quinctiliano) não só ajudam a quem fala, senão que até em certo modo falam. Porventura não parecem ellas pedir? prometter? chamar? despe-

dir? ameaçar? supplicar? abominar? temer? perguntar? negar? etc. Mas tambem o seu movimento está subjeito a certas leis.—1.ª Seja elle parco na entrada do discurso; e pronuncie-se, ordinariamente, sem gesto algum de mãos o primeiro periodo do exordio: logoque o discurso comece a tomar calor, amiude-se tambem a gesticulação; nunca seja porém descomedida. 2.ª Não se eleve a mão acima dos olhos, nem desça abaixo do peito; excepto nos maiores transportes das paixões. 3.ª Parta o meneio do lado esquerdo para o direito; terminando neste, como quem repousa, e não de golpe. 4.ª A esquerda quasi nunca gesticule só: amolde-se de ordinario, á direita.

E isto baste sobre a declamação. O que resta ainda, tanto em relação á voz como pelo que toca ao gesto, fique para o exercicio: que a este e ao favor da natureza muito

mais se deve que aos proceitos da arte.

# APPENDICE

Em que se efferecem per extenso os exemplos que, no compendio, se indicaram em cada uma das partes maiores do discurso oratorio. Antecede-os o

Discurso de Diogo de Almeida dissuadando o governador de Din de dar batalha aos turcos

As pequenas forças que hoje temos sam formidaveis a nossos inimigos, emquanto as não conhecem, porque toda a Asia avalia nosso poder pelas victorias, mais que pelos soldados; de-sorte-que só a fama das coisas passadas nos conserva as presentes. Têm v. s.º juncto nesta armada todo o poder da India, com que apenas podemos contar dois mil portuguezes: e tentamos estremecer o mundo com brado tam pequeno | Esta arvore do estado, de cujas ramas pendem tantos trophéos ganhados no Oriente, têm as raizes apartadas do tronco per infinitas leguas; convêm que a sustentemos, arrimada na paz de uns e no respeito de outros. Nunca podemos responder ao que so espera de nossas forças junctas; porque uma victoria pouco nos accredita, e um só estrago nos acaba. Temos a nossa fortaleza soccorrida: de que serve em uma chaga já curada esperdiçar o remedio das outras? Que nova prudencia nos ensina aventurar em uma só batalha o que se têm ganhado

em tantas victorias? Temos poder para nos conservar, inteiros; não temos forças para nos reparar, perdidos. Nenhum grande soldado deu batalha campal, senão necessitado; porque o destroco costuma ser egual; só fica com o victorioso o campo e a fama inutil. De Diu não queremos nem podemos ter mais que a fortaleza; pois com que furia cega tornâmos a comprar com o nosso sangue o mesmo de que somos senhores? Que novos povoadores temos para habitar a ilha? De que parte do mundo podemos trazer outros, que deixem de ser mouros ou gentios, de fé tam incerta com o estado como estes que agora nos offendem? Vamos a pelejar com turcos e com mouros, superiores em numero, eguaes em armas e disciplina: se tivermos um successo adverso, não temos salvanão, porque a terra é sua; se o alcançarmos próspero, cenhum fructo tirâmos da victoria. Com armas navaes conquistámos a India, com ellas a havemos de conservar; porque temos a vantagem dos vasos e da marinharia. Se não queremos vencer senão em batalhas, arrasemos as no ssas fortalezas, derribemos os muros das cidades. Se me d zem que é honra ao estado arruinar por offensa um reinio, já estivera despovoado o Oriente se todos os que nos fizeram guerra recebessem o ultimo castigo. Porventura accusaremos a Affonso de Albuquerque, porque, depois de soffrer tantas hostilidades e enganos dos reis e governadores de Ormuz, o não deixou abrazar? Perderá aquello grande fama que mereceu na terra, porque nas offensas e cavillacões do Samorim não deixou o Malabar destruido? Maculará Nuno da Cunha aquelle illustre nome, porque depois das traições de Badur não fez guerra a Cambaja? Iremos destruir ao turco pelo atrevimento com que cercou o bachá a nossa fortaleza? Apresentaremos nossas armadas contra o Achem, porque tantas vezes assaltou Malaca? Metteremos a logo e sangue este Hidalcão, por nos tolher cadadia os mantimentos, e inquietar as terras de Bardés e Salsete? Que desesperação nos arrasta a offerecer a garganta do innocente estado ao cutello inimigo? Esta armada tam espantosa nas apparencias, e no poder tam debil, é frêo a kumeção, aos nossos muro: porém, desembarçados em urra estes poucos soldados, abrirá o Oriente os olhos ao

segredo de nossas forças; e todos estes principes trabalharão por romper a fraqueza das prisões em que os temos atados. Gloria foi do imperio romano vencer muitas batalhas Quinto Fabio Maximo; depois foi salvação excusar uma. Os primeiros conquistadores nos fizeram a casa, a nós só toca o conserval-a. Se na oppugnação de Diu perdeu o inimigo um exercito, que falta a esta facção para victoria? e que para castigo? A offensa intenta-se com forças eguaes; a vingança com muito superiores, porque não se ha ir satisfazer um aggravo com risco de nova injuria. Mórmente que em nada têm a fortuna maior imperio que nas coisas da guerra; alcançam-se muitas vezes as victorias per leves accidentes, e per outros se perdem. Será pois justo deixar na contigencia de um successo o sceptro oriental, com espanto e inveja das gentes fundado sobre tantas victorias? Se perdemos esta armada onde está juncto todo o poder da India, que thesouros poupados têm sua alteza para nos mandar outra? Começaremos a rogar ou a conquistar de-novo os principes da India; tornaremos á sua infancia este imperio já encanecido; viveremos na cortezia das coroas que temos offendido, ficando creaturas miseraveis d'aquelles de quem somos senhores.

JACINTHO FREIRE, liv. 2 °

Exordio directo de Camillo Porcio ao papa Leão X em louvor da tomada de Malaca

Se em algum tempo, beatissimo padre, teve o povo christão razão de dar graças ao Senhor, e ter em muito o esforço e valentia sua, por coisa esforçadamente commettida e felicemente acabada; este anno é para isso o mais commodo ensejo que atégora houve; em o qual o Senhor Deus, pola muita misericordia que de seu povo houve, lhe quiz accrescentar prazeres com novos prazeres,

e prosperidades com novos contentamentos communs. Porque, alêm de pôr a v. sanctidade este anno na maiestade do throno pontifical, mais por universal proveito da christandade, que por particular algum de sua pessoa (pois fez a v. sanctidade com isso grande refugio e remedio para coisas quasi perdidas, e, ardendo todo o mundo em guerras, para que com mais alegria fosse festejada sua nova eleição,) neste mesmo tempo deu ao muito poderoso e muito felice e invictissimo rei. D. Manuel, de Portugal, tantas e taes victorias e triumphos de seus inimigos, que facilmente se póde crer pelejar o Senhor por nós; e d'esta insigne batalha, que em seu nome se deu, haver-nos dado signal, para-d'aqui-per-deante termos confiança que nos dará victorias assignaladas, se quizermos usar do esforco naturalmente nosso, tam nomeado e temido entre gentes barbaras.

Porventura haverá alguem que possa cuidar serem obras das mãos de homens as novamente feitas polos portuguezes na India, tendo por capitão o esforcado Affonso de Albuquerque? tantas, tam ricas e fortes cidades, entradas por força de armas? tam varias nações vencidas? tantos novos subjeitos em batalha? e com desegual numero de gente, ficando sempre vencedores em todas as coisas a que pozeram peito? É com isso fizeram tributarios muitos reis, subjeitos com armas portuguezas; e os a que não chegou o perigo da guerra, por de-todo estarem seguros d'ella, vieram, ou mandaram per seus embaixadores, com muita instancia, pedir paz e altiança. E por esta razão é a nobreza d'estas victorias mais excellente: por não serem nomeadas pelo estrago e mortandado, que se em os inimigos fez sómente, mas pelo esforco notavel portuguez, com que foram ganhadas; a que assim Deus favoreceu. que victorias presentes pozessem em esquecimento as passadas: de maneira que sempre os despojos de uma alcancassem os da outra, e com elles ficassem vencidos tantos reis, e alliados todos os demais que não querem experimentar a valentia portugueza.

Exordio indirecto do discurso suasorio de D. Bernardo da Cruz, bispo de S. Thome, e do provincial, Fr. Luiz de Granada, procurando mover o arcebispo, Bartholomen dos Martyres, a que accrescentasse o estado da sua casa

... Que o seguir extremos sempre fôra extranhado de bons intendimentos; que fastos demasiados, nem os louvava nem lh'os persuadia; mas fazer-se respeitar com mais casa e melhores atavios, e acompanhamento decente, não sómente não encontrava a virtude, mas era coisa necessaria; que os homens prudentes sempre costumaram conformar-se com os tempos em que viviam. Quando o mundo todo era sancto, na primittiva egreja, podiam os prelados so com um bordão na mão governar reinos inteiros, e fazer-se temer, como um Ambrosio do imperador Thedosio, e um Martinho de Valentiniano: mas em edado tam estragada e perdida como a presente, era forçado aproveitarem-se os prelados de ambos os gladios, para mostrarem também força e poder humano aos que, fiados em grossas rendas e em casas chêas de armas e creados, se deixavam estar encharcados no lodo das maldades. como em banhos suaves, á vista o olhos do mundo....

Exordio abrupto do sermão da primeira dominga do presento pregado por Vieira na capella real em 1650

Tune videbant, etc.

Abrazado finalmente o mundo, e reduzido a um mar de cinzas tudo o que o esquecimento d'este dia edificou sobre a terra; quando já não se verão neste formoso e dilatado

mappa senão umas poucas cinzas, reliquias de sua grandeza, e desengano de nossa vaidade; soará no ar uma trombeta espantosa, não metaphorica, mas verdadeira (que isso quer dizer a repetição de S. Paulo: Canct enim tuba). E, obedecendo aos imperios d'aquella voz o céo, o inferno, o purgatorio, o limbo, o mar, a terra; abrirse-ão em um momento as sepulturas, e apparecerão no mundo os mortos vivos. Parece-vos muito que a voz de uma trombeta haja de achar obediencia nos mortos? Ora reparae em outro milagre major; e não vos parecerá grande este. Entrae pelos desertos do Egypto, da Thebaida, da Palestina, penetrae o mais interior e retirado d'aquellas soledades: que é o que vêdes? Naquella cova vereis mettido um Hilarião, n'aquell'outra um Macario, na outra mais apartada um Pacomio, aqui um Paulo, alli um Jeronymo, acolá um Arsenio; da outra parte uma Maria Egypciaca, uma Thais, uma Pelagia, uma Theodora. Homens, mulheres, que é isto? Quem vos trouxe a esse estado? Quem vos anticipou a morte? quem vos amortalhou nesses cilicios? Quem vos enterrou em vida? Quem vos metteu nessas sepulturas? Quem? Responderá por todos S. Jeronymo: Semper mihi videtur insonare tuba illa terribilis: Surgite mortui, venite ad judicium. Sabeis quem nos vestiu d'estas mortalhas? Sabeis quem nos fechou nestas sepulturas? A lembrança d'aquella trombeta temerosa, que ha de soar no ultimo dia: Levantae-vos mortos, e vinde a juizo. Pois se a voz d'esta trombeta, só imaginada (pesae bem a consequencia), se a voz d'esta trombeta, só imaginada, bastou para enterrar os vivos; que muito que, quando soar verdadeiramento, seja poderosa para desenterrar os mortos? O meu espanto não é este. O que me espanta, e o que deve assembrar a todos, é que haja de bastar esta trombeta para resuscitar os mortos, e que não baste para espertar os mortaes. Crêdes, mortaes, que ha de haver juizo?... Virá o dia final; e então sentirá nossa insensibilidade sem remedio o que agora podéra ser com proveito. Quanto melhor fora chorar agora e arrepender agora, como faziam aquelles e aquellas penitentes do ermo, do que chorar e arrepender depois, quando para as lagrimas não ha de hayer misericordia, nem para os arrependimentos perdão! Agora vivemos como queremos; e ainda mal, porque depois havemos de resuscitar como não quizeramos.

Narração do sermão de Sancta Catharina, pregado por Vieira á passersidade de Coimbra em 1663

O mais formoso theatro que nunca viu o mundo, a mais grave e ostentosa disputa que nunca ouviram as academias, a mais rara e portentosa victoria que nunca alcançou da ignorancia douta e presumida a verdadeira sabedoria. é a que hoje teve por defendente um cherubim em habito de mulher, ou un rosto de mulher com intendimento e azas de cherubim, Sancta Catharina. A aula ou theatro d'esta famosa representação foi o palacio imperial; os ouvintes e assistentes o imperador Maximino, o senado de Alexandria e toda a côrte e nobreza do Oriente; a questão a da verdadeira divindade de um ou de muitos deuses, e a fé e religião que deviam seguir os homens; os defendentes, de uma parte, uma mulher de poucos annos, e da outra cincoenta philosophos, escolhidos de todas as seitas e universidades; e a expectação, da disputa e successo da controversia, egual nos animos de todos á grandeza de tam inaudito certame. Em primeiro logar, propozeram os philosophos, inchados, seus argumentos applaudidos e victoriados de todo o theatro, e só da intrepida defendente recebidos com modesto riso. E, depois-que todos disseram quanto sabiam em defensa e auctoridade dos deuses mortos e mudos, que elles chamavam immortaes; então falou Catharina por parte da divindade eterna e sem principio do Creador do céo e da terra, e da humanidade do Verbo tomada em tempo para remedio do mundo. Falou Catharina; e foi tal o peso das suas razões o subtileza do seu ingenho e a eloquencia mais que humana, com que orou e perorou, que não só desfez facilmente os fundamentos

ou erros dos enganados philosophos; mas, redarguindo e convertendo contra elles seus proprios argumentos, os confundiu e convenceu com tal evidencia que, sem haver entre elles quem se atrevesse a responder ou instar, todos confessaram a-uma voz a verdade infallivel da fé e religião christa. E que faria com este successo Maximino, imperador empenhado e cruel? Affrontado de se ver vencido nos mesmos mestres da sua crença, de quem tinha fiado a honra e defensa d'ella; e enfurecido e fóra de si, por ver publicamente demonstrada e conhecida a falsidade dos vãos e infames deuses a quem attribuia o seu imperio, -em logar de seguir a luz e docilidade racional dos mesmos philosophos, com sentença barbara e impia mandou que ou sacrificassem logo aos idolos, ou morressem todos a fogo. Todos, sem duvidar nem vacillar algum, acceitaram a morte por Christo, não só constantemente, mas com grando alegria e júbilo: e na mesma hora, e do mesmo theatro aonde tinham entrado philosophos, sairam theologos; aonde tinham entrado gentios, sairam christãos; e aonde tinham entrado idolatras, saíram martyres. Oh victoria da fé a mais illustre e ostentosa que antes nem depois celebraram os seculos da christandade ! Oh triumpho de Catharina, não com duas palmas nas mãos, de virgem e martyr, mas com cincoenta palmas aos pés, de subtil, de angelica e de invencivel doutora! Digna, por esta inaudita façanha, de que no mais alto do monte Sinai, depois de ser throno do supremo legislador, as mesmas mãos que escreveram as primeiras lettras divinas levantassem eterno trophéo á memoria das suas.

Esta foi, senhores, a famosa acção, tam propria do dia como do logar, sobre que determino discorrer neste breve espaço; e, para ponderar os quilates d'ella nas circumstancias mais particulares e relevantes de tam admiravel victoria, me offereceu o evangelho as palavras que propuz: Quinque autem ex eis crant fatuac et quinque prudentes. Eram as virgens, que sairam a receber o esposo, dez; e, d'estas dez, cinco sábias e cinco nescias. Sábias e nescias quando saíram: Exierunt obeiam sponso et sponsae; sábias e nescias quando se detiveram: Moram autem faciente sponso; sábias e nescias quando umas entraram ás

vodas, outras ficaram de fóra: Et, quae paratae crant, intraverunt cum eo ad nuptias: et clausa est janua. O em que agora reparo é que, sendo essas duas parelhas similhantes no sexo, eguaes no numero, e differentes no intendimento; similhantes no sexo, porque todas eram mulheres; eguaes no numero, porque umas eram sábias, outras nescias; nem todas estas nescias, nem parte, nem sequer uma d'ellas, com a companhia, com o tracto e com a conversação das sábias, se emendasse e deixasse de ser nescia. Se todas as nescias apprendessem e todas as sábias as ensinassem a o ser, não parece demasiada maravilha de mulheres a mulheres, de cinco a cinco, e de sábias a nescias; mas de mulheres a mulher, de cinco a uma, e de sábias a nescia, que nem esta, uma e unica, se mudasse com a companhia, nem se emendasse com o tracto, nem se convertesse com o exemplo! Assim foi, e assim costuma ser; sendo mais digno de admiração que as nescias não pervertessem a todas as sábias, que todas as sábias não converterem uma nescia.

Passemos agora a Santa Catharina, e vejamos estas mesmas parelhas no sexo, no numero e no intendimento. quam diversas foram na sua batalha e quanto mais admiraveis na sua victoria. Lá, o sexo era o mesmo, porque umas e outras eram mulheres; o numero egual, porque umas e outras eram cinco; as armas e a força major, porque umas eram sábias, e outras nescias: porém, na batalha de Catharina com os philosophos, ella era uma, e elles cincoenta; ella mulher, e elles homens; ella sábia, e elles sabios: que é muito mais forte e muito mais difficultosa opposição. E que a mulher ou menos que mulher (porque apenas chegava a dezoito annos), posta em campo contra tantos e taes homens, não só vencesse a um, nem a muitos, senão a todos, e os subjeitasse a defender com a vida a mesma fé que impugnavam : estas digo que foram as circumstancias da sua victoria, que a tazem, sobre toda a imaginação, gloriosa. Vamos agora discorrendo, e ponderando cada uma per si; veremos quam singular foi em cada-uma e em todas a nossa sábia vencedora....

Confirmação do discurso suasorio (atrás citado) de D. Bernardo da Cruz, bispo de S. Thomé, e do provincial, fr. Luiz de Granada, procurando mover o arcebispo a que accrescentasse o estado da sua casa.

Que quanto (diziam) se fazia na terra, fossem quaes fossem os meios e os principios, tudo vinha traçado do ceo; que, se faltára um provincial religioso e amigo para o nomear, e ainda uma rainha e um rei para lhe dar a mitra, não faltára uma luz do céo para o descobrir, como a S. Gregorio; ou uma pomba, como a S. Petronio; ou outro meio de muitos que as historias contam; que emfim a mão de Dens não estava hoje abbreviada. E, pois a sua eleição fora obra da mão de Deus, devia conformar-se com elle, o não usar da dignidade de maneira que désse a intender (como já se la notando) que a estimava pouco, ou andava com ella desgostado e, como dizem, de brigas. Que isto dizia, porque nem a trabalhosa vida que se dava, nem o modo de sua familia e acompanhamento, conformava com a grandeza pontifical e primacia de Hispanha, em que o Deus pozéra, fazendo-o successor de tantos e tam famosos arcebispos e, emfim, do grande filho do trovão, Sanct'lago, primeiro fundador da egreja e primacia de Braga.-Aqui tomou a mão o provincial, e foi proseguindo no mesmo argumento, mostrando-lhe com vivas razões que o hispo aponetára bem; e dizia: Que fosse embora sancto e muito sancto de suas portas a dentro e para comsigo, como fazia; que isso era o certo e elle lh'o não podia desaconselhar; mas fóra de casa não era indecente, antes convinha muito, mostrar brio e uma certa majestade de principe (pois elle o era na egreja de Deus): que isto não era pedir-lhe novidades, senão lembrar-lhe que se accommodasse aos costumes que achava no mundo, e ao que via usado em toda a christandade e na cabeça d'ella e d'elle, que era Roma; onde o poder humano juucto ao divino fazia veneravel e respeitada a suprema cadeira; e porisso o summo pontifice, que a regía, consentia que os cardiaes e principes

d'ella possuissem muitos contos de renda, usassem baixellas de oiro e prata, tivessem coches e ginetes; suas casas e palacios magnificos se auctorisassem com sumptuosas architecturas e recamaras chêas de sedas e brocados; porque, na verdade, estas cojsas de si não encontravam a virtude, e serviam de accrescentar majestade á egreja. Que seguir e sentir o contrario d'isto era (se se havia de falar claro e como entre amigos) um querer resuscitar velhices e impossibilidades que, por esquecidas e desusadas, eram meras novidades: e fazel-as elle e pretender mantel-as, era ser singular e um genero de fazer seita per si, fiando pertinazmente de sua opinião coisas de que o mundo já não estava capaz. E que, pois tinha presentes dois amigos, que estimavam e tinham sua honra por propria, assentassem todos tres uma fórma e ordem tal, em sua vida e governo, que, sem chegar a demasias, bastasse para lho grangear reverencia e auctoridade e estimação no povo.

# Refutação das razões do provincial, producidas no discurso antecedente

De-maneira-que (dizia) vejo dois prelados da ordem de meu glorioso padre S. Domingos, prelados sanctos e religiosos, convertidos boje em Platões e Tullios, formando republicas gentilicas com razões e preceitos em tudo humanos; republicas até para os mesmos gentios fundadas no ar ou em sonhos e desejos sómente; vistas nunca, nunca executadas: e isto para me darem methodo no governo da republica espiritual e christà. Confesso que tomára ver esta linguagem em toda outra pessoa, antes que na bôcca dos que tanto me tocam. Que me faça respeitar dos pobres, gastando com minha pessoa e tirando aos mesmos pobres aquillo com que os posso remediar e manterl Que metta em ataviar ereados e doirar baixellas, e ornar paredes mortas, o cabedal com que posso amparar a or-

phã, soccorrer a viuva, e vestir paredes vivas! Que empregue tempo e cuidado em apparato de mêsa e mestres de cozinha, para que sobejem potagens, que desbaratam a saude, levam a fazenda, e aos pobres não mattam a fome! Quem não vê que sam isto preceitos gentilicos? D'esse modo, em vão trabalharam um Hilario, um Martinho, um Nicolau, por nos deixarem sanctos exemplos, governando suas egrejas, no meio de cidades populosas, com tanta austeridade em suas pessoas e casas, como se moraram na major pobreza do deserto. Logo mal escreveram os Jeronymos, os Ambrosios, os Agustinhos; já não ha fazer caso das regras de viver, que nos decretaram os sanctos concilios, regras dadas polo Espirito-Sancto, que nelles assiste! E se não, mostre-me alguem na vida d'estes padres ou em escriptos seus, que posso eu, sendo mero dispenseiro e não domno do patrimonio de Christo, que é a renda ecclesiastica, competir á conta d'ella com os principes seculares em pompa e fastos: cruzar-me-ei, se tal me mostrarem. Mas se cu lejo e acho em todos o contrario d'estas razões, como hei de acabar commigo deixar-me vencer d'ellas? Como as não hei de haver por gentilicas? Os sanctos a prégar pobreza e seguil-a em tudo; e cu que me metta em fastos! Os sanctos a persuadir-me humildade e metter-se debaixo dos pés de todos; e eu que mostre brios e ufania! Que esteja Christo mandando aos discipulos que caminhem descalços e sem alforges; o Fr. Bartholomeu, successor d'elles, que ande cercado de creados e com acompanhamento e estado de principe! Não é isto, padres reverendissimos, o que eu apprendi nas escholas. O concilio carthagineuse quarto, na regra que dá aos bispos, me ensina que seja a minha mêsa pobre e as alfaias d'esta casa vis e de pouco preco; e. se quero auctoridade, que a procure com merecimento de vida e costumes. E.S. Basilio, que, por perfeito prelado e perfeito monge, mereceu o nome de Magno, me guia no recato que estamos obrigados a guardar na distribuição dos bens da egreja; affirmando a Juliano, imperador, que qualquer sacerdote que se occupa em adquirir e guardar, ou se desmanda em gastar largo, não está subjeito a menos pena polo que mal gasta ou enthesoura, que polo que furta do

altar; e emfim resolve que do altar furtamos tudo o que aos pobres não damos. Não vai longe d'aqui o lume da egreja, nosso padre S. Thomaz. Todos sabemos quam estreitas e quam limitadas sam as taxas que põi á casa, á familia e a todas as mais dispesas dos prelados. Comparemos agora esta doutrina com ess'outras razões, ponhamol-a com ellas em balanca; vel-as-emos ir per esses ares e desapparecer como phantasticas e sophiticas e sem nenhum pêso. Que razão é que nos envergonhemos de querer ajudar o poder divino com o oiro e com a prata e com as mais valias da terra; quando cantamos d'elle, que, para confundir essas forças e mostrar quam pouco montam em sua presenca, buscou e escolheu mui fracas com que as desbarata. Se com fumos e vaidades (que outra coisa não é toda a potencia humana) nos havemos de accreditar, os bispos, u-l-as partes que deixâmos a Deus? u-l-as (\*) partes que damos á virtude? quando os que melhor sentiram entre esses mesmos gentios, em todas as materias e occasiões, á inteireza e valor do animo attribuiram mais e d'elle fizeram mais conta, que de todas as riquezas e hens corporaes. Olhemos para elles, e veremos a um dat graças á fortuna, quando lhe levou a fazenda com o naufragio: porque ficava mais leve e desembaracado para se entregar à vida philosophica virtuosa. Acharemos outro que enjeita as ofiertas do suberbo Alexandro. e se dá por pago com que lhe não tolha os rajos do sol que lhe tomava, chegando-se a vel-o; e fez-lhe confessar tam crescida inveja aquelle desprezo do mundo, que affirmon que, a não ser Alexandre, só Diogenes quizera ser. E outro houve que, tractando-se de uma commodidade sua, fez d'ella tam pouco caso que respondeu: Maior sum et ad majora natus, quam ut sim mancipium corporis mei: sentenca digna de um grande christão. Resolvo-me, padres reverendissimos, que, se as rendas d'esta minha egreja foram de tal qualidado, que as poderamos estirar quanto se póde extender a vontade, ainda então

<sup>(\*)</sup> U-l-o, u-l-a, termos compostos de u, adv. ant. onde, e dos artigos o a, com um l'entremettido por euphonia; isto e, onde o, onde a, onde os, onde as. As vezes acha-se — ullo, ulla —, o que é o mesmo.

houvers de cuidar muito no modo de as repartir. Mas, sendo assim que sam tam curtas que, se as dispender commigo, não me fica que dar aos pobres; e, se não dou a pobres, fico sendo senhor e proprietario e não dispenseiro: coisa que direitamente é contra a opinião dos sanctos. - digo châmente e declaro que, se os meus prebendados desejam ouvir alvoradas de charamelas, e se os fidalgos de Braga querem ver passeios de ginetes formosos e mulas gordas e anafadas, e nuvens de pagens enfeitados e rugindo sedas: desenganem-se, que nunca me verão tam desatinado que dispenda com ociosos aquillo com que posso dar vida a muitos pobres. Soa-me dentro nalma, padres reverendissimos, e faz-me retinnir ambos os ouvidos aquella voz que, se conta, foi ouvida do céo em tempo de Constantino Magno, quando com sancta liberalidade começou a enriquecer a egreja: Grande nune venenum in Ecclesia Dei effusum est. E. considerando a conveniencia que têm com a doutrina que, tantos annos antes, nos escreveu S. Paulo: Habentes autem alimenta et quibus tegamur, his contenti simus; confesso que não me atrevo, nem posso acabar commigo, dispender nem um só real fóra dos termos que devo á vida monastica que professei. Isto me lembra que prometti a vossa paternidade, padre nosso provincial, o dia que me obrigou com censuras a acceitar este cargo. Isto sei que posso fazer sem escrupulo, e com bom conselho dos sanctos: não farei outra coisa, emquanto tiver o juizo inteiro. Aos usos e costumes do tempo presente, que vossa paternidade me allegou; ás permissões e consentimentos, que ha, de quem póde e sabe, respondo que tudo é sancto, tudo louvavel, e por tal o tenho. Mas também sei que não posso errar, seguindo o pharol de Paulo; e, se todavia inda contra isto ha que dizer, e vossa paternidade intende que tinha eu perdido o norte neste governo, não está longe o remedio; vossa paternidade, que foi o meio de se me lancar esta braga, que não trago só nos pés, como a trazem os captivos, mas também sobre o pescoco e no coração, póde, com m'a fazer tirar, junctamente atalhar meus erros o usar commigo de grande misericordia.

A peroração do sermão de Vieira polo bom successo das armas de Portugal contra as de Hollanda

Chegado a este poncto, de que não sei nem se póde passar, parece-me que nos está dizendo vossa divina e humana bondade, Senhor, que o fizereis assim facilmente, e vos deixarieis persuadir e convencer d'estas nossas razões; senão que está clamando per outra parte vossa divina justiça; e, como sois egualmente justo e misericordioso, que não podeis deixar de castigar, sendo os peccados do Brasil tantos e tam grandes. Confesso, Deus meu, que assim é; e todos confessamos que somos grandissimos peccadores. Mas tam longe estou de me aquietar com esta resposta, que antes esses mesmos peccados, muitos e grandes, sam um novo e poderoso motivo dado por vós

mesmo para mais convencer vossa bondade.

A major força dos meus argumentos não consistiu em outro fundamento atégora, que no credito, na honra e na gloria, de vosso sanctissimo nome: Propter nomen tuum. E que motivo posso eu offerecer mais glorioso ao mesmo nome, que serem muitos e grandes os nossos peccados? Propter nomen tuum, Domine, propitiaberis peccato meo: multum est enim. Por amor de vosso nome, Senhor, estou certo (dizia David) que me haveis de perdoar meus peccados, porque não sam quaesquer peccados, senão muitos e grandes: multum est enim. Oh motivo digno só do peito de Deus! Oh consequencia que só na summa bondade póde ser forcosa! De-maneira-que, para lhe serem perdoados seus peccados, allegou um peccador a Deus que sam muitos e grandes. Sim; e não por amor do peccador nem por amor dos peccados, senão por amor da honra e gloria do mesmo Deus; a qual, quanto mais e maiores sam os peccados que perdôa, tanto maior é e mais engrandece e exalta seu sanctissimo nome: Propter nomen tuum, Domine, propitiaheris peccato meo; multum est enim. O mesmo David distingue na misericordia de Deus grandeza e multidão; a grandeza: secundum magnam misericor-

diam tuam: a multidão: et secundum multitudinem miserationum tuarum. E como a grandeza da misericordia divina é immensa, e a multidão de suas misericordias infinita; e o immenso não se póde medir nem o infinito contar -, para que uma e outra, de algum modo, tenha proporcionada materia de gloria, importa á mesma grandeza da misericordia que os peccados sejam grandes, e á mesma multidão das misericordias, que sejam muitos: multum est enim. Razão tenho eu logo, Senhor, do me não render á razão de serem muitos e grandes nossos peccados. E razão tenho tambem de instar em vos pedir a razão por que não desistís de os castigar: Quare obdormis? Quare faciem tuam avertis? Quare oblivisceris inopiae nostrae

et tribulationis nostrae?

E, se acaso ainda reclama vossa divina justica, porcerto, não já misericordioso senão justissimo Deus, que tambem a mesma justica se poderá dar por satisfeita com os rigores e castigos de tantos annos. Não sois vós, emquanto justo, aquelle justo juiz de quem canta o vosso propheta: Deus, judex justus, fortis et patiens, numquid irascitur per singulos dies? Pois se a vossa ira, ainda como de justo juiz, não é de todos os dias nem de muitos; porque se não dará por satisfeita com rigores de annos e tantos annos? Sei eu, legislador supremo, que nos casos de ira, postoque justificada, nos manda vossa sanctissima lei que não passe de um dia e que, antes de se por o sol, tenhamos perdoado: Sol non occidat super iracundiam vestram. Pois, se da fraqueza humana, e tam sensitiva, espera tal moderação nos aggravos vossa mesma lei, e lhe manda que perdôe e se aplaque em termo tam breve e tam preciso; vós, que sois Deus infinito, e tendes um coração tam dilatado como vossa immensidade, e em materia de perdão vos propondes aos homens por exemplo; como é possivel que os rigores de vossa ira se não abrandem em tantos annos, e que se ponha e torne a nascer o sol tantas e tantas vezes, vendo sempro desembainhada, o correndo sangue, a espada de vossa vingança? Sol de justica cuidei eu que vos chamavam as escripturas, porque, ainda quando mais fogoso e ardente, dentro do breve espaço de doze horas passava o rigor de vossos raios; mas não o dirá assim

este sol material que nos allumia e rodêa, pois ha tantos dias e tantos annos que, passando duas vezes sobre nós

de um tropico a outro, sempre vos vê irado.

Já vos não allego, Senhor, com o que dirá a terra e os homens, mas com o que dirá o céo e o mesmo sol. Quando Josué mandou parar o sol, as palayras da lingua hebraica, em que lhe falou, foram, não que parasse, senão que se calasse; Sol, tace contra Gabaon. Calar mandou ao sol o valente capitão, porque aquelles resplendores amortecidos, com que se la sepultar no occaso, eram umas linguas mudas com que o mesmo sol o murmurava de demasiadamente vingativo; eram umas vozes altissimas com que desde o céo lhe lembrava a lei de Deus, e lhe prégava que não podia continuar a vingança, pois elle se ja metter no occidente. Sol non occidat super iracundiam vestram. E se Deus, como auctor da mesma lei, ordenou que o sol parasse, e aquelle dia (o maior que viu o mundo) excedosse os termos da natureza per muitas horas e fosse o major; foi para que, concordando a justa lei com a justa vingança, nem per uma parte se deixasse de executar o rigor do castigo, nem per outra se dispensasse no rigor do preceito. Castigue-se o gahaonita, pois é justo castigal-o: mas esteja o sol parado atéque se acabe o castigo; para que a ira, postoque justa, do vencedor não passe os limites de um dia. Pois se este é, Senhor, o termo prescripto de vossa lei; se fazeis milagres e taes milagres para que ella se conserve inteira; e se Josué manda calar e immudecer o sol, porque se não queixe e dê vozes contra a continuação de sua ira, - que quereis que diga o mesmo sol, não parado nem immudecido? Que quereis que diga a lua e estrellas, já cançadas de ver nossas miserias? Que quereis que digam todos esses céos, creados não para apregoar vossas justiças senão para cautar vossas glorias, Coeli enarrant gloriam Dei?

Finalmente, benignissimo Jesu, verdadeiro Josué e verdadeiro sol, seja o epilogo e conclusão de tedas as nossas razões o vosso mesmo nome: Propter nomen tuum. Se o sol extranha a Josué rigores de mais de um dia, e Josué manda calar o sol, porque lh'os não extranha: como póde extranhar vossa divina justiça que useis comnosco de mi-

sericordia depois da execução de tantos e tam rigorosos castigos, continuados, não per um dia, ou muitos dias de doze horas, senão per tantos e tam compridos, que cedo serão doze? Se sois Jesu, que quer dizer salvador, sêde Jesu e sêde salvador nosso. Se sois sol e sol de justica, antes que se ponha o d'este dia, deponde os rigores da vossa. Deixae já o signo rigoroso de Leão e dae um passo ao signo de Virgem, signo propicio e benefico. Recebei influencias humanas de quem recebestes a humanidade. Perdoac-nos, Senhor, polos merecimentos da Virgem Sanctissima. Perdoae-nos por seus rogos ou perdoae-nos por seus imperios; que, se como creatura vos pede por nós o perdão, como mãe vos póde mandar e vos manda que nos perdoeis. Perdoae-nos, emfim, para que a vosso exemplo perdoemos; e perdoae nos tambem a exemplo nosso, que todos desde esta hora perdoamos a todos por vosso amor: Dimitte nobis debita nostra, sicut et nos dimittimus debitoribus nostris. Amen

FIN DO APPENDICE.

#### ENGINEED ECCH

# NOÇÕES PRELIMINARES

## DA ELOQUENCIA E DA RHETORICA EM GERAL

	Pag.
I Natureza, fim e divisão da eloquencia	1
II Meios, officios e requisitos do orador	4
III Operações do orador e partes da rhetorica	6

## PARTE PRIMEIRA

## INVENÇÃO

CAP.	I.	DA MATERIA DA ELOQUENCIA: DAS QUE-	
		STÕES; E DOS ESTADOS	9
CAP.	11.	DA NATUREZA DAS PROVAS EM GERAL, SUA	
		CLASSIFICAÇÃO E LOGARES	12
CAP.	III.	DO SIGNAL E DA AUCTORIDADE	14
CAP.	IV.	DOS EXEMPLOS	16
CAP.	V.	DOS ARGUMENTOS	19
CAP.	VI.	DAS ARGUMENTAÇÕES	21
CAP.	VII.	DOS AFFECTOS EM GERAL	24
CAP.	VIII.	COMO SE HAM DE EXCITAR OS AFFECTOS	
		ETHICOS ?	27
CAP.	IX.	COMO SE HAM DE MOVER OS AFFECTOS PA-	
		THETICOS?	29
CAP.	X.	DAS FONTES DOS PRAZERES DO GOSTO - O	
		SUBLIME E O BELLO	32

## PARTE SEGUNDA

## DISPOSIÇÃO

		Pag-
CAP. XI.	DA DISPOSIÇÃO DAS PARTES DO DISCURSO	
	EM GERAL	43
CAP. XII.	DO EXORDIO OU PROEMIO	47
CAP. XIII.	DA INFORMAÇÃO DO ASSUMPTO	55
	Da proposição	ib.
	Da particão	57
	Da narração	58
CAP. XIV.	DA CONFIRMAÇÃO	62
CAP. XV.	DA PERORAÇÃO	67
	PARTE TERCEIRA	
	ELOCUÇÃO	
CAP. XVI.	DA NATUREZA DA ELOCUÇÃO EM GERAL E	
(//11 . // // //	DA SUA DIFFICULDADE E EXCELLENCIA.	71
CAP. XVII.	DA ELOCUÇÃO ELEGANTE	73
I.	Da pureza da elocução, primeira parte da	
1.	elegancia	ib.
11.	Da correcção da elocução, segunda parte da	
***	elegancia	75
111.	Da clareza da elocução, terceira parte da	
	elegancia	ib.
CAP. XVIII.	DA ELOCUÇÃO ORNADA	80
I.	Dos dotes e fontes do ornato	ib.
11.	Dos diversos generos de pinturas	82
111.	Dos conceitos fortes	86
1V.	Dos conceitos agudos ou sentenças	92
ν.	Do adôrno ou ornato artificial, e primei-	
, ,	ramente nas palavras separadas	95

		rag.
VI.	Do adorno das palavras junctas; e pri-	
	meiro dos vicios	98
VII.	Dos tropos	100
	Primeiro genero, a metaphora	102
	Segundo genero, a ironia	106
	Terceiro genero, a synecdoche	108
	Quarto genero, a metonymia	110
	Especies de tropos, relativos a varios ge-	
	neros	113
VIII.	Das figuras em geral	117
· · · · · · · · · · · · · · · · · · ·	Das figuras dos pensamentos, para provar.	119
	Das figuras dos pensamentos, para mover.	122
	Das figuras dos pensamentos, para dolei-	122
	tar	127
	Das figuras das palavras; e primeira-	141
	mente das que se fazem per accrescenta-	
		190
	mento	128
	Das figuras das palavras per diminuição.	134
	Das figuras das palavras per consonan-	100
	cia	136
	Das figuras das palavras per symmetria	137
	Das figuras das palavras per contraposi-	4.00
	ção	138
	Das figuras das palavras per transposi-	400
	ção	139
CAP. XIX.	DA ELOCUÇÃO COLLOCADA	141
	Da ordem	145
	Da primeira especie de harmonia, a ligação	
	ou melodia	147
	Da segunda especie de harmonia, o numero	
	ou rhythmo	150
CAP. XX.	DA ELOCUÇÃO APTA E DECENTE	151
CAP. XXI.	DAS VARIAS FÓRMAS DE ELOCUÇÃO OU ESTY-	
	LOS	155
1.	Da natureza e divisão do estylo	ib.
11.	Do uso do estulo	160

## PARTE QUARTA

10/8	TIO.	SAR	PI	

								Pag.
CAP.	XXII.	DA	IMPORTANCIA	E	subsidios	DA	MEMORIA	163

## PARTE QUINTA

#### DECLAMAÇÃO

CAP. XXIII.	REGRAS SOBRE A DECLAMAÇÃO	169
A	Da voz	170
,	Do gesto	179
APPENDICE .		17

#### ERRATAS

Pay.	Linh.	Por	Lede
(Prefacio)	14	meus,	maus
6	12	pratica	practica
29	19	\$ 21	8 64
49	26	advogados	advogados,
63	8	tem por	tem, por
72	13	Mas-assim	Mas, assim-
ib.	18	e espada	á espada
82	7	finalmente	Relmente
87	28	peeta	poeta
89	7	Pilipp.	Philipp.
94	4	E osto	E este :
96	10	tamareis	tomareis
104	8	*sospe	cospe.
ib.	12	polo	polo
ib.	13	pola	pola
108	10	palavras	as palavras
116	28	só	86.
118	9	os quaes	os quaes,
164	32	per examplo	per exemple
169	6	porque	per quo
173	10	vos	VÓS
174	12	amolde-se	amoldo-se,
176	21	reinjo	reino
ib.	31	pelo	polo
180	11	n'aquell'outro	naquell'outro





